

revista
movimento
crítica, teoria e ação

ano 7. n. 24. jan./mar. 2022.

Edição Especial Mulheres

revista
movimento
crítica, teoria e ação

ano 7. n.24. jan./mar. 2022.



Editora
Movimento

Editores Etevaldo Teixeira
Roberto Robaina

Responsável Movimento Esquerda Socialista

Equipe editorial: Bruno Magalhães, Israel Dutra,
Pedro Micussi e Thiago Aguiar

Projeto gráfico Adria Meira
Capa e diagramação Vittorio Audi Poletto

Periodicidade Trimestral | 24ª edição. Ano 2022.

Autores que contribuem nesta edição: Adriana Herz Domingues, Bruno Magalhães, Bureau Executivo da Quarta Internacional, Carla Zanella, Caroline Vilar, Clara Zetkin, Israel Dutra, Luciana Genro, Michael Roberts, Paula Kaufmann, Resistência Feminista contra a Guerra, Roberto Robaina e Svetlana Ruseishvili

Movimento : crítica, teoria e ação / Movimento Esquerda
Socialista. ano 7, n.24 (jan.2022 - mar.2022) .
Porto Alegre : Movimento, 2022.

Trimestral.

ISSN 2448-1491

1. Marxismo Brasil. 2. Marxismo Mundo.
3. Socialismo. 4. Política Brasil. 5. Política
Internacional.

CDD 335.4

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Melchionna e Silva
CRB10/1813

Editora Movimento
Rua Bananal, 1679, Bairro Arquipélago
90090-010 - Porto Alegre-Rio Grande do Sul - Brasil

Impresso no Brasil
2022

Índice

Apresentação	6
<i>Paula Kaufmann e equipe editorial</i>	
Especial Mulheres	
Para enfrentar o bolsonarismo, construir um feminismo anticapitalista	9
<i>Paula Kaufmann</i>	
Para onde foi a Primavera Feminista?	19
<i>Adriana Herz Domingues e Caroline Vilar</i>	
Resgatar Lélia Gonzalez: o feminismo negro é revolucionário!	27
<i>Carla Zanella</i>	
Teoria	
“O capitalismo está em depressão e a única alternativa é o controle da classe trabalhadora” – Entrevista com o economista marxista Michael Roberts	33
<i>Luciana Genro</i>	
Apenas junto com as mulheres proletárias o socialismo será vitorioso	75
<i>Clara Zetkin</i>	
Internacional	
“O verdadeiro responsável pela guerra é o projeto de poder do Putin” – Entrevista com Svetlana Ruseishvili, professora do Departamento de Sociologia da Ufscar	91
<i>Bruno Magalhães e Israel Dutra</i>	
Não à invasão de Putin na Ucrânia! Apoio à resistência ucraniana! Solidariedade com a oposição russa à guerra!	114
<i>Bureau Executivo da Quarta Internacional</i>	

Feministas russas organizam redes de resistência contra a guerra	121
<i>Resistência Feminista contra a Guerra</i>	

Brasil

Lula e a reanimação da Nova República	126
<i>Roberto Robaina</i>	

Apresentação

Paula Kaufmann¹ e equipe editorial da *Revista Movimento*

Esta é a vigésima quarta edição da *Revista Movimento*. Iniciando nossas publicações em 2022, temos uma importante novidade para nossa militância e para nosso público leitor: a partir deste número, nossa revista será mensal e em formato digital, com um serviço de assinaturas *online* a partir de nosso portal. Ao longo dos próximos meses, teremos outras novidades.

Neste mês de março, preparamos uma edição com um dossiê de mulheres, organizado pelas mulheres do Movimento Esquerda Socialista (MES). Abrindo o dossiê, Paula Kaufmann trata da luta contra o bolsonarismo e da construção de um feminismo anticapitalista. Adriana Herz Domingues e Caroline Vilar, por sua vez, analisam a Primavera Feminista, suas raízes e consequências. Carla Zanella assina um artigo sobre o feminismo negro a partir do fundamental resgate da vida e da obra de Lélia Gonzalez.

Na seção de teoria, publicamos uma entrevista de fôlego conduzida por Luciana Genro com o economista marxista Michael Roberts, tratando da depressão capitalista em curso. Na sequência, publicamos artigo clássico da revolucionária Clara Zetkin sobre a importância da luta das mulheres proletárias para a construção do socialismo.

A seção internacional traz uma entrevista interessantíssima de Svetlana Ruseishvili, professora do Departamento de Sociologia da Ufscar, a Bruno Magalhães e Israel Dutra, analisando a guerra promovida pela Rússia na Ucrânia e a necessidade de solidariedade internacional ao povo ucraniano. Também colocamos à disposição de nossas leitoras e leitores dois documentos fundamentais sobre a guerra em curso: a declaração do Bureau Execu-

¹ Cientista social, membro da Coordenação Nacional do Coletivo Juntas! e da direção de mulheres do Movimento Esquerda Socialista (MES).

tivo da Quarta Internacional e um artigo do coletivo de mulheres russas Resistência Feminista contra a Guerra.

Por fim, a seção nacional reproduz artigo recente de Roberto Robaina sobre a candidatura de Lula e seu papel na reanimação da Nova República em crise. Boa leitura!

Especial Mulheres

Para enfrentar o bolsonarismo, construir um feminismo anticapitalista

Paula Kaufmann¹

O Brasil vive um momento de crise e de devastação profundas. As estatísticas de miséria triplicaram, a inflação desenfreada vem atingindo com mais força as camadas mais pobres, acarretando em um aprofundamento das desigualdades historicamente imensas no país.

A situação é agravada quando olhamos para a população negra e, em especial, para as mulheres. Elas são consideravelmente mais desempregadas, mais sobrecarregadas com o ônus do trabalho doméstico, com mais dificuldade de acesso à renda e também mais atingidas pela alta dos preços diante das desigualdades salariais.

É verdade também que as mulheres, enquanto sujeito político, tiveram papel importante na contestação ao projeto de morte encabeçado por Bolsonaro, desde o período eleitoral até agora, quando representam o setor da população que mais rejeita o presidente.

No entanto, nos perguntamos, no que parece ser o apagar das luzes desse governo tenebroso: qual deve ser o papel do movimento feminista diante deste contexto? Os tensionamentos em torno dessa questão passam a emergir nos espaços mais cotidianos de construção do movimento de mulheres. Não parece haver dúvida, entre as diferentes tendências, sobre a centralidade da tarefa de derrotar Bolsonaro, mas qual porta de saída tomar vem se tornando objeto de debate.

No fundo, essas discussões têm sua origem tanto em diferenças estratégicas que separam as organizações, como em balanços

¹ Cientista social, membro da Coordenação Nacional do Coletivo Juntas! e da direção de mulheres do Movimento Esquerda Socialista (MES).

distintos sobre o papel do movimento feminista nas últimas décadas.

É inegável a importância que a articulação do movimento de mulheres teve na denúncia dos casos de violência e feminicídio desde a década de 70, a centralidade que teve durante o processo da Constituinte nos anos 80 pela garantia dos direitos das mulheres e a relevância do seu papel de jogar luz sobre a necessidade de uma legislação firme contra a violência doméstica, como foi a implementação da Lei Maria da Penha. Foram passos importantes e necessários para o reconhecimento das desigualdades de gênero, mas insuficientes se buscamos superar tais injustiças.

Também é verdade que a estratégia dos setores hegemônicos do movimento se centrou nas disputas por dentro das estruturas do Estado e no processo eleitoral, depositando nos espaços da democracia burguesa e de suas instituições a expectativa de um “melhorismo” para as mulheres no país. Ao não questionarem as bases do Estado capitalista que produz a situação de exploração sobre os trabalhadores e trabalhadoras, acabam por perpetuá-las.

A postura desses setores petistas (ou sob sua influência) hoje, na conjuntura de fim de governo Bolsonaro e necessidade de sua derrota, é reflexo direto dessa concepção e orientação política. Depositam nas urnas e no retorno ao passado de mudanças pelas instituições burguesas do Estado a esperança de uma vida menos pior para as mulheres.

Diante desses problemas, vale emprestarmos de Nancy Fraser alguns conceitos para pensar como localizamos o papel do movimento feminista no atual cenário. A filósofa americana nos apresenta a “luta por reconhecimento” como a forma paradigmática de conflito político na era pós-socialista². A necessidade de *reconhecimento* das diferenças que marcam grupos sociais vem se mostrando como um dos principais alvos do debate político nes-

2 FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”. Cadernos de campo, São Paulo, n. 14/15, p. 231-239, 30 nov. 2006.

te período histórico. Isso em contraste à centralidade que teve, na arena do debate político, as demandas por *redistribuição* durante mais de um século, considerando um contexto social e econômico fortemente desigual que persiste até os dias atuais. Fraser defende a conjunção dessas duas lutas reivindicatórias como a real luta por justiça.

Para a autora, as reivindicações por *redistribuição* e aquelas por *reconhecimento* podem parecer, à primeira vista, inconciliáveis. Isso porque, no primeiro caso, demandamos a abolição das diferenças entre dois grupos - por exemplo, o enfrentamento às brutais desigualdades de classe - enquanto, no segundo caso, a batalha é pelo reconhecimento e aceitação das diferenças - como na luta pelos direitos da população LGBTQIA+.

Há, segundo a autora, distintas ordens de injustiça, que em alguma medida se combinam no sistema capitalista com o objetivo de maximizar a exploração. A injustiça socioeconômica (aquela geradora das desigualdades de classe) e a injustiça cultural (aquela que decorre da dominação cultural) podem ser encaradas com duas possibilidades de remédios, segundo Fraser. Por um lado, remédios *afirmativos* – que buscam minimizar as desigualdades sem atingir o coração da estrutura que as produz – e, por outro, remédios *transformativos* – que buscam atingir as desigualdades mirando o âmago do que as gera.

Parte significativa das organizações hegemônicas do movimento feminista tiveram o papel de responder quase que exclusivamente às demandas de reconhecimento, deixando de lado a luta pelas reivindicações socioeconômicas com o objetivo da redistribuição, “[...] recolocando as raízes do problema das opressões não no nível do capitalismo, mas no âmbito individual, das instituições e do Estado, enfatizando formas locais, individualizadas e fragmentadas de resistência, em detrimento de perspectivas totalizantes de transformação social”³ como apontamos na

3 MULHERES DO MES. Por um feminismo anticapitalista: mulheres na linha de frente da resistência e da construção de uma alternativa: Tese das Mulheres do MES e independentes para o Encontro

tese das mulheres do MES ao encontro de mulheres do PSOL em 2019.

O que encaramos no Brasil nas últimas três décadas, antes da ascensão do bolsonarismo ao poder, foi o que Nancy Fraser define como “neoliberalismo progressista”. No trecho abaixo, a filósofa se refere à realidade estadunidense, mas nos ajuda a compreender o conceito por ela apresentado:

Antes de Trump, o bloco hegemônico que dominava a política norte-americana era o neoliberalismo progressista. Isso pode soar como um oxímoro, mas era uma aliança real e poderosa de dois companheiros de cama improváveis: por um lado, as correntes liberais mainstream dos novos movimentos sociais (feminismo, anti-racismo, multiculturalismo, ambientalismo e direitos LGBTQ); por outro lado, os setores “simbólicos” e financeiros mais dinâmicos da economia dos EUA (Wall Street, Silicon Valley e Hollywood). O que manteve esse estranho casal junto foi uma combinação distinta de pontos de vista sobre a distribuição e o reconhecimento.⁴

No Brasil, o reconhecimento das reivindicações dos movimentos de luta contra as opressões a partir do governo FHC, ainda de maneira tímida, mas com maior força de 2003 em diante, com o início da era petista no poder, foi implementado em conjunto com uma política pouco efetiva de redistribuição. As importantes medidas dos governos Lula e Dilma do ponto de vista redistributivo, como por exemplo o Bolsa Família, ficaram na arena do que Fraser definiria como remédios afirmativos, sem atacar a raiz dos problemas. Afinal, foi este também o período de maior lucratividade dos bancos e da proliferação de bilionários e grandes conglomerados empresariais pelo país.

Para ficarmos no exemplo do combate à violência de gênero, a implementação da Lei Maria da Penha foi um avanço, conquistado depois de muitas décadas de luta feminista, reconhecendo

Nacional de Mulheres do PSOL. Revista Movimento, 14 maio de 2019. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2019/05/por-um-feminismo-anticapitalista/>. Acesso em: 27 fev. 2022.

4 FRASER, Nancy. Do Neoliberalismo Progressista a Trump – e além. Revista Movimento, 28 fev. 2018. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2018/02/do-neoliberalismo-progressista-a-trump-e-alem-nancy-fraser/>. Acesso em: 27 fev. 2022.

a violência doméstica e enquadrando-a no Código Penal. Ela possibilitou a mais efetiva identificação da violência e a possibilidade de mensuração e de definição de políticas públicas. No entanto, a lei nunca foi plenamente implementada, em especial se considerarmos seu papel pedagógico, de ressocialização de homens agressores, de implementação de redes de serviços assistenciais. Ademais, uma legislação sozinha não resolve o problema concreto da violência na vida das mulheres. As condições para que a violência doméstica exista são umbilicalmente ligadas às condições socioeconômicas das mulheres e de suas famílias. Isso não significa que mulheres de classe alta não sofram com a violência, já que ela de fato atravessa os recortes de classe. Mas significa que mulheres com menos condições de independência financeira, menos acesso à justiça e condições de trabalho degradantes têm muito menos amparo para sair de uma situação de violência. E muito pouco foi feito para efetivamente avançar nas condições de vida dessas mulheres.

Então, ao mesmo tempo que as organizações feministas ligadas ao petismo naquele momento agitavam as vitórias parciais que conquistávamos, não existia uma resposta real aos problemas de classe. A lucratividade dos bancos se dava apoiada no endividamento de famílias, muitas vezes chefiadas por mulheres negras. O Brasil foi o 7º país que mais ganhou bilionários na década de 2010 às custas de postos de trabalho precarizados, majoritariamente ocupados por mulheres e pessoas negras. Os grandes conglomerados empresariais cresceram também por conta de isenções fiscais milionárias, que deixavam de arrecadar para serviços públicos de qualidade. O acesso à cidadania pela via do consumo sobretaxava aqueles que tinham as menores rendas.

Foi um período de conquistas de políticas *afirmativas*, que representaram avanços parciais, mas não *transformativas*. Também progredimos do ponto de vista das reivindicações de reconhecimento, mas muito pouco nas demandas de redistribuição. E

talvez aqui resida o cerne da nossa diferença com aquelas que se apresentam como defensoras do legado petista no movimento feminista. Para nós não basta a compreensão da nossa condição e do nosso lugar numa sociedade patriarcal. Nossa luta é pela derubada do sistema capitalista que se apropria das diferenças de gênero para ampliar sua exploração. E essa derrota não se dará através de uma disputa por dentro do Estado ou somente pela via eleitoral. Ela tem que ser profunda, indo à raiz dos problemas da classe trabalhadora.

E sabemos que quando falamos sobre a classe trabalhadora brasileira estamos falando majoritariamente de uma população negra, que são a maioria dos pauperizados vivendo sob condições mais precarizadas. As mulheres são uma parcela considerável dessa classe e, também por isso, um sujeito estratégico para a luta anticapitalista. Por mais que muitas vezes estivesse presente no discurso dos movimentos hegemônicos dentro do feminismo o destaque para o papel das mulheres negras, escondiam a realidade de governos que estimulavam o encarceramento em massa, que entre mulheres saltou 455% entre 2000 e 2016, sendo 62% negras; faziam vistas grossas para o genocídio da população preta, quando o assassinato de pessoas negras aumentou 11,5% mesmo diante de uma diminuição de 12,9% do homicídio de pessoas não negras entre 2008 e 2018⁵; não questionavam as estruturas que promoveram um aumento do feminicídio das mulheres negras diante da queda do índice entre as mulheres não negras desde 2009.

Muitas vezes apontadas como símbolos da resistência, as mulheres indígenas também viram naquelas décadas suas pautas muitas vezes sufocadas, como foi no caso da construção de Belo Monte, que passou como um trator por cima da luta histórica dos povos originários.

5 ROQUE, Atila. Precisamos falar sobre o genocídio do negro brasileiro. *Jornal Nexo*, 21 set. 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/2021/Precisamos-falar-sobre-o-genoc%C3%ADdio-do-negro-brasileiro>. Acesso em: 28 fev. 2022.

Também parte das limitações deste feminismo reside nas suas práticas transexcludentes. Seja do ponto de vista da atuação estatal, que não avançou para o reconhecimento das mulheres trans e travestis ou para o combate das violências que as atinge – fazendo de moeda de troca com a base parlamentar conservadora as tímidas políticas para a população LGBTQIA+, seja do ponto de vista de suas organizações no movimento feminista que, mesmo que não excluam abertamente essas mulheres, não têm uma política transinclusiva que compreende e prioriza suas pautas. É um feminismo que não abarca todas as mulheres, passando ao largo até mesmo das políticas de reconhecimento para trans e travestis.

Para além das incongruências entre o discurso desses setores do movimento feminista e a prática dos governos que defendiam, existe entre a construção delas e o feminismo que nós defendemos uma diferença em relação à onda mais recente de manifestações da luta das mulheres desde o início da década passada.

É sabido que desde 2011 há uma nova onda do feminismo com dimensões globais, muitas vezes expressa por mulheres jovens que não foram parte de mobilizações anteriores e deram partida numa construção de um caminho próprio para o feminismo. O principal marco desse novo tempo foram as Marchas das Vadias, que iniciaram no Canadá, mas rapidamente se espalharam por todo o globo. Eram manifestações espontâneas, sem uma direção clara, incentivadas pelas mobilizações nas redes e que moviam milhares de mulheres para as ruas. Diante dessa grande novidade que era essa massa de jovens mulheres tomando as ruas através de pautas e métodos distintos das organizações feministas mais tradicionais, os setores petistas passaram a rejeitar aquelas manifestações.

Em uma postura hegemônica, que rejeita tudo aquilo que não está sob seu controle direto e que desconsidera práticas políticas que fujam da sua cartilha, acusavam as mulheres mais

jovens que conduziam, muitas vezes de maneira desordenada, aquela mobilização crescente, como ingratas à luta das que vieram antes, inexperientes e incapazes de compreender a profundidade das pautas feministas.

É verdade que as debilidades da luta das mulheres no início desta nova onda existiam e deveriam ser alvo de debate - seja pelas palavras de ordem muitas vezes excessivamente individualistas, seja pela pouca capacidade de enraizamento nos setores mais pauperizados da sociedade, ou mesmo pela sua pouca capacidade de organizar aquela força mobilizada de mulheres nas ruas para uma luta mais estruturante. Mas o fato é que ao invés de acolher a luta pulsante naquelas mulheres a fim de politizar ou direcionar aquele movimento para novos alvos, parte do movimento feminista hegemônico escolheu acusar as debilidades rejeitando o conjunto do movimento através de um argumento de autoridade daquelas que “chegaram antes” e teriam a prerrogativa de falar em nome do feminismo. Diziam que aquelas que se mobilizavam e passavam a encontrar, a partir daquele momento, no feminismo uma ferramenta de luta contra uma sociedade excludente, na verdade estavam negando o passado da luta feminista construída até ali, o que não era verdade.

Pelo fato daquelas mobilizações de muita força não terem passado pela direção dos setores tradicionais do movimento, essa direção escolheu aquela experiência de luta que foi transformadora para uma camada expressiva de mulheres. Foi uma oportunidade para que setores que tinham uma trajetória mais longínqua no movimento feminista pudessem, inclusive, incorporar novos métodos de mobilização, de linguagem e de organização mais democráticos que os atuais.

De lá pra cá, a conjuntura do país e do mundo sofreu grandes abalos. Aqui, a política do neoliberalismo progressista foi tirada de cena para dar lugar ao ultraliberalismo reacionário de Bolsonaro. A situação da classe trabalhadora sofreu uma intensa

degradação em razão das políticas econômicas do governo, acentuada pela pandemia do novo coronavírus. Diante do projeto racista, misógino e antipovo de Bolsonaro, a situação das mulheres brasileiras também se agravou com um aumento significativo da violência de gênero, além do desemprego e da carestia, que as atingem com ainda mais força.

Esse quadro delicado e complexo nos exige respostas contundentes. O papel do movimento feminista, neste cenário, não deve ser de apostar nas mesmas respostas institucionais e eleitorais que nos trouxeram até aqui. Nem mesmo cabe compreender que apenas a agitação das nossas bandeiras e o atendimento às pautas que dialogam com a nossa realidade, sem uma transformação profunda e radical da sociedade de classes, nos basta.

É evidente que devemos ser parte constitutiva de um movimento amplo que irá demover Bolsonaro do poder, o que se dará, também, pelas urnas. Por esta razão, apostaremos na importância do processo eleitoral como parte do enfraquecimento do bolsonarismo. É nesse sentido que construiremos as campanhas pela reeleição de Sâmia Bomfim, Fernanda Melchionna e Vivi Reis, além de diversas outras candidaturas pelo país, também compreendendo que estas são figuras públicas que traduzem um programa anticapitalista e atento às lutas democráticas.

Contudo, a derrota do bolsonarismo enquanto um movimento conservador e reacionário que tem como um de seus pilares a misoginia, não se dará apenas com a derrota eleitoral de Bolsonaro. A disputa por uma sociedade de outro tipo não é simples. Por isso, nossa aliança para que haja luta após 2022 deve ser com aquelas que irão resistir independente de quem ocupe a cadeira do Palácio do Planalto. Afinal, os problemas da classe trabalhadora continuarão colocados e precisamos estar à altura de dar resposta a essas indignações e canalizá-la para a organização do nosso povo.

É por essas razões que a nossa defesa é pela construção de um

feminismo totalizante, para os 99%, como bem definiram Cinzia Arruzza, Nancy Fraser e Tithi Bhattacharya.⁶ Apontamos para a necessidade de que a luta feminista conjugue as demandas por reconhecimento – tão fundamentais para uma sociedade racista, patriarcal e LGBTQIA+fóbica como a que vivemos – com as lutas por redistribuição, sem as quais não superaremos o abismo que separa os de cima dos de baixo. Para isso, é necessário fundar novas referências e novos marcos para o movimento feminista que seja construído de baixo para cima e que, mais do que afirmar a si mesmo, tenha a tarefa de atingir o coração da nossa exploração, combinando a luta anticapitalista com as pautas essenciais dos movimentos negro, LGBTQIA+, anti-capacitista, ambientalista, sindical e feminista.

⁶ ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%: um Manifesto*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

Para onde foi a Primavera Feminista?

Adriana Herz Domingues e Caroline Vilar¹

Antes de falarmos da Primavera Feminista é importante entendermos qual foi o contexto no qual ela se deu, nesse sentido trazemos três principais fatores que se cruzaram nas disputas do que veio a ser talvez o maior movimento de mulheres – organizadas enquanto mulheres – que o mundo já viu.

O primeiro deles é a crise multifatorial do capitalismo, que se iniciou com a quebra do mercado financeiro em 2008 e segue até agora. Para compensar a queda no lucro, grandes empresas e os governos por elas eleitos necessitaram invadir áreas da vida humana antes não completamente dominadas pelo capital. Isso significou um avanço das privatizações de serviços e espaços de coletivização do trabalho de cuidado, precarizando as possibilidades de vida daquelas que deles tiravam seu sustento – como as trabalhadoras da saúde, da educação, dos refeitórios populares etc. – e sobrecarregando todas que deles dependiam com o avanço da família como lugar privilegiado e individualizado do cuidado. Perdemos nossos empregos, já que os trabalhos do cuidado sempre foram majoritariamente femininos, e assumimos muito mais responsabilidades em casa como mães, filhas e irmãs.

O segundo fator necessário para compreender as condições de possibilidade da Primavera Feminista foi que diante dessa crise os povos de todo mundo ensaiaram respostas nas mobilizações de rua. Precisamos entender as manifestações de mulheres em uníssono com a Primavera Árabe, os Indignados da Espanha e Junho de 2013. As mulheres estiveram presentes e com protagonismo em todos esses momentos, e aprenderam também que o feminismo seria uma ferramenta para levantarem suas questões dentro de seus movimentos.

¹ Membros da coordenação nacional do coletivo Juntas!.

Mas há ainda mais um elemento importante, que diz respeito ao lugar que as mulheres ocupavam no mundo, já bem diferente daquele com o qual feministas da primeira ou segunda onda se depararam. A Primavera Feminista se deu em um momento de transformações na organização da família nuclear. Os direitos formais conquistados por feministas anteriores já colocaram as mulheres em outra relação com o espaço público: podemos votar, falar em público e estudar na maior parte do mundo - isso não é pouca coisa, ainda que saibamos que direitos formais são limitados pela materialidade da exploração capitalista. Além disso, como argumenta Verónica Gago, com a crise há um declínio do Patriarcado do Salário¹ na medida em que os homens não são mais capazes de cumprir seu papel de provedores.

Não é possível passar por esse percurso e adentrar a Primavera Feminista sem notar que se coloca uma disputa entre a necessidade de reprodução da classe trabalhadora de maneira individualizada pelas mulheres dentro do lar e a liberdade por elas conquistada e de certa forma incentivada por discursos dentro do próprio neoliberalismo. E é importante ressaltar também que essa disputa, principalmente em países de capitalismo periférico, se dá através da violência. Essa violência pode ser a de homens que necessitam reafirmar seu papel de provedores dentro do lar, de homens que não suportam ver mulheres dentro das universidades e dos espaços de decisão política, de empresas minadoras que invadem territórios indígenas ou da reorganização da masculinidade em territórios nos quais forças paramilitares - como as milícias - são a única fonte de renda acessível.

Foi nesse contexto que vimos surgir em 2011 a Marcha das Vadias no Canadá, que apesar de suas contradições foi um marco essencial na luta das mulheres contra as violências e se espalhou por todo mundo. Ela foi seguida por manifestações massivas na Índia e no Brasil diante de casos de estupro coletivos e pelo imenso movimento latino-americano *Ni Una Menos*. No Brasil, mar-

cos importantes da Primavera Feminista foram o “Pílula Fica, Cunha Sai” que marcou a luta das mulheres contra um regime apodrecido que ainda tenta se manter através do controle dos nossos corpos e a Marcha Das Mulheres Negras que indicou disputas importantes que estavam se dando dentro do feminismo. Em 2017, um chamado pela Greve Internacional Das Mulheres coloca a necessidade de um salto no conteúdo político da Primavera Feminista com o chamado “se nossas vidas não importam, que produzam sem nós”. Nesse ano, mulheres de todo mundo se organizaram para uma paralisação da produção no Dia Internacional da Mulher, com atos enormes em todo mundo. Desde 2017, o oito de março tem sido um dia de mobilização unificada das mulheres brasileiras contra o avanço das reformas neoliberais e do conservadorismo. A luta das mulheres alcançou dimensões variadas em diferentes países, chegando a representar com o exército feminino curdo a luta pela independência e autodeterminação dos povos.

Como afirmarmos anteriormente, a Primavera Feminista foi um fenômeno disputado desde o início pelo discurso neoliberal, através do Feminismo Liberal. As palavras de ordem do bojo “meu corpo, minhas regras”, o movimento hollywoodiano do “me too”, a luta por mais mulheres na política são todos chamados que abarcam em si a contradição da luta por uma liberdade nos moldes do liberalismo, que pode ou não avançar para um debate sobre as condições materiais para essa liberdade. Para poucas mulheres, o que estava colocado era a possibilidade de disputar com homens cargos mais altos em empresas, através dos quais estariam explorando outras mulheres, ou postos na política institucional através dos quais dariam um rosto diferente a regimes apodrecidos. Infelizmente, essas mulheres têm muito poder de persuasão sobre as demais, financiando filmes, séries, anúncios e campanhas eleitorais que influenciavam as jovens feministas que ocupavam as ruas.

No entanto, podemos dizer que as contradições materiais e a organização popular foram mais fortes.

Ao longo da Primavera Feminista, a massa de mulheres que estava nas ruas conseguiu avançar de maneira conjunta em muitas compreensões e superar o momento inicial da Marcha das Vaidias. Entendemos que todas sofremos com a violência machista, mas que as mulheres mais pobres são muito mais vulneráveis a ela andando em ruas escuras, em transportes públicos precarizados e muitas vezes sem recursos financeiros para sair de relacionamentos abusivos. Todas podemos ser silenciadas, assediadas e abusadas, mas que o racismo se une ao machismo e faz com que mulheres racializadas sejam alvos muito mais recorrentes das piores violências. Entendemos que o machismo que as mulheres da classe trabalhadora sofrem não são perpetrados apenas pelos seus companheiros, mas vem na forma de políticas estatais de acumulação de recursos – e que devemos conquistar os homens da classe trabalhadora como aliados na luta contra essas. Aprendemos que queremos sim ocupar espaços dentro da política, mas que nossas representantes não estão nos parlamentos para sua manutenção e sim para ampliar a voz das ruas contra governos autoritários e neoliberais. E com o marco da Greve Internacional de Mulheres ficou evidente que enquanto possamos ser todas feministas, quando trabalhadoras enfrentarem a exploração, as mulheres da burguesia não nos darão a mão.

A participação das mulheres na política, impulsionada pelos processos de construção e fortalecimento de organizações e mobilizações feministas após 2015, acumulou um saldo importantíssimo para as lutas feministas no Brasil. Uma leva de mulheres jovens, negras e trabalhadoras passou a ocupar os parlamentos do país, atuando como porta-voz das demandas que surgiam nas ruas, como Sâmia Bomfim, Fernanda Melchionna e Marielle Franco. Nesse histórico de conquistas, as mulheres foram vanguarda da luta contra Jair Bolsonaro quando, ainda em 2014, so-

maram forças para denunciar a atitude misógina do então deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, que dizia não estuprar uma deputada por ela “não merecer”.

Este momento foi fundamental para o que veio a ser construído anos depois, no movimento #EleNão, a maior reação popular de rejeição e indignação com o crescimento político de Bolsonaro e do bolsonarismo no país. Velho inimigo das mulheres, a misoginia de Bolsonaro, somada a uma campanha intensa de *fake news* e discurso de ódio, foi duramente combatida e denunciada por mulheres que ocuparam as ruas de mais de 100 cidades no Brasil e diversas outras cidades do mundo, como Nova York, Paris, Lisboa e Londres. Em São Paulo, no Largo da Batata, mais de 100 mil pessoas se uniram em rejeição ao projeto político que já se mostrava um grande perigo para o país. A capacidade de antever os problemas e buscar soluções, típica da consciência feminina, unificou 26 estados brasileiros e mais o Distrito Federal sob o canto das mulheres enquanto resistência por um Brasil sem fascismo e sem horror. O movimento #EleNão representou um marco histórico na luta das brasileiras e evitou uma possível avalanche bolsonarista que daria a vitória a Bolsonaro ainda no primeiro turno.

Nos últimos anos, a América Latina tem respirado novos ares de lutas, mobilizações e vitórias em defesa da vida das mulheres. Na Argentina, após conquistarem a paridade de gênero na política, as mulheres tomaram as ruas com a Maré Verde em defesa da legalização do aborto, vitoriosa em dezembro de 2020. Apenas seis meses depois, a Argentina zerou o número de mortes por aborto no país. Outra recente conquista, fruto da luta histórica das mulheres, aconteceu em julho de 2021, quando o trabalho materno foi reconhecido por lei, garantindo remuneração e aposentadoria para as mulheres. Assim como na Argentina, o Uruguai, México, Guiana e Cuba também tratam do aborto como questão de saúde pública, garantindo a sua descriminalização. O

caso mais recente, e que certamente aponta uma vitória feminista, aconteceu na Colômbia, onde a corte constitucional descriminalizou o aborto até a 24ª semana de gestação. Uma sinalização evidente da defesa da vida e dignidade das mulheres.

No Chile, a Assembleia Popular pela constituinte foi conquistada também da luta do movimento de mulheres, que encamparam o mote “nunca mais sem nós”, exigindo paridade de gênero na construção da nova constituinte chilena. Com a eleição de 77 homens e 75 mulheres, a expectativa é que a situação das políticas que envolvem o direito das mulheres no país tenha novas vitórias.

Em contrapartida, o Brasil permanece angariando índices decedentes no que diz respeito ao cuidado, preservação e valorização da vida das mulheres. Dados relevados pelo jornal O Estado de S. Paulo, frutos da pesquisa do INESC, revelam que o orçamento executado pelo Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos foi o menor dos últimos quatro anos, com aproximadamente R\$ 300 mil destinados por estado. Esse é um valor irrisório e, levando em consideração a demanda, é praticamente simbólico. Em 2020, quando o Brasil registrou 1.350 casos notificados de feminicídio, apenas R\$ 308 mil dos R\$ 71,7 milhões disponíveis foram utilizados. No que diz respeito ao aborto, também no ano de 2020, o número de atendimentos malsucedidos foi 79 vezes do que o aborto garantido por lei. De acordo com o DataSUS, foram quase 81 mil atendimentos por complicações decorrentes do aborto ilegal e pouco mais de 1.000 procedimentos legais no país.

Este é o retrato desesperador da falta de prioridade do Governo Federal com a vida das mulheres. Sem orçamento, sem recursos e com uma alta carga ideológica que apenas prevê mais restrições aos direitos já conquistados, a situação das mulheres no Brasil se degrada progressivamente, acentuada pela pandemia.

A pandemia, ao reestruturar o modo de vida de toda a popu-

lação, reconfigurou a dimensão do lar e ampliou, como consequência, a situação de violência daquelas que já tinham o trabalho reprodutivo invisibilizado pela sociedade e pelo Estado. Se antes as mulheres já sofriam a sobrecarga das duplas e triplas jornadas de trabalho, a pandemia intensificou tal sobrecarga, concentrando na casa todas as demais esferas da vida. A violência aumentou, a sobrecarga com o trabalho materno também, assim como as demissões, o que colaborou para uma extrema precarização da vida das mulheres, em especial das mulheres negras. Um estudo feito pela USP, por exemplo, indicou que no momento de suspensão do auxílio emergencial, 41% das mulheres negras estavam em situação de pobreza e 14,6% em extrema pobreza. Uma realidade fruto do racismo estrutural e da herança colonial, ambos indiferentes para o governo Bolsonaro.

Se as condições para reverter o quadro de desigualdade feminina no mercado de trabalho já eram insuficientes, após a pandemia é possível que a condição da mulher chegue ao patamar trágico de 30 anos de retrocessos.

Os desafios do pós-pandemia sob um governo genocida e negacionista colocaram a luta pela vida como prioridade para os movimentos sociais. A situação de degradação da vida das mulheres enfraqueceu o movimento feminista, que precisa compreender a nova realidade das mulheres no Brasil, inserindo em sua agenda prioritária a batalha constante contra a fome, o desemprego e as violências com o acolhimento e as campanhas de solidariedade que são fundamentais, em especial para famílias negras e periféricas. Além disso, é tarefa das feministas reconhecerem e reivindicarem as demais lutas encabeçadas por mulheres, como a luta das mulheres indígenas, que além de marcharem em Brasília na primeira marcha de mulheres indígenas, seguem firmes contra o genocídio dos povos e em defesa do meio-ambiente e das suas terras. Somam-se a esta a luta em defesa de moradia e também a luta antirracista, contra o extermínio dos jovens negros de pe-

riferia, assim como as lutas internacionais em defesa da autodeterminação dos povos.

Ao mesmo tempo, na necessidade de derrotar Bolsonaro muitas das mulheres que foram às ruas na Primavera Feminista tem enxergado na eleição de Lula a única resposta possível. No entanto, colocar todas nossas esperanças em um candidato que sequer apoiou as grandes mobilizações pelo Fora Bolsonaro que ocorreram em 2021 enfraquece muito nossa capacidade organizativa enquanto mulheres. É necessário continuarmos apostando nas ruas e no programa que construímos durante os últimos dez anos de mobilizações feministas como alternativa ao negacionismo, à fome e a todos os retrocessos impostos por esse governo.

A primavera feminista vive nas lideranças femininas que encabeçam e constroem as mobilizações recentes contra Bolsonaro e também contra o bolsonarismo. São as jovens meninas que ocuparam as escolas e universidades, que marcharam em defesa da liberdade sobre seus corpos, que construíram a marcha de mulheres negras, que lutaram contra o fundamentalismo de Cunha em 2015 e que estiveram nas ruas do Brasil e do mundo no movimento #EleNão que hoje lideram diversos focos de luta e resistência por nenhum direito a menos. Cabe ao movimento de mulheres entender sua responsabilidade em incendiar este solo, que é preto e indígena, a partir da chama que segue viva e flamejante por todo o Brasil.

Referências:

- Aruzza, Cinzia. Bhattacharya, Tithi. Fraser, Nancy. (2019). **Feminismo para os 99%**. Um Manifesto.
- GAGO, Verônica. **A potência feminista ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

Resgatar Lélia Gonzalez: o feminismo negro é revolucionário!

Carla Zanella¹

Lélia Gonzalez, a intelectual negra e ativista, felizmente, tem sido bastante revisitada nos últimos anos. Isso é devido ao seu pioneirismo nos estudos que interseccionam gênero, raça e classe no Brasil, pioneirismo destacado por Ângela Davis, em 2019, em sua visita ao país, quando em uma das suas palestras disse que aprendeu mais com Lélia do que ela teria a ensinar.

Eu me sinto estranha quando sinto que estou sendo escolhida para representar o feminismo negro. E por que aqui no Brasil vocês precisam buscar essa referência nos Estados Unidos? Eu acho que aprendo mais com Lélia Gonzalez do que vocês poderiam aprender comigo (Ângela Davis durante palestra realizada em São Paulo em 2019).

Em 2020, uma importante publicação, organizada pelas pensadoras do Feminismo Negro brasileiro, Flavia Rios e Márcia Lima, reuniu textos de Lélia produzidos entre 1979 e 1994, o que facilitou o acesso a sua produção, até então bastante difícil de ser acessada, exceto por algum artigo ou outro disponível na internet.

Entretanto, de maneira geral no Movimento Negro, Lélia já era bastante conhecida, Lélia foi uma interprete do Brasil e sua obra foi bastante invisibilizada por conta do racismo e do machismo. É a força das lutas da negritude e das mulheres que colocam o pensamento de Lélia na ordem do dia.

Se muito tem se debatido acerca do legado feminista e antirracista de Lélia, fundamental se faz retomar a importância que o marxismo exerceu na sua produção acadêmica, e também na sua ação. Esse artigo tem a intenção de apresentar um legado de Lélia, que por vezes fica apagado ou esquecido, seja pela dificul-

¹ Cientista social e militante do coletivo Juntas!.

dade de acesso, seja pela sua ampla divulgação por setores não comprometidos com a característica antissistema e revolucionária das lutas das mulheres e da negritude.

Como uma boa marxista, Lélia sempre articulou teoria e prática, tendo sido, além de uma importante intelectual, uma militante que esteve na base de diversos movimentos, sendo uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado – historicamente, um dos mais importantes movimentos de negritude, e que, em suas bases, demonstrava bastante afinidade com uma perspectiva socialista de sociedade e também fundadora do Nzinga, um coletivo de mulheres negras. Foi militante de partidos de esquerda como o PT e o PDT, tendo buscado espaço para as mulheres negras nesses lugares.

Além disso, em sua obra, Lélia procura fazer uma análise capaz de vincular as relações de produção e reprodução social no capitalismo brasileiro, extremamente marcado pela escravidão. Em seus textos do início da década de 70 é fácil identificar que a base metodológica de seus estudos se encontra no marxismo, muito embora, posteriormente, tenha se dedicado a análises que se encontram no campo da psicanálise. Lélia demonstra, em detrimento daqueles que acreditam que o “racismo não passaria de um arcaísmo cuja persistência histórica, mais dia menos dia, acabaria por se esfacelar diante das exigências da sociedade capitalista moderna”, que o racismo se articula enquanto ideologia e conjunto de práticas, com eficácia estrutural e que estabelece o que ela chama de uma divisão racial trabalho.

Em termos de manutenção do equilíbrio do sistema como um todo, ele é um dos critérios de maior importância na articulação dos mecanismos de recrutamento para as posições na estrutura de classes e no sistema da estratificação social. Desnecessário dizer que a população negra, em termos de capitalismo monopolista, é que vai constituir, em sua grande maioria, a massa marginal crescente. Em termos de capitalismo industrial competitivo (satelitizado pelo setor hegemônico), ela se configura como exército industrial de reserva.

Lélia defendia uma abordagem dialética entre as posições que compreendem que além da exploração econômica os grupos racialmente subordinados compõem minorias que internalizam o processo de colonização, compreendendo o privilégio racial como o ponto chave dos aspectos culturais e políticos da sociedade brasileira. Ela identificava que uma abordagem exclusivamente econômica poderia perder de vista a categoria raça, diluindo-a dentro da classe, e sugerindo que solução para o racismo se dá exclusivamente com a união dos trabalhadores de diferentes raças para a derrubada do capitalismo. Crítica desse posicionamento, ela aponta que não somente o burguês branco se beneficia do racismo, mas também o trabalhador branco, esse apontamento que muitos podem transformar em algo individualizado, quando analisado a partir da perspectiva sistêmica do racismo, demonstra a necessidade da reprodução estrutural do racismo no capitalismo, uma vez que ele permite a divisão de postos de trabalho escassos no capitalismo.

Poder-se-ia colocar a questão típica do economicismo: tanto brancos quanto negros pobres sofrem os efeitos da exploração capitalista. Mas na verdade, a opressão racial faz-nos constatar que mesmo os brancos sem propriedade dos meios de produção são beneficiários do seu exercício. Claro está que, enquanto o capitalista branco se beneficia diretamente da exploração ou super-exploração do negro, a maioria dos brancos recebe seus dividendos do racismo, a partir de sua vantagem competitiva no preenchimento das posições que, na estrutura de classes, implicam nas recompensas materiais e simbólicas mais desejadas.

Feminista que era, Lélia não deixou de analisar os impactos dessas relações de trabalho no que tange em especial as mulheres negras, para ela: “gênero e a etnicidade são manipulados de tal modo que, no caso brasileiro, os mais baixos níveis de participação na força de trabalho, ‘coincidentemente’, pertencem exatamente às mulheres e à população negra”.

Ou seja, em seus estudos, Lélia procurou relacionar objetiva-

mente a necessidade de um movimento que dedicasse ao combate das opressões de gênero, raça e classe, tendo também apresentando como crítica ao movimento feminista, o apagamento sistêmico das mulheres negras em um dos seus mais famosos artigos, *Por um feminismo afro latino americano*. Lélia é objetiva ao dizer que esse esquecimento das feministas brancas sobre os temas que importam às mulheres negras lhes é conveniente e tem nome: chama-se racismo.

Inclusive, necessário se faz reivindicar em Lélia também um legado anti-imperialista, ao reivindicar um feminismo que levasse em considerações características específicas da América Latina, inclusive, propondo conceitos como a *amefricanidade*, Lélia faz uma crítica ao imperialismo norte americano na América Latina e propõe uma categoria de análise que rompe as fronteiras do estado nação.

Embora enxuta, a obra de Lélia é bastante completa e carece de maior dedicação por parte daqueles e daquelas que pretendem se dedicar a construção de saídas revolucionárias no Brasil. Entretanto, em meio a tanta confusão nas possibilidades de análise das múltiplas opressões, retomar Lélia é defender um feminismo que compreende que sujeitos atravessados por múltiplas opressões precisam ser compreendidos a partir de perspectivas diversas, que considerem as diferenças dos sujeitos, ao mesmo tempo que demonstra que o problema não está nas diferenças em si, mas no sistema que às acentua e oprime em prol do lucro de poucos.

Embora a partir da perspectiva das mulheres e da negritude, Lélia desenvolveu uma teoria engajada, atenta a totalidade. Lélia era uma feminista negra, que desenvolveu na prática o feminismo interseccional antes mesmo do feminismo interseccional ser desenvolvido enquanto conceito, justamente porque compreendia que não seria possível revolucionar a sociedade brasileira ignorando o tema do racismo e machismo, e nem tão pouco, igno-

rando a reprodução sistêmica dessas opressões.

Bibliografia

GONZALEZ, Lélia. Cultura, etnicidade e trabalho. Disponível em: https://coletivomariasbaderna.files.wordpress.com/2012/09/cultura_etnicidade_e_trabalho.pdf.

_____. Por um Feminismo Afrolatinoamericano. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf.

Teoria

“O capitalismo está em depressão e a única alternativa é o controle da classe trabalhadora” – Entrevista com o economista marxista Michael Roberts

Luciana Genro¹

Michael Roberts é um economista marxista de renome internacional. Trabalhou na City de Londres como por mais de quarenta anos, onde observou de perto as maquinações do capitalismo global de dentro do que chama de “toca do dragão”. Ao mesmo tempo, ele um ativista político do movimento de trabalhadores ao longo de décadas. Desde que se aposentou, ele tem se dedicado a descortinar as engrenagens da economia capitalista contemporânea através da escrita de artigos de por meio da alimentação semanal e incansável de seu blog². Roberts é ainda autor de vários livros, incluindo: *A Grande Recessão: uma visão marxista*, *A Longa Depressão*, *Marx 200 - uma revisão da economia de Marx*.

O economista concedeu esta entrevista exclusiva a Luciana Genro, ex-candidata à presidência pelo PSOL e atual deputada estadual (RS). A seguir, os principais trechos da entrevista na qual o autor argumenta estarmos vivendo uma das piores crises da história do capitalismo e defende ser impossível de superá-la apenas com os antigos receituários keynesianos ou as novas recomendações da Teoria Monetária Moderna.

Movimento – Michael, antes de mais nada, obrigado por esta entrevista. Obrigado por passar seu tempo conosco e, de fato, obrigado por todo o trabalho que você tem feito através de seu blog (thenextrecession.wordpress.com). É realmente incrível a quantidade de textos que você faz sobre

¹ Advogada, deputada estadual (PSOL-RS) e dirigente do Movimento Esquerda Socialista.

² <http://thenextrecession.wordpress.com>

os fundamentos econômicos do capitalismo e como ele está indo agora, e os dados que você nos oferece junto às evidências empíricas que você nos oferece. É realmente uma grande contribuição para a discussão marxista e socialista, porque é profunda, está cheia de dados e análises, mas, ao mesmo tempo, é acessível a pessoas como eu, por exemplo, que não é uma especialista em economia, mas está engajada na luta para derrotar o capitalismo. E você nos dá algumas armas importantes para isso. O que você escreve nos ajuda muito no debate, inclusive no debate dentro da esquerda. Porque você nos ajuda a combater as ilusões de que é possível humanizar o capitalismo, que a reforma e não a revolução é o caminho para mudar a horrível situação da maioria do povo. Quando você explica as contradições do capitalismo, você torna mais forte nossa luta para construir uma alternativa revolucionária. Portanto, muito obrigado.

Michael Roberts – Bem, obrigado por me convidarem e obrigado ao MES/PSOL porque tendo lido sobre vocês, estou realmente honrado em estar aqui, porque vocês fazem um trabalho fantástico ao tentar reunir os trabalhadores militantes no Brasil e os socialistas para tentar oferecer uma alternativa ao povo brasileiro. É uma tarefa difícil que você enfrenta, como fazemos em todos os lugares, e é simplesmente incrível como vocês conseguiram fazer isso nas últimas duas décadas, mais ou menos. Eu estou realmente satisfeito de poder ter esta entrevista, de poder contribuir para esta discussão.

M – Muito obrigada. Mas vamos começar então pelo o que você denomina como “toca do dragão”. O que significa quando você diz que trabalha na “toca do dragão”? Conte-nos um pouco sobre isso.

MR – Eu acho que a alusão é a um programa de TV britânico onde eles têm três capitalistas que entrevistam pessoas para ver

se elas têm um bom projeto que poderia fazer render dinheiro em uma empresa capitalista. É uma competição na TV, você pode imaginar? Eles têm uma competição para ver se você poderia ser o melhor capitalista, e estes três capitalistas entrevistam capitalistas potenciais para ver o sucesso de seu projeto, e eles chamam este programa de "A Toca do Dragão". Presumivelmente, o capitalismo é uma espécie de covil de dragões e alguns deles têm fogo e outros não tem.

Isso significa que quando você está trabalhando na “toca do dragão”, você está trabalhando na City, nas instituições financeiras como economista, nos bancos. Trabalhando para empresas ou instituições que aconselham instituições maiores sobre se devem comprar o real, vender o real, se devem tirar proveito da queda do peso mexicano. Em outras palavras, decisões muito desagradáveis que eles estão tomando, tudo o que se pretende é ganhar dinheiro, é claro.

M – Isso faz de você uma pessoa rara, porque temos alguns professores que são economistas marxistas, mas não conheço nenhum outro homem que tenha vindo do mercado, digamos assim.

MR – Há poucos, como você diz, a maioria dos economistas marxistas são professores. Se eles conseguem um emprego em uma universidade no Brasil ou em qualquer outro lugar, o que é muito difícil para um economista marxista... Poucos conseguem emprego, mas é aí que a economia marxista domina no mundo acadêmico. Mas, há alguns de nós que nunca estiveram no mundo acadêmico, que fomos economistas profissionais e posso citar alguns se você estiver interessada, mas eles estão principalmente no norte da Europa. Um ou dois de nós já foram capazes de trabalhar em instituições financeiras e depois também fizeram trabalhos sobre economia marxista. Na minha opinião, acho que isso nos dá uma vantagem sobre os acadêmicos já que podemos

ver as maquinações do capital financeiro diariamente e entender sua natureza, talvez mais do que os professores acadêmicos. Eu acho que tenho um pouco de vantagem como resultado.

M – Vamos começar a falar sobre a sua visão da situação atual do capitalismo. Você diz que, no momento, estamos em uma depressão que é algo diferente dos recorrentes altos e baixos dos ciclos capitalistas de expansão e queda ou recessões que ocorrem a cada oito ou dez anos. Na sua opinião, esta é a terceira depressão do capitalismo, algo diferente das outras recessões. A primeira depressão foi em 1870-1890, certo? A segunda, e mais famosa, foi a Grande Depressão dos anos 1930 que se prolongou até o início da Segunda Guerra Mundial, e agora estamos no meio da terceira. Então, você pode explicar aos nossos leitores a diferença entre estas recessões recorrentes e estas depressões? E a causa dessas depressões serem diferente das duas outras que tivemos no mundo capitalista?

MR – Sim, bem, eu argumentaria que é necessário compreender modo de produção capitalista como um sistema feito para se ganhar dinheiro, um modo de produção com fins lucrativos por parte dos proprietários dos meios de produção. Todas as máquinas, fábricas, escritórios, empresas, são propriedade de um pequeno número de pessoas, 99% de nós trabalhamos para esses proprietários de todo o mundo, só podemos vender nossa mão-de-obra. Esta é a natureza do modo de produção capitalista.

Agora, Marx mostrou que este processo de produção capitalista não prossegue de forma harmoniosa. Ele não prossegue em um aumento constante, melhorando as condições e o padrão de vida permanentemente. Vai nestas séries de crises, de choques e crises, a cada oito ou dez anos, para dizer em média, desde que o capitalismo se tornou o modo de produção dominante no mundo, provavelmente nos últimos 200 anos.

Não há lugar no mundo agora, realmente, onde o capitalismo não domine. Há um número muito pequeno de áreas, talvez no meio da floresta amazônica haja algumas áreas onde o capitalismo ainda não domina, mas até mesmo disso eu duvido. Portanto, este se tornou o modo dominante e o que ele produz é uma série de *booms* e crises em uma base regular. O capitalismo avança por alguns anos, então os lucros dos capitalistas tendem a diminuir, e quando chegam a uma crise deixam de investir, deixam de empregar seus trabalhadores e nós entramos no que chamamos de queda da superprodução. Muito está sendo produzido e as pessoas não podem mais comprar, os capitalistas estão produzindo demais para ter lucro. Este processo acontece em períodos de tempo super-regulares.

O que eu argumentei em meu livro sobre a longa depressão, em particular, foi que podemos ver que há ondas ascendentes de lucratividade, que duram bastante mais tempo, e com isso há as crises de oito ou dez anos que são relativamente mais fracas nestas curvas ascendentes de lucratividade, e depois há períodos bastante longos de movimento descendente de lucratividade, quando as crises são muito mais severas. Assim, você pode, além dos oito a dez anos, começar a ver uma espécie de ondas mais longas de lucratividade para cima e para baixo.

O economista russo Nikolai Kondratiev notou isso no início do século XX: algo como um ciclo de cinquenta a sessenta anos que primeiro sobe, e depois desce novamente durante cinquenta ou sessenta anos. É um ciclo mais longo, que é impulsionado pela inovação, tecnologia e outros fatores. Mas isso significa que o fim desse ciclo, o período mais longo dos sessenta anos, tende a ser muito mais severo e duradouro e, de fato, podemos começar a dizer que não é como as outras crises de oito a dez anos. Eu darei um exemplo: se levarmos o período desde a Segunda Guerra Mundial até agora, houve crises nas maiores economias capitalistas a cada oito ou dez anos a partir de 1946. Talvez as mais re-

centes que possamos pensar sejam as de 1974/1975, 1980/1982 e 1999/2001. E, claro, o que chamamos de grande recessão, em 2007/2008, e agora a recessão da Covid de 2020.

Portanto, são cerca de oito a dez anos, mas o que percebemos é que na segunda metade desse período, a partir de 1980, o crescimento e o desenvolvimento da economia pelo capitalismo é cada vez mais fraco. E eu diria que desde o período da grande recessão, em particular, até agora, entramos num período em que o crescimento é realmente baixo. O crescimento que melhor incrementa a produção nacional de uma economia está crescendo, em quase todas as economias avançadas, apenas cerca de 2% ao ano, o que é muito baixo. E mesmo as chamadas economias emergentes, como o Brasil, têm crescido talvez 3 ou 4%, e talvez nem mesmo isso agora. Portanto, este é um período de depressão para o capitalismo, o capitalismo não está se expandindo rapidamente, não está investindo rapidamente, sua rentabilidade é baixa, sua capacidade de empregar pessoas e elevar o nível de vida é limitada. Portanto, é um período de depressão.

Agora, no livro *Longa Depressão* eu argumento que houve apenas dois outros períodos como esse, o que você apontou foi no final do século XIX, dos anos 1870 a 1890, dependendo do país, e, claro, na Grande Depressão de 1929. E é um período semelhante a esse, estamos no fim deste longo ciclo de sessenta ou setenta anos.

As duas décadas do século XXI pelas quais passamos têm booms e crises dentro da depressão. Isso porque os booms e crises de dez a oito anos permanecem, mas o que percebemos é que quando você sai da crise, você não dá um grande salto a frente por muitos anos. Assim, por exemplo, após a Grande Recessão de 2007/2008, a taxa de crescimento tem sido, nos países avançados, inferior a 2% e, nas economias emergentes, também não muito boa. Isso comparado ao período da década de 1990 até a Grande Recessão e também se pensarmos nos chamados Anos

dourados de 1948 a 1960, quando as taxas de crescimento eram, nas economias emergentes, de seis, sete, oito por cento ao ano.

Naquela época, os países capitalistas avançados cresciam quatro ou cinco por cento ao ano, duas ou três vezes mais rápido do que estão crescendo agora. Na verdade, foi um período excepcional. Muitos economistas tradicionais ou keynesianos olham os anos dourados e dizem: é para isso que temos que voltar, tudo o que precisamos é reunir os governos para falar sobre isso. Esse foi um período excepcional, realmente nunca mais vai acontecer de novo. A menos que, e essa é a única maneira de acontecer novamente, se os trabalhadores forem tão esmagados pela opressão atual que se crie a condição para que os capitalistas aumentem drasticamente sua lucratividade e explorem os trabalhadores de forma mais eficaz.

Mas eu diria que é cada vez mais difícil para o capitalismo se expandir suficientemente rápido, eles estão ficando sem mão-de-obra barata em todo o mundo, todos estão sendo explorados ao máximo, eles não estão sendo capazes de encontrar novos caminhos para investimentos que possam levar a economia capitalista adiante. Portanto, é cada vez mais difícil sair desta depressão, deste ritmo lento de crescimento econômico e de expansão do padrão de vida. Portanto, os trabalhadores de todo o mundo não podem esperar seus Anos Dourados porque eles não vão chegar novamente, e sua única alternativa é se livrar do sistema introduzindo algo que seja baseado no controle da classe trabalhadora.

M – Tratemos agora a lei da queda tendencial da taxa de lucro. Sei que você leva este problema muito a sério, o que Marx explica que ser a lei mais importante no desenvolvimento do capital. De acordo com ele: “O próprio capital é a contradição em processo, devido ao fato de que tende a reduzir o tempo de trabalho a um mínimo, enquanto, por outro lado, coloca o tempo de trabalho como única medida

e fonte de riqueza”. Esta contradição é a base da lei da queda tendencial da taxa de lucro. Você vê este problema da queda da taxa de lucro como a explicação mais importante para a crise do capitalismo, mas há diferentes explicações entre os economistas marxistas sobre isso. Por exemplo, você e David Harvey divergem sobre isso, certo? Você poderia explicar sua visão e a diferença dela em relação à de Harvey, que é bem conhecida no Brasil?

MR – Sim. Primeiro eu diria que os espectadores devem observar que os principais economistas do mundo todo, nas instituições, universidades, não consideram que o capitalismo tem um problema. Considera que sim, há coisas erradas com o capitalismo, mas para eles as coisas vão mal por acaso, por políticas ruins, pela criminalidade, mas na realidade o sistema capitalista pode funcionar efetivamente de forma harmoniosa e não existe uma contradição inerente que torna impossível seu crescimento. Isso é absolutamente vital para o seu argumento, de outra forma eles não conseguiriam defender este modo de produção.

É preciso termos claro que a grande maioria dos economistas têm essa visão. Mesmo entre a esquerda heterodoxa. Esses economistas são chamados de economistas heterodoxos. Eles não são necessariamente marxistas, são apoiadores de algumas visões de Keynes. Eles dizem: “Sim, na verdade há algumas coisas erradas com o capitalismo, nós temos que arrumá-lo, não é um sistema perfeito e requer políticas de governo para reconhecer e compensar estas falhas do capitalismo”.

Mas a visão marxista parte do ponto de vista da lei do valor de Marx. Ela diz que os capitalistas possuem os meios de produção, eles empregam trabalhadores, eles só produzem para ter lucro. Então todas as mercadorias, as coisas que precisamos, os serviços necessários, são produzidos porque de fato os precisamos, mas a principal motivação é dar lucro para os capitalistas. Logo, existe uma contradição imediata entre as necessidades so-

ciais das pessoas e o lucro privado dos proprietários do capital. Por que existe essa contradição? A contradição não é só por isso, é porque o lucro produzido pelo capital não pode ser sustentado indefinidamente, ao menos que eles possam espremer mais e mais valor através da exploração dos trabalhadores.

Pois bem, não há valor produzido se os trabalhadores não forem ao trabalho. Não estamos em uma sociedade onde existem robôs que produzem outros robôs, que produzem outros robôs, enquanto o resto das pessoas não faz nada, o ser humano não precisa fazer nada. O ser humano deve ir ao trabalho, deve fazer coisas a fim de produzir coisas. Os capitalistas não conseguem ter lucros se não colocarem os trabalhadores para trabalhar, e só conseguem seus lucros se eles se apropriarem cada vez mais do valor que os trabalhadores produzem do que eles pagam aos trabalhadores em salários. Esta é a natureza do sistema. Mas os trabalhadores são necessários para produzir valor. E o que acontece com os capitalistas? Os capitalistas estão disputando entre si para conseguir mais lucro. E como você consegue mais lucro? Como os capitalistas conseguem mais lucro? Conseguindo mais trabalhadores para produzir mais valor. Mas é claro que isso significa pagar mais trabalhadores, mais salários, é mais custoso fazer isso. Outra opção é fazer os trabalhadores trabalharem mais duro, ou por mais tempo, não só quatro horas por dia, não só oito horas por dia, mas dez horas por dia, sem fins de semana. Este costumava ser o caso, mas os trabalhadores lutaram contra isso, pela redução das horas de trabalho, pelo descanso semanal, pelo trabalho livre, mas que não é livre para todos mesmo hoje em dia. Isso restringe sua capacidade de aumentar a jornada de trabalho. Eles podem fazer o trabalhador trabalhar mais duro, fazendo a intensidade do trabalho aumentar, fiscalizando os empregados e tendo certeza que eles não vão parar para pausas, mantendo eles trabalhando a todo vapor para intensificar o trabalho que aumenta a quantidade de valor no tempo disponível

existente.

Entretanto, a melhor maneira pela qual os capitalistas podem conseguir mais valor dos trabalhadores é dando para eles uma máquina que possa aumentar dramaticamente a quantidade de unidade de mercadorias que estão à venda no mercado. Então, se você tem uma máquina que faz o que dez trabalhadores conseguem fazer e você consegue produzir 100 vezes mais do que dez trabalhadores, então você consegue muito mais produtos que você pode vender no mercado. Além disso, o custo da unidade cai e então você consegue ultrapassar os outros capitalistas no mercado porque você tem a fábrica mais eficiente. Mas isso significa que você começa a reduzir o número de trabalhadores que você usa, então você pode usar o mesmo número de trabalhadores, mas você está gastando muito mais dinheiro nas máquinas, nas fábricas, nos computadores e programas, para aumentar a produtividade. Então a posição relativa do investimento que você está fazendo naquilo que Marx chama de maquinaria e matérias-primas – o chamado capital constante que não produz nenhum valor por ele mesmo, mas é necessário. A relação sobre quanto você gasta com trabalhadores é crucial porque significa que, se o lucro vem somente dos trabalhadores trabalhando para produzir valor, então o valor só pode vir dos próprios trabalhadores. Então, relativamente, a quantidade de valor aumentando vai tender a cair em relação ao investimento que o capital está fazendo.

Eu vou explicar novamente porque isso é importante. Quando os capitalistas investem em máquinas, matérias-primas e trabalho, eles produzem mais valor, certo? Eles expandem a produção. Mas, se eles investem mais em máquinas do que estão investindo em trabalho, então, em termos de valor, a quantidade de valor que ampliou seu valor total aumenta, mas não tanto comparada à quantidade que eles têm para fazer um investimento, de modo que a taxa de lucro – ou a taxa de valor aumentado – começa a declinar, ela tende a declinar. Os capitalistas podem

superar isso, podem fazer os trabalhadores trabalhar mais duramente, eles podem aumentar o investimento no exterior, onde eles conseguem mão-de-obra mais barata. Eles podem fazer várias coisas para tentar resistir a essa tendência de queda da lucratividade ao longo do tempo. Esta é a lei mais importante da economia política porque ela diz que o capitalismo tem um fim, não pode durar para sempre porque ele tem uma contradição inerente. E esta contradição está expressa na queda tendencial da taxa de lucro.

É uma lei fundamental da lei do valor e da lucratividade, que estão ligadas entre si na análise de Marx sobre as razões da existência de problemas e crises no capitalismo, e também porque o capitalismo não pode durar para sempre como um sistema de organização social humano. Nesse sentido, ele é transitório assim como foi o feudalismo, e também outros sistemas. Esta é a razão econômica da inabilidade do capitalismo em durar para sempre. É claro, ele pode cambalear para sempre se nós não fizemos nada sobre isso, mas esta é a contradição que existe hoje. Essa é a visão de Marx sobre a natureza das crises no capitalismo.

M – E você traz muitas evidências empíricas sobre isso em seus artigos...

MR – A evidência sobre a queda tendencial da taxa de lucro é espantosa. E todo ano ela fica mais evidente na medida em que mais estudiosos desenvolvem esta evidência. Mesmo neste ano, nós tivemos uma série de novas evidências que nos justifica a história de que se você voltar mais perto do início do capitalismo industrial moderno, eu digo antes dos anos 1850, nós podemos mostrar conclusivamente que ao longo do tempo a taxa de lucro nas principais economias capitalistas tem caído para um nível muito baixo agora.

No início dos anos 2020, ela não caminha em uma linha reta, e é importante entender porque ela vai entre altos e baixos. Exis-

te uma série de razões, mas é fundamental entender isso porque se há um aumento na produtividade durante 20 ou 30 anos isso pode ter uma grande diferença sobre o que acontece no movimento dos trabalhadores. É um tema político que nós podemos discutir, mas a tendência geral é confirmada pelos dados reais.

Tendo dito isso, tudo bem que a taxa provavelmente caia, e isto está n'Ó Capital de Marx, mas não é esta a razão para as crises, isto não prova que esta é a razão das crises. Se nós colocarmos todos os economistas marxistas do mundo nesta nossa conversa hoje, e obviamente isto significaria mais umas três pessoas (risos). Não, eu estou subestimando, mas existem tão poucos economistas marxistas... Eu lembro da piada que Lenin fez de que em 1915 nós poderíamos colocar todos os revolucionários em uma carroça, é um pouco assim com os economistas marxistas, não existem muitos de nós. Mas se nós trouxermos todos eles aqui eu poderia dizer para você que certamente ao menos nos últimos 20 anos 95% deles iriam discordar do que eu acabei de dizer. Eles diriam que a taxa de lucro não é relevante nas crises.

As teorias alternativas, que eles também podem encontrar n'Ó Capital de Marx, é simplesmente a mesma ideia pela qual vários trabalhadores são atraídos. Trata-se da ideia de que os trabalhadores produzem algo e recebem um salário por isso, mas os capitalistas ganham muito mais dinheiro vendendo estes produtos, então os trabalhadores não podem comprar de volta todos os produtos que eles produzem. Isso é absolutamente verdade. Os trabalhadores não podem comprar de volta todos os produtos que os capitalistas vendem no mercado porque seus salários são menores do que a quantidade total que está sendo produzida, em termos monetários, e vendida no mercado. De outra maneira, os capitalistas não teriam lucro. Então, o argumento apresentado é de que as crises são causadas pelo fato de os trabalhadores não terem dinheiro suficiente para comprar os produtos, então há

subconsumo, eles não podem consumir todos os produtos que os capitalistas colocaram no mercado. Isso causa a crise.

Mas, se você pensar sobre esta teoria, isso significa que o capitalismo é impossível porque em toda a história os trabalhadores nunca tiveram dinheiro suficiente para comprar todos os produtos que os capitalistas estão vendendo no mercado. Então você começa a pensar: por que os capitalistas estão vendendo no mercado as quantidades de produtos que os trabalhadores não vão querer comprar? Eles não compram fábricas, eles não compram viadutos, eles não compram tanques de guerra, eles compram os produtos que precisam para consumir de forma regular para manter sua vida doméstica. Se eles não compram estas outras coisas, quem está comprando estas outras coisas para fazer o capitalismo funcionar? Outros capitalistas estão comprando estas coisas. E este é o fator ausente nesta teoria. O capitalismo não tem crises de subconsumo, o subconsumo existe sempre, e esta situação dos trabalhadores é causada porque qualquer coisa que os capitalistas estejam procurando vender para os outros capitalistas, e mesmo para os trabalhadores, não está dando lucro suficiente para continuar o processo, esta é lei da queda tendencial da taxa de lucro. Então a teoria do subconsumo não funciona como dizem.

Agora, existem também algumas outras teorias apresentadas por marxistas. Eles dizem: “a anarquia capitalista não é planejada, está por todo lado, então existem várias desproporções na forma como decisões podem ser tomadas, e erros podem ser cometidos, se você quiser ver dessa forma”. Os capitalistas investindo em coisas onde não há nenhum dinheiro, e pensam que isso é porque eles estão competindo e não há planejamento. Bem, existe um certo elemento de verdade nisso. O capitalismo é caótico nesse sentido. Mas, abaixo desse caos, existem leis operando, leis de valor e lucratividade as quais dirigem o capitalismo em certas direções. Então o argumento anárquico também não é suficiente

para explicar por que existem crises a cada oito ou dez anos. Por que existem crises a cada oito ou dez anos e que são recorrentes? De novo, se ele é anárquico então o capitalismo não funciona de jeito nenhum, não pode haver uma explicação.

O outro elemento é que os capitalistas especulam e causam um “crash”. A especulação financeira, as crises financeiras, isto se desenvolve na economia e então ela colapsa. Tudo isso é relevante para as crises, mas elas são as causas-chave das crises que estão acontecendo em base regular e recorrente? Então aí é onde eu penso que a melhor explicação sobre as crises, do ponto de vista marxista, repousa na lei da queda tendencial da taxa de lucro. Muitos outros marxistas, provavelmente a maioria, ainda não concordam com isso.

Você mencionou o professor David Harvey, ele é muito famoso mundialmente como um acadêmico marxista, ele tem uma página eletrônica fantástica onde ele explica de cada capítulo d'O Capital. Embora nem sempre, no começo dos anos 1960 ele tinha uma posição muito mais próxima da que eu tenho, mas ele mudou seu ponto de vista nos últimos trinta ou quarenta anos para a visão na qual na verdade não é a taxa de lucro que importa. Poderia haver uma crise no setor do consumo, poderia haver uma crise porque os governos estão com problemas, poderia haver uma crise financeira. Ele tem um diagrama que mostra vários pontos cruciais, como ele diz, e o mais importante, na sua visão, é que o capitalismo está mudando, não é mais uma economia capitalista industrial, é mais uma economia de consumo, uma economia financeirizada, e é aí onde as crises e as batalhas se dão. Ele diz que é onde o problema da classe também surge. A luta de classes não está mais na fábrica, no mundo do trabalho. Ele argumenta que não quer dizer que a luta de classes não está lá. Ele diz isso para mim nos debates. Mas, para ele, a luta de classes está em outro lugar: está no boicote dos consumidores, está no setor financeiro, está nas lutas ao redor dos alugueis e contra os

proprietários, e assim por diante.

Então ela se dá menos entre os trabalhadores nas fábricas, no mundo do trabalho, porque aí é onde as causas da crise são modificadas. Eu não concordo com esta análise em particular. Em primeiro lugar, ela está empiricamente errada. E isso, aliás, é algo muito importante. Não se trata de eu não gostar dela e então não concordar. Ao contrário, eu não acho que ela é empiricamente correta. Mas, além disso, há outro perigo envolvido, pois ela a luta de classes da batalha entre o controle do valor e a mais-valia entre trabalhadores e capitalistas no local de trabalho. A luta de classe é certamente entre os trabalhadores e suas condições de trabalho e os lucros que as pessoas para as quais eles trabalham recebem. Esse continua sendo o núcleo central da luta de classes, e também continua sendo o problema central para os capitalistas. Eu não acho que eles tenham problemas com os consumidores boicotando seus produtos. Eles têm problemas com as irregularidades financeiras, mas se eles estão obtendo muitos lucros, eles também podem lidar com as irregularidades financeiras.

A principal batalha é entre trabalho e capital no local de trabalho, custe o que custar, e como os lucros estão sendo distribuídos e como o processo de exploração continua, a meu ver, sendo a batalha-chave. Portanto, a rentabilidade para o capitalismo é o principal indicador. O indicador de ouro da saúde de um capitalista, da economia capitalista. Qual é o estado de sua lucratividade? Qual é a taxa de lucro naquele país ou neste país ou internacionalmente?

M – E como você vê a força da classe trabalhadora para travar esta batalha pelo valor e pela partilha da riqueza?

MR – Ela varia, como nós sabemos. Antes de mais nada, digamos que a luta de classes nunca termina. Agora, a luta de classes que acontece todos os dias em todos os locais de trabalho em diferentes graus se generaliza em um movimento de massa em um

país ou internacionalmente? Não com muita frequência. Quero dizer, se quisermos pensar sobre isso: quantas revoluções aconteceram nos últimos 200 anos, particularmente as revoluções dos trabalhadores? Quantas já houveram? Muito, muito poucas. Mas o que acontece é que quando se tem uma revolução, a revolução operária, que é de grandes proporções, ela transforma o mundo. Mas isso não acontece com muita frequência. Mas é uma ave muito rara, não é mesmo? Escondida na floresta? Usando uma expressão marxista, é como uma toupeira debaixo do solo, que de repente vem à superfície, mas não com muita frequência.

Portanto, a luta de classes está sempre acontecendo no local de trabalho e em outros lugares. E o impacto do capitalismo, a grotesca distorção de nossas vidas, está sempre presente. Mas o impacto de um movimento de massa não está. Isso não acontece com muita frequência. Mas acontece, é essa a questão. Pode acontecer. E quando aconteceu, a oportunidade chegou. Quando isso vai acontecer? Bem, se eu pudesse dizer-lhes, eu poderia me tornar o deus do movimento revolucionário.

Eu argumentaria, em termos da luta de classes e do movimento operário, que devemos tentar analisa-los da melhor maneira possível. Portanto, devemos olhar para o que está acontecendo na economia, em diferentes países e no geral. Qual é a reação da classe trabalhadora e do movimento de trabalhadores a todas as coisas que se deparam? E qual sua capacidade de unir tudo isso?

Se estamos engajados no movimento sabemos que é uma luta difícil. E eu diria que para a maioria de nossas vidas não haverá, possivelmente, muitas oportunidades fantásticas para a transformação do capitalismo. Mas pode acontecer. E de fato aconteceu. Concluo com esse ponto. Quando eu era jovem, nos anos 1960 e 1970, houve um período revolucionário. Quero dizer, na Europa, Portugal, Espanha, Itália, Turquia, e Grécia derrubaram governos fascistas. Houve o Vietnã, a Guerra Americana no Vietnã.

Os EUA foram derrotados pela primeira vez em uma batalha imperialista. Esse foi um período dramático. Houve também grandes lutas industriais e de classe nos países capitalistas avançados. Isso porque os capitalistas, após o período de prosperidade dos Anos Dourados, que havia chegado ao fim com a rentabilidade caindo, tiveram que reduzir a participação da mão-de-obra na renda de modo a fim de restaurar sua lucratividade. Assim, eles inverteram suas políticas. Ao invés de serem políticas relativamente razoáveis, pelo menos nos países avançados, passou-se a adotar políticas de ataques traiçoeiros, de privatização, destruição dos sindicatos, de desregulamentação da economia e dos mercados de trabalho, e assim por diante. Isso a fim de deslocar o investimento no exterior para enfraquecer o movimento trabalhista nos países avançados e explorar o sul global de forma mais eficaz.

Foram todas medidas como resultado da queda da rentabilidade do capitalismo. Isso produziu um grande movimento dos trabalhadores nos países avançados e em todo o mundo. Em 1968, os eventos de maio reverberaram até o início dos anos 80. Esse foi o meu período revolucionário. Mas depois de 1982, houve o período reacionário, que é chamado nos círculos acadêmicos de período neoliberal, onde as verdadeiras políticas do capitalismo foram restauradas.

Duas coisas derrotaram o movimento dos trabalhadores. Em primeiro lugar, as crises econômicas maciças. As crises não são boas para os movimentos operários. Se todos estão desempregados, é muito difícil lutar. Os melhores períodos para a revolução são depois de um período de 20 ou 30 anos de crescimento relativamente bom, emprego relativamente alto, bons salários, sindicatos fortes, quando então os capitalistas atacam. É quando os trabalhadores são razoavelmente fortes o suficiente para contra-atacar e, possivelmente, derrotá-los. Mas se eles estão completamente esmagados, como nos anos 30, é muito difícil

restaurar a confiança e a unidade e construir um movimento. Portanto, as depressões não são bons períodos para a luta. Dessa forma, esta depressão atual, esta longa depressão, não está sendo um bom período. Está sendo um período difícil. Sim, tem havido muitos trabalhadores que ainda estão lutando e, ocasionalmente, transformam a situação em diferentes países, mas não tem sido fácil. O que precisamos é de um período em que os trabalhadores tenham alguma confiança, algum poder de organização e desenvolvimento. Esse período virá novamente. Mas, no momento, podemos analisar a situação econômica para ver se é provável que isso aconteça. A luta de classes está sempre presente, mas requer diferentes graus de intensidade, e só às vezes passamos a uma situação revolucionária.

M – Você já mencionou isso, mas gostaria de nos aprofundar nesta questão das políticas keynesianas e da Teoria Monetária Moderna. Você disse que as políticas neoliberais eram uma forma de contrabalançar esta tendência de queda da taxa de lucro E que os investimentos maciços no setor financeiro, mais do que no setor produtivo, se devem também à baixa rentabilidade do setor produtivo. Portanto, te pergunto sobre a política keynesiana e a Teoria Monetária Moderna que parecem ser muito semelhantes na medida em que elas se propõem a mudar o sistema. São uma tentativa de consertar o capitalismo, de torná-lo mais humano, como se fosse possível torná-lo mais humano. Você acha que nesta fase atual do capitalismo, nesta fase financeira, é possível voltarmos às políticas keynesianas a qualquer momento em qualquer lugar do mundo?

MR – Bem, há duas perguntas aqui. Para aqueles que não sabem o que é a Teoria Monetária Moderna: a Teoria Monetária Moderna é uma versão razoavelmente nova e confusa que surgiu nos últimos 20 anos. O que Keynes diz? Keynes diz que o

capitalismo tem problemas, ele entra em crises, as pessoas não conseguem pleno emprego. O governo tem que intervir, gastar algum dinheiro, reduzir as taxas de juros e criar as condições para que todos possam voltar a ter um emprego. O governo tem que intervir. Foi o que Keynes argumentou na década de 1930. Lembre-se, a posição *mainstream* dos anos 1930 sobre as leis econômicas era a seguinte: “Não há nada que você possa fazer se você houver uma crise, basta esperar até ter algum crescimento e então ele decolará novamente. E a razão para uma crise, se existe uma razão para tal, é porque os trabalhadores tentaram manter seus salários altos. Eles deveriam deixar seus salários colapsar. Assim, os capitalistas obtêm seus lucros e então podemos crescer novamente”.

Essa era a visão predominante. Keynes disse que isso é totalmente errado. Não há garantia de que, se os salários caíssem, você teria pleno emprego e as empresas investiriam novamente. Então o governo tem que intervir, mesmo que apenas gaste dinheiro para fazer as pessoas cavarem buracos e enchê-los novamente, pelo menos suas rendas estão entrando na economia e nós colocamos as coisas em andamento. Assim, se quiser, Keynes era contra o que agora chamamos de austeridade, mantendo os gastos do governo baixos e não reduzindo as taxas de juros, não criando as condições para que as pessoas conseguissem o pleno emprego. Portanto, era uma política bastante radical nos anos 1930, e Keynes deixou absolutamente clara a razão pela qual ele estava argumentando a favor desta política. Não só porque achava que estava certa, mas porque via o perigo de que a alternativa fosse socialista. A única coisa que ele não queria era o socialismo. Ele achava que o socialismo era uma ideia terrível e que tínhamos que lidar com esse do desemprego no capitalismo tem. Na verdade, a solução dele nunca foi aplicada e nunca funcionou. Somente a Guerra Mundial fez isso ao criar pleno emprego.

Entretanto, a visão keynesiana permaneceu após a Segunda

Guerra Mundial, quando a rentabilidade era alta e o capitalismo era capaz de empregar muitos trabalhadores. Tínhamos, na maioria das vezes, pleno emprego, não inteiramente em torno do Sul global, mas nos países capitalistas avançados. Argumentou-se que isso se devia às políticas keynesianas de gestão da economia com gastos governamentais. Na minha opinião, isso não é realmente verdade. Foi porque a rentabilidade era alta e as empresas podiam permitir que os trabalhadores aumentassem os salários já que queriam empregá-los e ganhar mais dinheiro, e nem mesmo podiam permitir que os governos tivessem algum controle sobre a produção a fim de garantir um bom crescimento e bons lucros.

Mas quando isso começou a desaparecer, como acabamos de argumentar antes nos anos 1970, então a política econômica capitalista mudou completamente e as políticas keynesianas foram abandonadas e foram substituídas por políticas que defendiam a privatização e o controle da oferta de dinheiro. “Não gaste muito dinheiro do governo”. “Promova políticas fiscais nessa direção que foi projetada para aumentar os lucros contra os salários”. E esse é o período neoliberal. Assim, o principal argumento econômico antes de Keynes foi restaurado após os anos 80 até agora.

Mas, é claro, ainda há keynesianos por que dizem ser possível voltar aos anos 50 e 60 com políticas keynesianas. “Os governos gastam dinheiro, então podemos resolver os problemas do desemprego e todas as outras questões, isso é o que precisamos fazer. Precisamos de gastos governamentais para fazer isso”. Os economistas ortodoxos dizem que não, que se você fizer isso, os lucros serão atingidos. E isso não se pode fazer já que o capitalismo depende dos lucros. Logo, há uma contradição aqui. Os keynesianos acreditam que podem realmente melhorar as condições de trabalho das pessoas gastando o dinheiro do governo e contraindo mais dívidas, se necessário. Mas o problema é esse. O problema é: isso soa muito bem porque significa o fim da aus-

teridade.

Nos últimos 20 anos, tivemos o que é chamado de austeridade. Esta é a linha: a dívida deve ser controlada. A dívida do governo brasileiro deve ser reduzida. O Brasil deve ter um déficit orçamentário. Ele precisa equilibrar os balanços. E até que o faça, é uma bagunça. Esse é o principal argumento de austeridade. Os argumentos alternativos dizem: não, não. Não, não importa qual seja o déficit, porque esse gasto produzirá mais crescimento e haverá mais emprego. A Teoria Monetária Moderna é apenas uma versão disso. Ela diz que não temos que contrair mais dívidas. Tudo o que o governo e o Banco Central do Brasil têm que fazer é imprimir mais reais. Basta imprimir mais reais. E, como o governo controla o real, se apenas eles podem imprimir o real, eles são donos da emissão da moeda. Eles podem imprimir o quanto quiserem e gastá-lo na economia brasileira. E eis que os problemas são resolvidos. A austeridade é removida. É um argumento muito atraente, não é? Que podemos dizer: Bem, nós podemos nos livrar da austeridade. Não precisamos mais ter esta privatização neoliberal e esta austeridade. Vamos voltar a Keynes, gastar dinheiro do governo e, desta vez, não nos preocuparmos em emitir títulos. Apenas imprima-o.

Quando eu usei a palavra “imprimir”, fui atacado pelos teóricos monetários modernos que diziam: “Bem, não se imprime dinheiro mais”. Não! Eu disse, eu sei disso. Mas tudo o que estou tentando dizer é que é isso que significa. Você está criando dinheiro. Na verdade, você nem sequer está criando. Você está criando mais moeda. E como isso aparece? Tudo o que o Banco Central faz é colocá-lo nos bancos. Então, o Banco Central do Brasil coloca o real nos bancos. Diz apenas com um toque de um botão de computador, aqui está outro bilhão e então você pode gastá-lo. Você o dá aos governos nas contas do governo e eles podem gastá-lo em qualquer coisa. Assim, esta “impressão” de dinheiro resolverá a questão da austeridade. Mas a grande falha

nisso é quem está tomando as decisões sobre o investimento do emprego de toda a tecnologia? Do comércio? E quem está tomando essas decisões e sobre o que estão tomando decisões? Bem, obviamente são as empresas capitalistas no Brasil e em outros países, e os bancos estão tomando decisões sobre se querem investir ou não.

Então, se você lhes der mais 50 bilhões de reais para gastar, eles irão gastá-los em coisas produtivas que produzirão mais empregos para as pessoas, mais exportações, mais produção para completar a vida das pessoas? Ou será que eles apenas especularão no mercado de ações, aumentarão os dividendos para seus acionistas, comprarão de volta suas próprias ações para aumentar o preço? Eles farão especulação financeira? Bem, a resposta é a B. Toda vez que houve esta expansão de dinheiro extra – o que foi chamado de flexibilização quantitativa durante os últimos 10 anos. Então, a visão é que, em vez de reduzir as taxas de juros para tornar as coisas baratas para os capitalistas investirem, você lhes dá uma quantidade de dinheiro através da flexibilização quantitativa. Assim, os capitalistas podem investir. Na verdade, os bancos pegam o dinheiro e especulam no mercado de ações. As bolsas de valores nos últimos 10 anos têm ido para as alturas, mas o crescimento em economias como o Brasil estagnou. Não tem havido um resultado produtivo deste processo.

M – Seria uma boa ideia usar esta teoria se você também controlasse os meios de produção e os bancos, certo?

MR – Sim. Isso é o que falta na Teoria Monetária Moderna keynesiana. Eu uso esta frase, eles dizem, se nós apenas criarmos mais dinheiro, não tocamos nem nas bordas dos capitalistas, fica exatamente como está antes. Portanto, todas as empresas de combustíveis fósseis permanecem lá, a Amazon permanece lá. Todas as empresas de recursos minerais permanecem lá. Nada muda. O setor privado não se altera. Tudo o que fazemos

é dar-lhes uma quantia de dinheiro e rezamos para que eles invistam produtivamente para fazer isso. Mas olhem pelo outro lado e mudem a estrutura social da economia. Aí o governo e os trabalhadores públicos poderiam controlar essas empresas e planejar a economia usando os recursos dessas empresas. Se pudermos produzir produtivamente, não há razão para não aumentar a quantidade, criar dinheiro ou pedir mais dinheiro emprestado. Você pode pedir emprestado se produzir mais. Não pode pedir emprestado se não produzir mais. E quem está decidindo quem vai produzir mais e o que fazer? Essa é a questão social que é ignorada pelos keynesianos e pelos teóricos monetários modernos. Esta é minha crítica fundamental ao modelo do MMT, para fazer uma abreviação, mas também à teoria keynesiana em geral.

M – Há muitos debates teóricos sobre as perspectivas do capitalismo e a avaliação de seus tempos de contração e expansão. Os ciclos de Kondratiev, como defendido por Ernest Mandel, ciclos periódicos de cerca de 100 anos como falou Giovanni Arighi, estagnação secular como definiram até mesmo os economistas burgueses como Larry Summers. Portanto, gostaríamos de fazer quatro perguntas relacionadas a isso. Você poderia comentar sobre a visão do capitalismo de um ponto de vista teórico a respeito das questões dos ciclos. Já nos anos 1980, os computadores começaram a ser massificados como produção capitalista, qual sua avaliação deste fato em termos do crescimento do capitalismo na década de 1990 e na década de 2020 até agora? Sobre a inteligência artificial: que papel ela pode desempenhar na nova expansão, se é que pode? E, finalmente, que tipo de perspectivas se abrem para a exploração capitalista da África?

MR – Todas perguntas muito boas. Se bem me lembro a primeira, acho que está se referindo sobre o que nós debatemos resumidamente antes, a ideia de “booms” e crises e a cada oito ou

dez anos. Existem longos ciclos que nós provavelmente podemos identificar no capitalismo, e como eu disse antes, o economista russo Kondratiev foi um dos que identificaram esse ciclo tão longo. Ele se baseou na produção de mercadorias, mercadorias básicas como matérias primas e recursos. Portanto, o movimento de aumento e baixa dos preços...

M – Ouvi você dizer em algum lugar que concorda com isso, mas que vai mais um pouco mais longe...

MR – Bem, eu diria que fui mais longe. Eu digo que o ciclo de Kondratiev nos dá a base para isso. Eu acho que há dois fatores. Eu diria que, primeiro de tudo, o ciclo de Kondratiev, que é este ciclo de 50 a 60 anos, e possivelmente mais longo agora, está sendo esticado um pouco, não é impulsionado apenas pelas mercadorias, pelos preços das matérias-primas em todo o mundo, mas é mais impulsionado pela inovação e pelo conjunto de inovações e tecnologia que se reúnem em determinado período, com uma explosão de crescimento e depois morre, sendo substituído por um novo conjunto. E eles parecem se agrupar em certos períodos. Quando a situação está disponível, onde a rentabilidade provavelmente aumentará por um longo período, então toda uma carga de inovações que têm sido descobertas pelos cientistas, mas ainda não utilizadas, são repentinamente retomadas por empresas que se desenvolveram para que elas as retomem de modo que possam aumentar a produtividade da mão-de-obra, reduzir a quantidade que têm que gastar com mão-de-obra e expandir sua produção e obter maior valor unitário da produção através da introdução de toda uma gama de novas tecnologias.

E, se o ciclo de produtividade é ascendente, então eles estão em posição de explorar estas novas tecnologias. Eu adicionei a esta ideia de um ciclo mais longo estes ciclos de lucro, que não são apenas essa coisa de crescimento e crise que duram uns dez anos. Mas ao longo de um período de 20, 25 anos de um ciclo

ascendente, então a lei da queda tendencial do lucro começa a operar e você cai de novo. Assim, durante um período de 50-60 anos, você tem estes ciclos de rentabilidade para cima e para baixo, mais ou menos dentro do controle do ciclo. Esta é uma ideia provisória. Acho que a teoria da onda longa ou do ciclo longo tem muitas provas para apoiá-la. E também é muito interessante, diz a você em que tipo de período você está no capitalismo econômico. Na minha opinião, estamos na metade inferior de uma trajetória descendente do ciclo de rentabilidade. É aí que você chega no período de depressão após 60 anos, e se ele chega a um final então você teria uma nova onda de lucratividade.

Mas isso será baseado em um novo conjunto de inovações, que sabemos que estão se escondendo por aí. E uma delas é apenas referida por engenharia reversa, os novos desenvolvimentos em inteligência artificial e em robôs. Já sabemos que os robôs estão sendo aplicados em todo o mundo, mas ainda somos bastante limitados. Eles estão crescendo rapidamente em inteligência artificial, o que sempre sabemos significa basicamente que os seres humanos não têm que pensar para tomar decisões. Computadores e outros começarão a pensar por si mesmos e tomar as decisões e mais do que apenas computadores tomando decisões a partir de programas. Na verdade, eles mesmos estão tomando decisões para desenvolver sua própria inteligência, tornando-se artificialmente criativos. Esse é o argumento da teoria da inteligência artificial. Você chegou a este nível de inovação onde isso poderia acontecer. Ainda não está realmente difundido. Quando eu digo difusa, quero dizer, não está se espalhando por toda parte.

A inteligência artificial ainda não opera realmente em toda a indústria de serviços no mundo, mas posso lhes dar um bom exemplo financeiro. Gosto deste exemplo em meu próprio passado na Cova do Dragão. Existe uma coisa assim chamada “fundo de hedge”. Um “fundo de hedge” em finanças é onde um ban-

do de pessoas muito abastadas consegue outras pessoas muito abastadas para lhes dar uma quantia de dinheiro e, em seguida, elas vão para os mercados, para os mercados financeiros, não às corridas de cavalos, mas aos mercados financeiros, para conseguir mais dinheiro. E eles recebem uma taxa de administração e tiram ela desse dinheiro que estão investindo em nome de outros. É chamado de “fundo de hedge” porque não compram coisas apenas na esperança de que os preços subam. Eles realmente compram coisas na esperança de que os preços baixem, de modo que eles vão para os dois lados para fazer uma aposta. E agora estes “fundos de hedge” tomam decisões sobre o que vão investir a cada dia ou a cada semana ou o que quer que seja. E eles podem sentar-se em torno de uma pequena mesa como esta, porque são frequentemente pequenas empresas que tomam essas decisões. “Bem, há um fundo de hedge que eu conheço bem. O que você vai fazer? Eu digo: vamos votar para ver se ficamos vendidos em real. Então, quatro de nós vão votar, mas o quinto será decidido pelo robô, e você se senta na mesa com o robô – é obviamente um computador – e ele recebe informações e toma uma decisão votando para que os seres humanos possam ser substituídos e tomar decisões de especuladores financeiros e talvez sobre outras coisas também ao longo do tempo. Esse é o processo que está se desenvolvendo. É um possível desenvolvimento no próximo período que robôs e máquinas de inteligência artificial substituirão cada vez mais os seres humanos.

Agora, se pensarmos nisso, em geral, é de certa forma uma grande coisa. Se estivéssemos sob uma sociedade socialista haveria uma redução dramática no total de esforço que os seres humanos teriam que realizar em vez de trabalhar 40, 50 horas por semana. Poderíamos trabalhar 5, 10 horas por semana porque todos os robôs e máquinas estariam fazendo esse trabalho para nós, para que pudéssemos gastar mais do nosso tempo fazendo coisas mais criativas do que os trabalhos que precisamos fazer

para satisfazer nossas condições de vida, e as necessidades do mundo seriam cobertas por máquinas. Isso é uma ótima tecnologia. Seria um grande processo. Mas, na verdade, sob o capitalismo, não é isso que vai acontecer. Os robôs estão substituindo os seres humanos e os colocando todos fora dos empregos permanentemente e os substituindo completamente. À medida que o capitalismo tenta empregar mais destas máquinas e reduzir mais mão-de-obra estima-se que algo como 40 a 50% das ocupações em que todos nós estamos trabalhando agora desaparecerão se os robôs assumirem o controle na próxima geração.

Isso significa que o capitalismo resolveu esse problema? Não, na verdade, se você pensar na lei da queda tendencial da taxa de lucro, isso significa que a situação será pior para os capitalistas. Porque falamos sobre estes longos caminhos da rentabilidade, poderia ser um novo conjunto de crescimento, mas então teríamos um declínio muito severo na lucratividade do capitalismo porque haveria menos valor sendo produzido pela força de trabalho remanescente e apenas a força de trabalho cria valor. Agora, há alguns economistas que dizem: “Bem, isso mostra que a teoria está errada porque há muito mais sendo produzido. Portanto, não é verdade que a rentabilidade está caindo porque mais coisas estão sendo produzidas pelos robôs”. Sim, mas as pequenas coisas que estão sendo produzidas pelos robôs não estão obtendo lucros suficientes para as empresas que possuem esses robôs. Portanto, elas estão entrando em crise. Podemos pensar em nós como uma sociedade sem trabalho humano? Sim, você pode, você pode pensar nisso. Mas antes de chegarmos a isso, haverá uma série tão grave de crises para o capitalismo, porque é um modo de produção para o lucro, que antes de chegarmos a isso causaria uma grande crise.

Já sobre a África, onde estão os fornecedores globais de trabalho no mundo? O capitalismo foi capaz de expandir seus tentáculos para fora dos países avançados da Europa, América do Norte,

norte da Ásia, em direção ao Sul global e ao redor do mundo nos últimos cem anos, a partir de um processo imperialista. E isto sugou mão-de-obra barata de todo o mundo, e cada vez mais esse trabalho desapareceu. Mas talvez em uma área, porque em todo lugar o crescimento populacional está diminuindo, o número da população em idade de trabalho está caindo. Países como a China não estão mais crescendo, a população em idade de trabalho na Índia ainda está crescendo, mas não está crescendo tanto. Exceto na África.

A África é ainda, em minha visão, uma enorme área para exploração do imperialismo. Tomemos um país como a Nigéria, que tem 350 milhões de pessoas, tem um alto índice de crescimento populacional. Serão 750 milhões de pessoas em 2050 e está crescendo dramaticamente. 95% dos nigerianos estão na pobreza, isso é um indicador de uma fonte massiva de trabalho disponível ao capitalismo para explorar. No momento, está sendo explorado somente por companhias de petróleo e gás, e por um governo corrupto. Mas outros países africanos estão em posição similar. A África continua uma nova área completamente não desenvolvida para os capitalistas explorarem. Isso dá uma oportunidade para o capitalismo ter uma nova era de expansão, talvez baseada na África. Mas também significa que a população africana vai se tornar uma força importante na luta de classes nas próximas décadas. Como resultado disso, a África está sofrendo também principalmente pelas mudanças climáticas, pelo aquecimento global, pela Covid, todas estas doenças da sociedade capitalista atingem a África. Ela pode ser uma área chave na luta de classes na próxima geração.

M – Vamos falar um pouco dos EUA. Eu li um artigo no seu blog onde você diz que a explosão monetária e os estímulos fiscais sendo aplicados pelas autoridades dos EUA para reviver a economia norte-americana depois da crise

econômica pandêmica não vão conseguir realizar este “truque” depois do impulso de adrenalina da Bidenomics, a lucratividade do capital norte-americano retomará seu declínio e o investimento e a produção serão mais fracos. Você pode nos dizer por que você tem esta avaliação?

MR – Bem, os EUA são a mais importante economia capitalista no mundo. O que acontece nos EUA é absolutamente vital para entendermos porque ele é o poder imperialista líder, o maior poder militar no mundo, maior do que todos os outros juntos, e é o maior centro financeiro. Mesmo agora que sua força declinou relativamente a outras economias capitalistas ao longo dos últimos quarenta ou cinquenta anos, ainda é de longe a economia capitalista mais importante. Então, o que acontece nos EUA é crucial para entendermos o que vai acontecer na economia mundial. Esse é o caso particularmente da América do Sul, onde os EUA consideram como seu quintal.

Pois bem, os EUA sofreram uma severa crise na grande recessão de 2009 trazida pelo colapso financeiro dos bancos, o que na minha visão foi resultado das dificuldades nos setores produtivos da economia e na lucratividade desses setores produtivos. Após o final da grande recessão, o capitalismo nos EUA se recuperou mantendo o funcionamento dos bancos e pagando a fiança deles com um custo enorme para as finanças públicas, para os contribuintes e o resto de nós para manter os bancos funcionando. Mas não criou as condições para um crescimento rápido porque a lucratividade continuou pequena. Durante a última segunda década do século XXI, nós tivemos, como eu disse antes, um crescimento muito pobre que incluiu os EUA. Os EUA estão crescendo melhor do que as outras seis grandes economias capitalistas neste período, mas só a 2% ao ano. Todas as outras, Itália, Reino Unido, Japão, França, foram pior, não muito melhor. Mas o índice de crescimento foi muito baixo comparado com períodos anteriores nos próprios EUA. A queda econômica da Covid foi tão

dramática, como se sabe, foi realmente cortante. Os capitalistas nos EUA tiveram que fazer algo. Então eles colocaram mais dinheiro no setor financeiro, a bolsa de valores cresceu, o governo também começou a gastar bastante dinheiro tentando manter os negócios e os trabalhadores longe da fome. Muito dinheiro foi investido nisso. Mas, uma vez que as restrições da Covid começaram a chegar a um fim e as pessoas voltaram ao trabalho, e as companhias abriram novamente, a indústria de serviços e o comércio começou a se abrir de novo, nós tivemos esse momento de adrenalina.

Se você no Brasil você pega uma cana de açúcar e chupar ela bastante, você sai saltitando por aí por pouco tempo [devido ao açúcar]. Ao menos as crianças, você não. Mas este estímulo em breve chega a um fim, e na verdade te deixa com uma ressaca desagradável algumas vezes que você tem essa “adrenalina de açúcar”. Então, na minha visão, como nós chegamos ao final de 2021, está se tornando claro que essa explosão de recuperação acabou, e o capitalismo dos EUA está indo de volta para onde ele estava em 2019, está diminuindo para 2% ou 3%. Mas a previsão para o resto da década é de 1,8% ao ano, o que é pior do que a previsão anterior. Essa é a previsão oficial feita pelo governo norte-americano. Eles não resolveram suas questões, a Covid não criou condições... Algumas pessoas vão argumentar que nos EUA vai ser como nos anos 1920, os “ruidosos anos 1920” antes da Segunda Guerra Mundial e depois da epidemia de gripe espanhola, os EUA tiveram um tipo de explosão de crescimento entre 1919, 1922 e 1929, quando houve um colapso capitalista, um colapso financeiro. Mas você teve uma década de crescimento relativamente rápido nos EUA. Eu não acho que nós estamos indo para outros ruidosos 2020s, não parece com isso, a lucratividade está indo devagar, investimento está baixo, existe uma grande quantidade de investimento não-produtivo no setor financeiro, que não está indo para o setor produtivo

M – Então a crise econômica da Covid não está indo tão mal que fará vir uma nova alta depois?

MR – Este é um bom ponto. Eu não acho que vai, eu acho que logo depois da grande recessão de 2009, embora tenha havido uma profunda recessão, não se criaram as condições para uma nova alta, o que é o que eu chamo de período de depressão. É como no final do século XIX. De 1873 a 1890 havia períodos de alta, houve uma queda realmente ruim em 1873, então você tem quatro ou cinco anos de lucro, depois tem outra queda, depois tem mais três ou quatro anos e depois outra queda. Diferentes países em diferentes graus. Então o que você tem é uma taxa de crescimento muito pobre através de todos aqueles vinte anos, intercalada com pequenas altas e quedas. Este é o tipo de coisa que estamos vivendo desde o começo do século XXI, pelo menos nas últimas duas décadas.

Nós tivemos um marco em 2001, nós tivemos uma queda muito profunda em 2009, então nós tivemos uma severa mas curta queda com a Covid no espaço de um ano e estamos saindo dela, mas eu não vejo que estejamos entrando em um novo período de crescimento para o capitalismo como nos anos 1920. Por que eu digo isso? Porque eu olho para as evidências empíricas. A lucratividade é baixa, os investimentos são baixos. Sim, para as pessoas uns poucos empregos já mostram que as coisas vão relativamente bem, e existem um pouco de investimento nos países avançados, mas são empregos ruins, são empregos de meio período, empregos mal remunerados, em centros de entretenimento, não são empregos produtivos, que exigem uma formação que possa dar às pessoas uma carreira e dinheiro para ir adiante. E estes estão frequentemente no setor público, na saúde e educação, onde eles tem que estar, e não em novas áreas produtivas. Então, mesmo que existam salários reais nas companhias dos países avançados, estes salários reais dificilmente.

Então os salários aumentam, mas a inflação o consome. O salário real é a diferença entre o salário que você recebe e quanto os preços aumentaram. E os salários reais dificilmente saem da média nas maiores economias. Em países como o Brasil eu acho que é pior, você na verdade tem uma queda nos salários reais, ao menos desde o fim do “boom das commodities” de 2014, de 2010 a 2014. Na última década certamente este foi o caso, talvez na primeira década do século XXI isso não foi verdade devido a esta situação diferente em países como o Brasil. Então os salários reais voltaram ao ponto inicial.

Não há categoria de crescimento que eu posso ver a qual mudaria isso. Talvez no fim desta década teremos. Se eu estiver certo, se há uma queda a cada oito ou dez anos, ao final desta década haveria outra queda que talvez seja tão severa que vai mudar a situação. Porque foi isso que aconteceu no final do século XIX. No final, estas séries de quedas criam as condições para algum tipo de recuperação. É uma recuperação imperialista, o capitalismo se espalhou pelo mundo através do imperialismo e tomou possessões coloniais e se expandiu por este caminho no intuito de sair desta queda. E, é claro, eventualmente isso levou a uma guerra imperialista em 1914. Este é o outro perigo que temos agora. Como o capitalismo tenta se expandir, ele encara um rival muito perigoso, os velhos poderes imperiais, principalmente um poder econômico ascendente como a China. E então ele de repente se dá conta deste poder, e em menor extensão a Rússia e outras ameaças à sua posição hegemônica no mundo. E os EUA decidiram que não tem mais sua política original de se engajar com a China. “Nós vamos investir na China, vamos persuadir eles para se tornarem mais capitalistas e nós assumiremos. Vamos levar Mcdonald's, colocar anúncios de propaganda nas cidades e vamos controlar a China como vários outros países no mundo”. Mas a China não opera dessa maneira, eles acham que a China ao invés disso tem sugado toda a tecnologia deles e agora está to-

mando seus mercados e suas posições. Então esta é a maior luta do século XXI vindo enquanto o imperialismo dos EUA tenta encontrar uma rota de fuga e encara um rival duro. Sua política reversa agora é destruir, frear e controlar a China a todo custo, o que pode significar apenas uma maior confrontação durante a próxima década ou mais.

M – Vamos aprofundar o tema da China. Os números chineses são espantosos. O crescimento do produto interno bruto, PIB per capita, expectativa de vida, produtividade versus salários, redução da pobreza, posição no Índice de Desenvolvimento Humano, os números são bons. Será que vai continuar assim? Irá o gap entre a China e os países desenvolvidos acabar? E você acredita que estes ganhos são sustentáveis e que grande impacto terá a China na superação da depressão global vindoura, se é que há uma.

MR – A história da China desde a Revolução de 1949, que expulsou do poder proprietários, capitalistas chineses e os imperialistas estrangeiros, após uma guerra maciça contra o Japão e uma guerra civil contra o colonialismo que havia na China com os senhores de terras, o Partido Comunista chegou ao poder. E eventualmente expropriou os proprietários e capitalistas, em favor dos trabalhadores chineses. E introduziu uma economia planejada, uma verdadeira economia pública planejada. Obviamente, ainda havia setores privados, particularmente na terra, mas esse plano se baseava apenas em meios de produção públicos, o que é o início próximo da transição para o socialismo. A remoção dos capitalistas e o estabelecimento de um Estado planejado com base apenas em setores públicos. Isso transformou a economia da década seguinte. É um grande exemplo do que é uma economia planificada através da propriedade pública e não através do processo anárquico de competição do capitalismo. É sem precedentes. Este é o maior país do mundo em população. E tirou

quase três quartos de sua população para fora do que o Banco Mundial oficialmente chama de pobreza. A Índia não fez isso, a China está buscando isso agora. Mas a China fez isso, transformou sua posição ao longo de décadas.

Os zigue-zagues nas políticas de sua liderança é algo a ser discutido, mas seus setores capitalistas funcionam, na minha opinião isso representa uma ameaça real e uma contradição para a China no futuro. Mas o setor estatal e esse plano está levando a China a um nível sem precedentes em termos de crescimento. Quer dizer, dígito duplo, 10% de crescimento por ano. Ano após ano até muito recentemente. Mas, este é o ponto, a China ainda está bem atrasada. Os níveis de produtividade, os níveis de renda por pessoa, para comparar com os países do G7. É mais ou menos o mesmo que o Brasil agora, quase. Isso é inacreditável, considerando onde estava o Brasil em 1990 e onde estava a China em 1990. Essa é uma transformação que ocorreu. Mas ainda muito, muito atrás dos países do G7. Será que isso pode fechar essa lacuna? Na minha opinião, não. Não pode fazer isso por si só. Não é possível, nem mesmo para a China. Mesmo para um país grande como esse chegar ao nível dos países imperialistas em termos de produtividade, tecnologia e até de status de vida, por causa do imperialismo. Porque o imperialismo cortará essa capacidade da China de fazer isso. Não pode ser feito em um só país.

Na minha opinião, se vamos ter, este começo precisaria de todos, e tem que ser feito internacionalmente. Nem mesmo os Estados Unidos podem alcançar um bom padrão de vida para todos vivendo nos EUA. Reduzir as horas de trabalho e transformarmos em uma sociedade na qual a tecnologia é para o benefício do povo e não para dominar as pessoas. Nem mesmo os Estados Unidos podem fazer isso. Porque tem investidores, o resto do mundo teria que investir. E se o resto do mundo permanecer imperialista, com uma revolução e os trabalhadores tomando o poder, então ainda haverá uma grande contradição. Embora seja

ainda mais simples se os EUA fizerem uma revolução socialista nos próximos anos, não demoraria muito até que o resto do mundo fizesse uma revolução. Por outro lado, se a China (considerando-a socialista ou não) não pode mudar o resto do mundo a menos que se torne internacional. A China se encontra em uma posição muito mais difícil. Está isolada agora. Ela tem amigos. É enorme. E, portanto, não pode ser esmagada. Mas se ela pode ir em frente para transformar o resto do mundo? Não. Primeiro porque tecnologicamente não vai ser capaz de fazer isso. Está cercada pelo imperialismo. E também as políticas governamentais chinesas não são internacionalistas. Eles não estão procurando fazer uma revolução internacional para a classe trabalhadora. Eles estão interessados no desenvolvimento chinês, e num desenvolvimento particular de seu próprio olhar sobre o povo. Portanto, eles não são internacionalistas. Eles não estão lutando para fazer o socialismo internacional. Eles não têm mais a força, e mesmo que tivessem em 1949, não têm agora. E isso é um grande erro. Porque, a menos que tivessem essa abordagem, eles teriam cada vez mais dificuldade para crescer. Eles não vão entrar em colapso, eles não vão cair. Eles podem ir adiante. Mas não no mesmo ritmo, na minha opinião, que vimos nos últimos quarenta ou cinquenta anos.

M – Em relação ao Brasil, o governo Bolsonaro conduziu nosso país em uma situação muito dramática, do ponto de vista econômico e social. Nós temos 635 mil pessoas que morreram devido à Covid. Uma política genocida do governo.

MR – Somente os americanos fizeram pior do que isso.

M – Sim. A pobreza também aumentou dramaticamente. Mas, felizmente, tudo indica que Bolsonaro será derrotado nas próximas eleições de outubro. Embora saibamos que a

luta contra a extrema-direita não vai acabar. Teremos que continuar lutando em todo o mundo, porque a extrema-direita é uma força política que está estabelecida no mundo. Mas aqui Lula deve ser o novo presidente do Brasil e vai fazer um governo de colaboração de classe, novamente, um governo social-liberal. O que você espera, de um ponto de vista econômico, para um Brasil pós-Bolsonaro?

MR – Se nos lembrarmos do primeiro governo Lula, considerando, foi um relativo sucesso. Melhorou as condições da classe trabalhadora, uma transformação dos regimes anteriores. Mas, se olharmos para isso economicamente, de alguma forma, Lula, e, aliás, Chávez, na Venezuela, deram sorte. Houve um período no qual os preços das commodities aumentaram automaticamente, a China estava se expandindo, como eu disse, 10% ao ano, sugando mercadorias de todo o mundo. Commodities alimentares, commodities que o Brasil produz. Havia muitos investimentos, até mesmo setores manufaturados no Brasil se expandiram. A posição do governo Lula foi então capaz de começar a melhorar as condições das pessoas mais pobres do Brasil, através dos vários benefícios e assim por diante, que o governo Lula fez, e o mesmo se aplica com Chávez.

Mas o que Lula não fez, é claro, foi mudar a estrutura social da economia brasileira. Assim o imperialismo permanece, as multinacionais permanecem, as grandes empresas brasileiras não são tocadas. As finanças, os bancos permaneceram como estavam. Nada mudou na estrutura social. Assim, estava tudo muito bem, o capitalismo no Brasil estava indo bem por alguns anos, Lula podia obter os resultados para redistribuir parte desse lucro para a mão-de-obra e para os pobres em certa medida. Era uma oportunidade típica de reforma, se você quiser, de redistribuição de recursos. Mas quando o capitalismo no Brasil caiu novamente, com o fim dos preços das commodities em 2010, e continuou nesse ritmo até muito recentemente, a situação mudou automa-

ticamente. De repente, o governo não tinha meios. Os capitalistas não estavam fazendo os investimentos necessários para gerar crescimento e receitas. E de repente os capitalistas disseram para Dilma Rousseff, a sucessora de Lula: “Olhe, você não pode continuar com estas políticas. Você tem que ter austeridade, tem que reverter isso. Caso contrário, você não terá mais investimentos e não haverá mais lucros”. E eles capitularam a este ponto de vista.

A liderança do Partido dos Trabalhadores capitulou a este ponto de vista. Porque eles nunca tiveram a perspectiva de realmente assumir a economia e fazê-la com base no que os trabalhadores precisavam. Essa não era a perspectiva deles. Bem, há muitas razões diferentes em relação às motivações deles. Eu mesmo acho que, se você perguntar por motivações, eles estavam com medo da revolução. Quando você vê a classe trabalhadora, você pensa, os trabalhadores têm o poder de transformar a economia. Isso é uma coisa muito assustadora. Se você é um líder de um partido social-democrata, vamos lá, você realmente vai fazer isso? O que mais vai acontecer? E se isso acabar como a Revolução Francesa? É um pensamento assustador. Você tem que admitir que isso é uma coisa grande, grande e imponente que você tem que fazer, você sabe. Você realmente tem que ter confiança na classe trabalhadora, e se organizar, para fazer isso. E ter confiança constantemente, porque você pode estar por conta própria no mundo. Como Cuba ficou. É assustador para os líderes do Partido dos Trabalhadores, mesmo que eles acreditem que era isso que queriam, não é algo que eles insistiram, porque é assustador. Eles não queriam fazer isso.

Portanto, uma saída fácil é encontrar outra solução, deixar os trabalhadores pagarem por esta crise, não os capitalistas. Então o resultado é que eles foram martelados nas eleições. A direita cresceu. E eu me lembro, você melhor do que eu. O Bolsonaro, no início, nós dizíamos: “ele nunca vai ganhar uma eleição. Será alguma espécie de político razoável, moderado, conserva-

dor, que vai ganhar”. E o Bolsonaro surgiu do nada, por causa da situação chocante existente no Brasil. Os extremistas estavam tomando postos e ele foi capaz de vencer. Assim como Trump nos EUA, entrando no poder contra todos as apostas, ninguém esperava que Trump vencesse. Os burgueses não pensavam que Trump venceria nos EUA. Os burgueses no Brasil não achavam que o Bolsonaro venceria. Mas quando ele ganhou, é claro que eles fizeram fila atrás dele, porque precisavam dele, contra o outro lado, e o Partido dos Trabalhadores ficou, em uma frase em inglês, “com ovos na cara” devido ao caminho que eles tomaram.

O que vai acontecer agora? Acho que não há nenhum período de fôlego para o próximo governo Lula. Não vamos ter cinco, ou seis ou sete anos de preços altos de commodities, o que vai proporcionar a Lula alguns recursos, para ele tentar melhorar as condições e levar adiante algumas reformas. Desde o início, esta vai ser uma batalha entre as forças burguesas que querem austeridade e rentabilidade para as empresas, e por trás de Lula as expectativas do eleitorado de que algo será feito. Embora talvez a eleição não seja isso realmente desta vez. Eu não sei o que você pensa, mas nas pesquisas ele está bem apenas para derrotar Bolsonaro. Mas não tenho certeza de que os trabalhadores estão confiantes de que Lula vai fazer muito. Eles sentem que talvez Bolsonaro deva sair. Portanto, nada será como foi quando Lula foi eleito a primeira vez.

Na verdade, eu acho que é esse o caso. A melhor coisa a fazer é sugar os outros partidos, os partidos pró-capitalistas, e tentar fazer algum tipo de acordo. Por isso, pareço ser moderado aqui, quando podemos realmente fazer algo. Eu posso fazer um pouco aqui, um pouco ali, o que nos manterá sem... Não queremos um confronto. Não queremos começar uma guerra. Vamos ver se encontramos algo que funcione para o Brasil, eu acho. Entendi bem? O que você acha?

M – Sim. Isso é perfeito. E o perigo, eu vejo, é que embora não haja grandes expectativas, você está certo, o povo quer derrotar Bolsonaro muito mais do que eles esperam que Lula seja um governo maravilhoso. Mas eles esperam algum tipo de vida melhor. E o perigo é que a frustração de não entregar algo melhor na questão econômica tornará a extrema-direita ainda mais forte. Porque Bolsonaro saiu disso. Saiu dessa frustração com o governo do Partido dos Trabalhadores.

MR – Sim... Lula pode ter sorte. Pode ser que os preços das commodities subam novamente, porque a inflação está em alta no momento, e os preços das commodities, da energia e dos alimentos e assim por diante estão disparando. Acho que isso é temporário, na minha opinião. Mas se você tiver uma alta sustentada nos preços das commodities, energia, alimentos, outras coisas, recursos, isto beneficiaria a economia brasileira de commodities. Portanto, esse poderia ser outro cenário de sorte. Podemos levantar essa possibilidade. Então, isso dá um pouco de espaço para Lula se mexer. Mas não tenho certeza se isso realmente vai acontecer desta vez. Foi o que aconteceu de 2004 à 2010. Não desta vez, acho que não. Portanto, vai ser uma situação muito difícil.

M – Sim. Difícil para as pessoas que estão na pobreza. Muito, muito difícil.

MR – Como sabemos, eu olho para os dados. Claro, você está na linha de frente, mas a desigualdade no Brasil é incrivelmente grande. Não apenas na renda, mas também... Há apenas um país no mundo com altos índices de desigualdade como o Brasil, a África do Sul.

M – Sim. Vamos terminar nossa entrevista com algum otimismo. Ouvi você dizer em uma entrevista que acha que

a propaganda socialista vai ser mais fácil depois da pandemia. Você pode falar sobre isso?

MR – Bem, eu acho... Uma das principais lições da pandemia tem sido o completo fracasso dos sistemas de saúde nas economias capitalistas em todo o mundo. Tanto para se preparar para a pandemia, como para lidar com ela com razão. Os sistemas de saúde do mundo inteiro falharam. Ou são sistemas de saúde privados, o que é totalmente inadequado, como no caso de partes da América do Sul ou nos Estados Unidos, ou mesmo se os sistemas de saúde públicos em geral foram tão destruídos e dizimados pela austeridade e políticas neoliberais durante os últimos 30 anos, leitos hospitalares reduzidos, médicos reduzidos, gastos com privatizações... Todo tipo de coisas que acontecem nos países do G7 a respeito disso. O grande estado de bem-estar social da Europa foi completamente destruído, particularmente o sistema de saúde. Porque é caro para o capitalismo. As pessoas envelhecem. É muito caro para o sistema envelhecer. Por que eles simplesmente não morrem? É o que o capitalista quer. Eles não querem ter que tomar conta dessas pessoas. Eles também não querem educar as pessoas. Isto é só para a elite, para fazer seu trabalho. Isto é dinheiro sendo desperdiçado, eles podem dizer.

M – Eles são inúteis para o capitalismo...

MR – Sim, você poderia dizer isso. Os keynesianos dizem que é uma visão de curta distância. Eles deveriam deixar estas coisas acima do “capital humano”, como eles dizem. Mas, na verdade, os países por todo lado não concordam. Eles querem os lucros nos próximos cinco anos, eles não olham para os trinta anos que estão por vir. Portanto, essas coisas estão sendo esmagadas e reduzidas o máximo possível. Eles não conseguiriam lidar com a pandemia, os sistemas de saúde não conseguiram. Dessa forma, somos forçados a fazer grandes bloqueios e todos os tipos de outras restrições. Se tivéssemos um sistema de saúde adequado

e uma boa preparação, provavelmente poderíamos ter evitado a maior parte dele. De qualquer forma, os lockdowns só funcionaram porque as pessoas, só as pessoas, perceberam que precisavam se isolar e se proteger, era solidário fazer isso. Não inteiramente, mas no todo. Mas o que isso demonstra, o que eu acho que se deve considerar o setor público, o setor público é vital. Eles podem ver que eles são muito, muito importantes.

Portanto, penso que uma campanha para melhorar o serviço público e restaurar os serviços públicos como serviços públicos [novamente] é uma arma poderosa à medida que lidamos com a Covid. A outra coisa que me parece é, porque tantas pessoas ficaram doentes e não puderam voltar ao trabalho, por causa de uma longa Covid, e do isolamento, e o resto, e o custo disso é que há camadas inteiras de indústrias que não conseguiram trabalhadores suficientes, particularmente o transporte. E isto obriga as empresas a pagar mais dinheiro aos trabalhadores. E os trabalhadores, em alguns setores, têm agora algumas barganhas para melhorar suas condições e forçar aumentos salariais. Talvez isso dure. No nível político, a campanha por um serviço público decente é uma grande questão política. E também nos setores industriais dos trabalhadores, que agora se tornam muito mais importantes para o capitalismo do que eles pensavam que eram. E eles têm que tentar em meio às suas condições. Criar as condições para, talvez novas indústrias, novos setores de trabalhadores, sindicalizando-se e indo em frente. Vemos medidas pequenas disto na América, algumas no Brasil, mas estas áreas, penso eu, nos darão a oportunidade de esperar que a mão-de-obra seja reforçada em certas áreas. Eu deveria dizer, que ainda estamos em depressão na economia mundial. Não são boas condições para a expansão das forças e da confiança dos trabalhadores em todo o mundo. Outros bons indicadores são: quantas lutas são defensivas, apenas para preservar o que tivemos antes, e quantas lutas são ofensivas, para melhorar o que temos agora. É um bom

equilíbrio. Eu não sei. Ainda acho que a defensiva é mais forte e as coisas ainda não mudaram agora.

Apenas junto com as mulheres proletárias o socialismo será vitorioso¹

Clara Zetkin²

16 de Outubro de 1896

As investigações de Bachofen, Morgan e outros parecem provar que a repressão social das mulheres coincide com a criação da propriedade privada. O contraste na família entre o marido como proprietário e a mulher como não proprietária se tornou a base da dependência econômica e da ilegalidade social do sexo feminino. Essa ilegalidade social representa, de acordo com Engels, uma das primeiras e mais antigas formas da exploração de classes. Ele afirma: “Na família, o marido representa a burguesia e a esposa o proletariado”.

No entanto, a questão das mulheres não era questionada neste sentido específico do mundo moderno. Somente o modo de produção capitalista, o modo de produção que criou a transformação social, que levantou a questão feminina destruindo o antigo sistema econômico e familiar, trazendo substância e sentido de vida para a grande massa de mulheres, durante o período pré-capitalista. Nós não devemos, entretanto, transferir para as atividades econômicas femininas antigas aqueles conceitos (como futilidade e mesquinhez) que são ligados às atividades femininas de nosso tempo. Desde que o antigo tipo de família existia, a mulher encontrará nas atividades produtivas, um sentido de vida, mesmo que ela não tenha consciência de sua ilegalidade social e de que seu desenvolvimento de seus potenciais enquanto indivíduo é limitado.

¹ Este texto é fruto do discurso ao congresso do Partido da Social Democracia da Alemanha realizado em Gotha no dia 16 de Outubro de 1896. Esta é uma versão editada a partir da tradução sob licença livre de Mayra da Silva publicada no portal marxists.org.

² Foi uma socialista feminista alemã.

O período do Renascimento é tempestuoso e estressante, no sentido de despertar da individualidade moderna o que era capaz de se desenvolver completamente em diversas direções. Encontramos indivíduos que eram gigantes bons e maus que rejeitam os mandamentos das religiões, das concepções morais e desprezam igualmente céu e inferno. Nós descobrimos as mulheres com o centro da vida social, artística e política. E, ainda, não existe um traço de movimento feminino. Esta é a maior razão para o antigo sistema começar a ruir sob o impacto da divisão do trabalho. Milhares e milhares de mulheres não mais encontravam sentido na vida no interior da família, mas essa questão, de acordo com o que podemos analisar, foi resolvida na época com conventos, instituições de caridade e ordens religiosas.

As máquinas, o modo moderno de produção, lentamente acabaram com a produção doméstica e não apenas para milhares, mas para milhões de mulheres a pergunta era: onde encontraremos nosso meio de vida? Onde nós encontraremos um sentido de vida assim como um trabalho que nos dê satisfação mental? Milhões estavam agora forçadas a encontrar seu meio e sentido de vida fora de suas famílias, na sociedade como um todo. Nesse momento, elas se tornaram conscientes do fato de que sua ilegalidade social esteve em oposição com a maioria de seus interesses básicos. A partir deste momento surgiram as modernas questões das mulheres. Aqui estão algumas estatísticas que mostram como o modo de produção moderno funciona para as questões das mulheres, mesmo as mais agudas. Durante 1882, 5,5 milhões das 23 milhões de mulheres e meninas na Alemanha estavam totalmente desempregadas, um quarto da população feminina não encontrava mais seu meio de vida na família. De acordo com o Censo de 1895, o número de mulheres empregadas na agricultura, no sentido mais amplo desse termo, havia crescido desde 1882 mais de 8% e no sentido estrito cerca de 6%, enquanto o número de homens empregados

na agricultura decrescia cerca de 3% a 11%, por ano. Na área das indústrias e das minas, o número de empregadas cresceu cerca de 35% e o de homens cerca de 28%. No mercado de tecelagem, o número de mulheres empregadas cresceu mais de 94% e o de homens apenas 38%. Apenas esses números mostram muito mais a urgência em se resolver as questões das mulheres do que uma declamação inflamada.

O problema das mulheres, entretanto, está presente apenas entre aquelas classes da sociedade nas quais elas mesmas se tornaram produtos do modo capitalista de produção. Então, não encontraremos tais questões nos círculos camponeses, onde existe a economia natural (embora reduzida e puncionada). Mas, nós certamente encontraremos esses problemas naquelas classes da sociedade em que todas as crianças participam do modo moderno de produção. Existe um problema feminino para cada mulher do proletariado, da burguesia, da intelectualidade etc. Assume uma forma diferente de acordo com a situação de classe de cada uma.

Como se entende um questionamento feminino na alta sociedade? As mulheres desta classe, graças as suas propriedades, podem desenvolver sua individualidade e viver como desejam. Em toda sua vida, entretanto, ela ainda depende de seu marido. A guarda sobre o sexo mais frágil sobrevive na lei da família que afirma: “Ele deverá ser seu mestre”. E qual é a constituição da alta sociedade para que a mulher seja legalmente subjugada pelo marido? Em seus primórdios, essas famílias não seguiam pré-requisitos morais. Não era a individualidade, mas o dinheiro que decidia sobre o matrimônio. Seu mote é: no que o capital participa, moralidade sentimental não deve participar. Então, nessa forma de casamento, duas prostituições são tomadas como uma virtude. A eventual vida em família se desenvolve de acordo com os mesmos termos. Onde quer que a mulher não seja mais forçada a realizar seus deveres, ela transfere seus deve-

res de mulher, mãe e dona de casa para serviços pagos. Se as mulheres destes círculos tem o desejo de dar a suas vidas um propósito sério, elas devem, primeiramente, aumentar a possibilidade de dispor de suas propriedades de forma independente e livre. Esta demanda representa o centro das demandas apresentadas pelo movimento feminino da alta sociedade. Estas mulheres, em sua luta pela realização de suas demandas contra o mundomasculino de suas classes, lutam exatamente a mesma batalha que a burguesia lutou contra as classes privilegiadas, ou seja, a batalha para remover todas as diferenças baseadas nas posses das propriedades.

O fato de que esta demanda não lida com os direitos dos indivíduos está provado pela defesa de Herr Von Stumm no Reichstag. Mas quando ele defendeu os direitos de uma pessoa? Este homem, na Alemanha, significa mais do que uma personalidade, ele é o dinheiro em carne e osso e se este homem se apresenta com uma máscara barata pelos direitos das mulheres, então isso só aconteceu porque ele foi forçado a dançar diante da “Arca da Aliança do Capitalismo”. Este é o Herr Von Stumm que sempre está pronto para colocar um basta para seus trabalhadores se eles não dançarem conforme sua música e ele certamente receberia com um sorriso satisfeito se o Estado, enquanto empregador colocasse os professores e intelectuais que insistem em discutir políticas públicas sob suas rédeas também. Os esforços de Herr Von Stumm não almejam nada além do que instituir a posse dos bens móveis no caso da herança feminina, uma vez que existem pais que adquiriram posses, mas não tem como escolher seus filhos, deixando apenas as filhas como herdeiras. Assim, o capitalismo honra a poucas mulheres, permitindo que elas dispusessem de suas fortunas. Esta é a fase final da emancipação da propriedade privada.

Como se apresentam os problemas femininos nos círculos da pequena burguesia, da classe média e da burguesia intelectual?

Nesse caso, não é a propriedade que dissolve a família, mas principalmente os sintomas concomitantes da produção capitalista. Neste grau, a produção completa sua marcha triunfal, a classe média e a pequena burguesia estão cada vez mais próximas de sua destruição. Entre a burguesia intelectual, outra circunstância leva à piora das condições de vida: o capitalismo precisa de força de trabalho inteligente e treinada cientificamente. Isso então favoreceu uma superprodução de trabalhadores cientificamente qualificados e contribuiu para o fenômeno de que as posições de respeito entre essas classes de profissionais estão se erodindo.

No mesmo nível, entretanto, o número de casamentos está caindo; mesmo com bases materiais piores, o aumento da expectativa de vida dos indivíduos, faz com que os homens pensem duas ou três vezes antes de entrar em um casamento. A idade limite para se formar uma família aumentou e o homem não sofre pressão para se casar, pois em nosso tempo existem bastantes instituições sociais que oferecem uma vida confortável a um velho bacharel sem uma esposa legítima. A exploração capitalista da força dos proletários até os níveis mais exaustivos, está aí um grande suprimento de prostitutas que correspondem às demandas desses homens. Então, dentro dos círculos da burguesia o número de mulheres solteiras sempre cresce.

As mulheres e filhas destes círculos são empurradas para dentro da sociedade, elas próprias precisam se estabelecer em suas vidas nas quais não se espera apenas que elas tenham seu sustento, mas também saúde mental. Nesses círculos, as mulheres não são iguais aos homens na forma de donas das propriedades privadas, como elas são nos altos círculos. As mulheres nestes círculos ainda precisam garantir sua igualdade econômica com os homens e elas podem fazer isso a partir de duas demandas: a demanda por treinamento profissional igualitário e a demanda por oportunidades iguais de trabalho para ambos os sexos. Em termos econômicos, isso significa nada menos do que

a realização do livre acesso a todos os empregos e competição igualitária entre homens e mulheres. A realização disso desencadeia um conflito entre homens e mulheres da burguesia e da intelectualidade. A competição das mulheres dentro do mercado de trabalho é a força que move a resistência dos homens contra as demandas daqueles que advogam pelos direitos das mulheres burguesas. Pura e simplesmente, medo da competição. Todas as outras razões que são listadas contra o trabalho feminino qualificado, como o cérebro feminino ser menor e a tendência natural das mulheres a serem mães são apenas pretextos. Esta batalha coloca as mulheres deste estrato social diante da necessidade de exigir seus direitos políticos, lutando politicamente, derrubando todas as barreiras que foram criadas contra a sua atividade econômica.

Até então, me posicionei apenas diante da estrutura política básica e pura. Nós iremos, entretanto, cometer uma injustiça contra o movimento burguê pelos direitos das mulheres se nós atribuíssemos apenas motivações econômicas. Não, este movimento também contém um aspecto mais profundo. As mulheres da burguesia exigem não só seu sustento, mas também querem poder desenvolver sua individualidade. Exatamente junto a esse segmento encontramos esta trágica, porém psicologicamente interessante figura “nora”, mulheres que estão cansadas de viver como bonecas, em casas de bonecas e que querem compartilhar do desenvolvimento da cultura moderna. A economia, bem como a intelectualidade empreendida pelos defensores dos direitos das mulheres da burguesia são completamente justificáveis.

No que diz respeito ao proletariado feminino, foi a necessidade do capitalismo de explorar e buscar incessantemente por uma força de trabalho barata que criou questão das mulheres. Essa também é a razão pela qual o proletariado feminino se tornou parte do mecanismo da vida econômica de nosso período e

foi para as oficinas e para as máquinas. Elas saíram para a vida econômica para ajudar seus maridos na subsistência, mas o sistema capitalista as transformou em competidoras desleais. Elas queriam trazer prosperidade para a família, entretanto, a miséria se estabeleceu. As mulheres proletárias se empregaram porque queriam construir uma vida feliz e prazerosa para seus filhos, entretanto, elas ficaram totalmente separadas deles. Elas se tornaram iguais aos homens como trabalhadores; as máquinas davam as forças necessárias e em qualquer lugar o trabalho das mulheres gerava o mesmo resultado que o dos homens. E como as mulheres constituem uma força de trabalho barata e acima de tudo submissas, tanto que apenas raros casos se colocam contra a exploração do capitalismo, os capitalistas aumentaram as possibilidades de trabalho das mulheres na indústria. Como resultado, as mulheres proletárias alcançaram sua independência. Mas, verdadeiramente, o preço para isso foi muito alto e para o momento elas ganharam muito pouco. Se durante a Era da Família, o homem tinha o direito (pense na lei eleitoral da Bavária!) de domar sua mulher com um chicote, o capitalismo está, agora, domando-a ainda mais. Antigamente, o governo de um homem sobre sua mulher era amenizado por sua relação pessoal. Entre um empregador e um empregado, entretanto, existe apenas o vínculo financeiro. O proletariado feminino ganhou sua independência, mas nem como ser humano, nem como mulheres ou esposas elas tem a possibilidade de desenvolver sua individualidade. Para suas tarefas como esposa e mãe, restam apenas as migalhas que a produção capitalista deixava cair da mesa.

Então as lutas pela libertação das mulheres proletárias não podem ser comparadas às lutas que as mulheres da burguesia enfrentam contra os homens de sua classe. Ao contrário, elas devem empreender uma luta unitária com os homens de sua classe contra toda a classe capitalista. Elas não precisam lutar contra os homens de sua classe para derrubar as barreiras que foram er-

guidas contra sua participação no mercado da livre competição. A necessidade do capitalismo de explorar e desenvolver o modo moderno de produção as libera totalmente de travarem tal briga. Ao contrário, novas barreiras precisam ser erguidas contra a exploração do proletariado feminino. Seus direitos como esposa e mãe precisam ser restaurados e garantidos permanentemente. Seu clamor final não é a livre competição com os homens, mas o poder político nas mãos do proletariado. As mulheres operárias lutam lado a lado com os homens de sua classe contra a sociedade capitalista. Para se ter certeza, elas também concordam com as demandas do movimento feminino burguês, mas elas sabem que a simples realização dessas demandas é uma forma de impedir que o movimento entre na batalha, equipado com as mesmas armas, ao lado de todo o proletariado.

A sociedade burguesa não é fundamentalmente contra o movimento femininoburguês, o que pode ser provado pelo fato de que em vários estados foram iniciadas reformas das leis, em âmbito público e privado. Existem duas razões pelas quais a implementação dessas reformas parece demorar excepcionalmente na Alemanha: primeiramente, os homens temem a competição nas profissões liberais e precisa-se levar em consideração que o desenvolvimento da democracia burguesa é bastante lento e fraco na Alemanha, que não acompanha sua tarefa histórica porque sua classe dominante teme o proletariado. Temem que estas reformas só trarão vantagens para os social-democratas. Quanto menos a democracia burguesa se deixar levar pelo medo, mais estará preparada para realizar tais reformas. A Inglaterra é um bom exemplo. A Inglaterra é o único país que ainda tem uma burguesia verdadeiramente poderosa, enquanto a burguesia alemã, tremendo de medo do proletariado, se intimida em realizar reformas políticas e sociais. Assim como está a Alemanha, existe o fator adicional de visão Filistina ampla. A noção Filistina de prejuízo atinge profundamente a burguesia alemã. Para se ter

certeza, este medo da burguesia alemã é muito raso. Garantir igualdade política para homens e mulheres não muda o atual balanço de forças. As mulheres proletárias acabam no proletariado e as da burguesia acabam no campo da burguesia. Não podemos nos deixar enganar pelas tendências socialistas no movimento de mulheres burguês, que só persistirá enquanto a burguesia feminina se sentir oprimida.

Quanto menos a democracia burguesa entende seu papel, mais importante é para a Social-Democracia defender a igualdade política das mulheres. Não queremos parecer melhores do que somos. Não estamos reivindicando por um princípio, mas interessados na classe operária. Quanto mais o detrimento do trabalho feminino influenciar na vida dos homens, mais urgente se tornará a necessidade de incluí-las na batalha econômica. Quanto mais a batalha política afetar a existência de cada indivíduo, mais urgente será a participação das mulheres nessa luta. Foi a lei antissocialista que deixou claro para as mulheres o que significava justiça de classe, Estado de classe e leis de classe. Foi esta lei que ensinou às mulheres a necessidade de aprender sobre a força que intervém tão brutalmente em suas famílias. A Lei Antissocialista cumpriu com sucesso seu trabalho que não teria sido realizado por uma centena de agitadoras e, portanto, somos profundamente gratas a essa lei que como todos os órgãos do governo (desde o ministério até a polícia local) que participaram e contribuíram maravilhosamente com esses serviços involuntários de propaganda. Então, como podem acusar a nós, social-democratas de ingratidão?

Ainda existe outro evento que deve ser levado em consideração. Estou me referindo à publicação de Augusto Bebel, o livro “Mulheres e o Socialismo”. Este livro não deve ser julgado de acordo com seus aspectos positivos ou pelos seus atalhos. Deve ser julgado pelo contexto de quando foi escrito. Foi mais do que um livro, foi um evento – um maravilhoso tratado. Bastante

preciso. O livro apontou pela primeira vez a conexão entre a questão feminina e o desenvolvimento histórico. Pela primeira vez, deste livro soou um apelo: nós apenas conquistaremos o futuro se persuadirmos as mulheres a se tornarem cobatalhadoras. Reconhecendo isso, não estou falando apenas como mulher, mas como uma camarada do partido.

Quais conclusões práticas nós podemos esboçar para nossa propaganda junto as mulheres? A tarefa que deste congresso do Partido não deve ser resumida a sugestões de detalhes práticos, mas desenhar diretrizes gerais para o movimento de mulheres.

Nossa linha de pensamento deve ser: não devemos conduzir propaganda especial para as mulheres, mas fazer agitação socialista entre as mulheres. Os interesses mesquinhos e momentâneos interesses do mundo feminino não podem ser permitidos nesse estágio. Nossa tarefa deve ser incorporar as trabalhadoras modernas na nossa luta de classes! Não temos tarefas especiais para a agitação junto às mulheres. Essas reformas para as mulheres que devem ser realizadas no âmbito da sociedade de hoje já são exigidas dentro do programa mínimo de nosso partido.

A propaganda das mulheres deve tocar naquelas questões que são de grande importância para todo o movimento operário. A principal tarefa, portanto, de acordar a consciência de classe das mulheres e incorporá-las à luta de classes vigente. A sindicalização das trabalhadoras é extremamente difícil. Durante os anos de 1892 a 1895, o número de trabalhadoras organizadas em centrais sindicais cresceu para cerca de 7000. Se adicionarmos a esse número as trabalhadoras organizadas em sindicatos locais e enxergarmos que ao menos 700.000 mulheres estão envolvidas ativamente nas grandes indústrias, então começaremos a entender o tamanho do trabalho de organização que ainda está a nossa frente. Nosso trabalho se torna mais difícil pelo fato de que muitas mulheres estão ativas na indústria caseira e podem, portanto, ser organizadas apenas com grande dificuldade. Tam-

bém temos que lidar com a difundida crença entre as garotas jovens que seu trabalho industrial é apenas transitório e que terminará quando se casarem. Para muitas mulheres existe a dupla obrigação de ser ativa tanto na fábrica quanto em casa. O que é mais necessário para as trabalhadoras é obter uma jornada de trabalho legalmente fixada. Enquanto na Inglaterra todos concordam que a eliminação da indústria caseira, o estabelecimento de uma jornada de trabalho legal e o pagamento de salários mais altos são importantes requisitos para a sindicalização das trabalhadoras –na Alemanha, além desses obstáculos, enfrentamos também a obrigação da sindicalização e das assembleias. A completa liberdade de formar coalizões, que era garantida pela lei do Império, foi ilusoriamente retida pelas leis de cada estado federativo. Não quero discutir a forma como tal direito de formar um sindicato é tratado na Saxônia (mesmo que alguém possa falar de um direito lá). Mas em dois dos maiores estados federativos, a Bavária e a Prússia, as leis sindicais são tratadas de tal forma que a participação feminina nos sindicatostem se tornado cada vez mais impossível. Mais recentemente na Prússia, o distrito do “liberal”, o eterno candidato a ministro, Herr Von Bennigsen tem feito o humanamente possível na interpretação da Lei da Sindicalização e das Assembleias. Na Bavária todas as mulheres são excluídas de reuniões públicas. Na Câmara de lá, Herr Von Freilitzsch declarou muito abertamente que ao lidar com a lei da sindicalização, não apenas o texto, mas também a intenção do legislador deve ser levada em consideração. Herr Von Freilitzsch está na melhor posição para saber exatamente as intenções dos legisladores, todos eles acabaram de morrer, antes deixando a Bavária com mais sorte do que qualquer um pudesse imaginar nos seus melhores sonhos, apontando Herr Von Freilitzsch como seu ministro da polícia. Isso não me surpreende por quem quer que recebaum ofício de Deus também recebe a inteligência concomitante, e em nossa Era do Espiritualismo,

Herr Von Freilitzsch obteve tanto sua inteligência oficial, como por meio da quarta dimensão, descobriu as intenções dos falecidos legisladores.

Esta situação, portanto, não dá possibilidade para que as trabalhadoras se organizem junto aos homens. Até agora, elas enfrentaram uma luta contra o poder policial e estratégias jurídicos e, superficialmente, parecem ter sido derrotadas. Na realidade, entretanto, elas se tornaram vitoriosas porque todas as medidas usadas para esmagar a organização das trabalhadoras só serviram para despertar sua consciência de classe. Se quisermos ter uma poderosa organização de mulheres, tanto no aspecto econômico como político, devemos então, primeiramente, cuidar da possibilidade para um movimento feminino livre, lutando contra a indústria caseira, por jornadas de trabalho menores e, acima de tudo, contra o conceito de organização da classe dominante.

Não podemos determinar, neste congresso do Partido, qual forma nossa propaganda entre as mulheres deve tomar. Devemos, primeiramente, aprender como faremos nosso trabalho junto às mulheres. Na resolução que vos foi apresentada, propõe-se para eleger delegadas sindicais, cuja tarefa será a de estimular a união e organização econômica das mulheres e para consolidá-la de maneira uniforme e planejado. Esta proposta não é nova; foi adotada em princípio pelo Congresso do Partido de Frankfurt, e em algumas regiões foi implantado com sucesso. O tempo irá dizer se essa proposta, quando aplicada em maior escala, é adequada para colocar as mulheres em maior medida no movimento proletário.

Nossa propaganda não deve ser realizada apenas de maneira falada. Um grande número de pessoas passivas não está em nossas reuniões e incontáveis esposas e mães não podem vir. Na verdade, não deve ser tarefa da propaganda socialista alienar a mulher trabalhadora de seus deveres como mãe e esposa. Ao contrário, ela deve ser encorajada a realizar essas tarefas melhor

do que nunca. Quanto melhor suas condições em sua família, quanto mais eficiente for em casa, maior será sua capacidade de lutar. Quanto mais ela for modelo e educadora de seus filhos, mais hábil ela será para fazê-los continuar na luta com o mesmo entusiasmo e sacrifício que tivemos para a libertação do proletariado. Quando um trabalhador disser: “Minha esposa!” ela pensará “camarada de meus ideais, companheira em minhas batalhas e mãe dos meus filhos, para as futuras batalhas.” Muitas mães e esposas que despertam a consciência de classe em seus maridos e filhos fazem tanto quanto as camaradas que nós vemos em nossas reuniões.

Se a montanha não vai a Maomé, Maomé deve ir à montanha: nós devemos levar o socialismo para as mulheres através de uma propaganda escrita planejada. Para tal campanha, eu sugiro a distribuição de panfletos e eu não quero dizer do tradicional panfleto no qual todo o programa socialista e todo o conhecimento científico do século estão condensados em um quarto de página. Não, nós devemos usar pequenos panfletos nos quais se discuta um problema prático de um ponto de vista, principalmente aquele da luta de classes, que é a tarefa principal. E não devemos assumir uma atitude indiferente para a produção técnica de panfletos. Não devemos usar, como é nossa tradição, o pior papel e o pior tipo de impressão. Tal panfleto miserável será amassado e jogado fora pelas trabalhadoras que não tem o mesmo respeito pela palavra impressa do que os trabalhadores. Devemos imitar os norte-americanos e ingleses que faziam pequenos livretos de quatro a seis páginas. Pois mesmo uma trabalhadora é mulher suficiente para dizer para si mesma: “Isso é mesmo encantador. Terei que pegá-lo e guardá-lo”. As frases que realmente importam devem ser impressas em letras grandes. Então as trabalhadoras não ficarão com medo de ler e sua atenção será estimulada.

Por causa de minhas experiências pessoais, não posso defen-

der a fundação de um jornal especial para as mulheres. Minha experiência não é baseada na minha posição como editora do “*Gleichheit*” (que não é destinado à massa feminina, mas à sua vanguarda progressista), mas como distribuidora de literatura entre as trabalhadoras. Estimulada pelas ações de Frau Gnau-ck-Kuhne, eu distribuí jornais por semanas em certa fábrica. Eu me convenci que as mulheres lá não só não aprenderam com aquele jornal o que era esclarecedor, mas o que era engraçado e de entretenimento. Dessa forma, os sacrifícios de se publicar um jornal barato não valeriam a pena.

Também criamos uma série de brochuras que traziam o socialismo mais próximo das mulheres como trabalhadoras, esposas e mães. Exceto pela poderosa brochura de Frau Popp, não tivemos uma só que chegou ao número de requerimentos que precisávamos. Nossa imprensa diária, também, precisa realizar mais do que fez até então. Alguns jornais diários tiveram a intenção de esclarecer as mulheres adicionando o suplemento especial para mulheres. O “*Magdeburger Volkstimme*” é um exemplo e o camarada Goldstein no Zwickau tem estimulado habilidosamente e com sucesso. Mas até agora a imprensa diária manteve a trabalhadora como assinante, enaltecendo sua ignorância, seu gosto ruim e informe, no lugar de esclarecê-las.

Repito que estou apenas colocando sugestões para vossa consideração. Propaganda entre as mulheres é difícil e onerosa e requer grande devoção e sacrifício, mas este será recompensado e deve ser trazido à luz. O proletariado poderá se libertar apenas se lutar unido, sem diferenciar-se por nacionalidade ou profissão. No mesmo sentido, só se libertará sem a distinção por sexo. A incorporação de grandes massas de trabalhadoras na luta pela libertação do proletariado é um pré-requisito para a vitória do ideal socialista e para a construção da sociedade socialista.

Apenas a sociedade socialista irá resolver o conflito que hoje é gerado pela atividade profissional das mulheres. Uma vez que a

família como uma unidade econômica irá desaparecer e seu lugar será tomado pela família como uma unidade moral, as mulheres terão igualdade em direitos, igual em criatividade, será companheira de frente de seu marido; sua individualidade poderá crescer no mesmo tempo e ela cumprirá suas tarefas de esposa e mãe da melhor forma possível.

Internacional

“O verdadeiro responsável pela guerra é o projeto de poder do Putin” – Entrevista com Svetlana Ruseishvili, professora do Departamento de Sociologia da Ufscar

Bruno Magalhães¹ e Israel Dutra²

Revista Movimento – Primeiro, Svetlana, queria que você se apresentasse sucintamente. Qual o seu curso de formação, onde você dá aula atualmente? E sobre sua origem, quando você veio pro Brasil, como é a história da sua família?

Svetlana Ruseishvili – Então, eu sou hoje professora do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. Eu vim pro Brasil há mais de 10 anos. Fiz meu doutorado na USP. O meu mestrado eu fiz na França, na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris. E a graduação eu fiz em Moscou, então eu tenho essa trajetória bastante internacional, nem sempre por opção. Mas tive esse privilégio, de poder passar por vários países na minha formação. E é interessante, porque nesses últimos dias eu me deparei com a dificuldade de me definir em termos de identidade. Quem sou eu? De onde eu sou? Então eu comecei a me definir, é o resultado dos últimos dez dias, eu comecei a me definir assim: Eu sou da diáspora russa. Eu sou nascida na diáspora russa, na Geórgia. E eu cresci na Ucrânia. Eu sou nascida na Geórgia. Russa de identidade, herdada dos meus pais, e ucraniana na formação, porque eu fiz toda minha formação escolar na Ucrânia. Portanto, eu aprendi a história ucraniana, o idioma ucraniano, a cultura ucraniana. E menos cultura russa, menos idioma russo, menos história russa. E acho que isso influenciou

1 Historiador e dirigente do Movimento Esquerda Socialista (MES).

2 Sociólogo, secretário-geral do PSOL e dirigente do Movimento Esquerda Socialista (MES).

também a maneira como eu enxergo o que acontece hoje, nessa guerra com a Ucrânia, a guerra na Ucrânia.

M – Então, para ir direto ao ponto. Quais são os motivos da guerra? Estamos vendo a barbaridade que está acontecendo, a invasão russa. São cada vez mais imagens de refugiados e civis mortos. O drama do povo, que está entre as balas, é uma coisa terrível. Mas, pensando no ponto de vista das reais motivações, muito se fala das “motivações”, a relação com o expansionismo da OTAN, o interesse do Putin e da Rússia na região de Donbass. Quais são, na sua opinião, as verdadeiras e principais motivações para a atual invasão russa?

SR – Eu tenho insistido muito na chave de compreender essa guerra pela expansão imperialista russa. Essa tem sido a minha chave de análise. Não quer dizer que a gente tem que deixar de criticar a expansão da OTAN. Já são de longa data as nossas críticas à expansão da OTAN e a falta de qualquer necessidade dessa expansão nesse ritmo depois do fim da União Soviética. Mas não acredito que a OTAN seja responsável por esse conflito. O verdadeiro responsável por esse conflito é o projeto de poder do Putin. Não vou dizer da Rússia, como um país, como um povo. Mas é um projeto político do regime putinista.

Por que projeto político? Porque Putin tem se manifestado inúmeras vezes no sentido de querer restaurar o poderio geopolítico da Rússia, da Grande Rússia, por conta dos territórios que faziam parte da União Soviética. Principalmente, na visão dele, Belarus e Ucrânia são dois territórios que deveriam voltar a fazer parte da Rússia, dentro desse projeto. E é um projeto político e um projeto ideológico, fortemente ideológico. Porque aqui estamos falando sobre um imperialismo messiânico. Não é apenas um imperialismo, mas um imperialismo messiânico, que tem por trás uma ideia, uma missão específica, da Rússia,

para propor uma alternativa ao Ocidente, muito atrelada a esses ideais conservadores. Valores conservadores relacionados a essa questão da família, o que significa família. Valores que tem que combater qualquer manifestação de minorias, tanto a comunidade LGBTQIA+ quanto quaisquer organizações que defendem direitos humanos. É um projeto messiânico, então envolvendo aqui também direitos reprodutivos da mulher, contra manifestações do feminismo Ocidental, e fortemente religioso, com forte presença de um fundamentalismo religioso ortodoxo, que propaga essa ideia de que o Ocidente tem se desviado do caminho “certo”, do caminho que o Cristianismo supostamente trilhou e, portanto, a Rússia tem também essa missão de restabelecer esses valores corretos, valores cristãos.

Então esse é o componente ideológico desse imperialismo messiânico, e também os próprios interesses políticos e geopolíticos do regime de Putin. Reconquistar os territórios que estão tendendo para o Ocidente, e com isso também recuperar um poder geopolítico que está sendo perdido. Então tem todo esse apelo interno muito forte de uma nação que está se levantando depois de estar de joelhos, estamos cercados por inimigos, nós não seremos derrotados. Então é difícil até para a gente separar esses interesses geopolíticos desses interesses ideológicos do Putin. Então é nessa chave que eu estou interpretando esse conflito. E sempre lembrando que agressor, nessa situação concreta, é o governo de Putin. Esse é o agressor. Não é a OTAN. A OTAN não atacou ninguém, nessa situação de agora. E quem deu o primeiro passo foi a Rússia de Putin. Portanto, é aqui que a gente precisa focar nossas análises.

M – Por que Putin utiliza de dois argumentos: o primeiro é a desnazificação e o segundo é que ele considera que a Ucrânia é uma invenção bolchevique, a partir de Lênin. Queria que você comentasse esses dois argumentos, que

justificaram, dentro desse messianismo, a ordem unida para iniciar a operação sobre não só a região do Donbass, mas a operação terrestre e aérea sobre toda a Ucrânia.

SR – Ótima pergunta. Bom, então vamos começar com a desnazificação. Isso está ligado a esse projeto ideológico. O que acontece: nos últimos quinze anos pelo menos, mas principalmente a partir do terceiro mandato de Putin, de 2012 pra frente, houve essa virada conservadora no governo. E aí começam todas essas medidas repressivas contra a sociedade civil, a oposição, os movimentos sociais, feministas, LGBT etc. É difícil precisar a partir de quando se deu essa virada, o começo dessa propaganda, dessa aposta ideológica do regime na recuperação e reelaboração da memória histórica da Segunda Guerra Mundial, e uma manipulação dessa memória para os fins ideológicos do próprio regime. De todo modo, a vitória da União Soviética na Segunda Guerra Mundial se torna uma questão extremamente importante para o governo de Putin. Tanto que o 9 de maio, nos últimos 10 anos, tem sido a maior festa nacional da Rússia. O 9 de maio é o dia da capitulação da Alemanha nazista e é o dia considerado, no espaço soviético, como a vitória da Grande Guerra Patriótica, que é a parte da Segunda Guerra Mundial em que a União Soviética teve a participação direta, de 1941 a 1945. Então, esse Dia da Vitória tem sido usado pelo regime como uma festa de grande união nacional obviamente com essa retórica de “Nossa vitória contra o nazismo”.

O que isso implica? Isso implica numa mobilização popular enorme em maio, no dia 8 de maio. Existe um grande feriado, do dia 1 de maio até o dia 10 de maio, são 10 dias de feriado nacional na Rússia. E esse feriado é todo dedicado a essa memória. E essa rememoração é muito conduzida ideologicamente pelo governo. Talvez vocês já tenham visto na televisão as crianças vestidas de uniforme militar, com fuzis de brinquedo. Então existe um processo longo, de longa duração, de militarização dessa socieda-

de. Vestir as crianças de uniforme militar tem sido considerado normal, por exemplo, por essas mães. Isso já é uma questão pra gente pensar com atenção.

Voltando à questão da nazificação e desnazificação. Neste momento, o regime está construindo essa imagem de um inimigo muito ligado a esse passado histórico, que é o nazismo. E aí, a partir desse momento que esse inimigo está sendo delimitado, e esse inimigo é o nazismo, é muito fácil para a propaganda estatal vincular a essa imagem do nazista, qualquer inimigo do governo está sendo agora atrelado a essa imagem do nazismo. Isso porque é uma retórica facilmente entendida pela população, por conta justamente dessas lembranças do Dia da Vitória. Então, quando a gente pensa sobre a Ucrânia e a suposta ligação do governo ucraniano com o nazismo, trata-se de uma alegação tão infundada que é difícil até a gente desconstruí-la. A gente tenta justificar, tenta entender pragmaticamente como a propaganda russa consegue fundamentar esse tipo de alegação, mas é difícil.

Por quê? Porque é óbvio que o governo ucraniano não é nazista. Já falamos milhares de vezes de muitos elementos que distanciam muito o governo Zelensky do nazismo. Tudo bem que a própria condição do Zelensky de ter nascido numa família judaica também não é nenhuma garantia. Mas, se olharmos para a campanha eleitoral que elegeu Zelensky, veremos que foi uma campanha eleitoral muito ligada à questão pacifista, a uma promessa de resolver o conflito no Donbass de uma forma pacífica. Não era uma campanha militarizada. Pacifistas nazistas? Difícil a gente imaginar. É uma campanha pacífica, ele é uma pessoa, todo mundo sabe, zombam dele inclusive, mas é uma questão importante, ele era um comediante, ele era um empreendedor. Elegeu-se, claro, nessa onda antipolítica. Mas não era um Trump da vida. Nunca foi. Então era uma pessoa bastante moderada. Era um programa eleitoral muito moderado. Ele é de centro-direita, com um programa liberal, mas um programa moderado,

zero extremismo.

O que mais poderia basear, fundamentar, essa ideia da nazificação da Ucrânia? O governo de Putin alega que existia algum tipo de genocídio da população russófona na Ucrânia. É uma outra alegação bastante complicada. Para contextualizar historicamente, a Ucrânia, de fato, tem uma enorme população russófona. E essa população russófona sempre conviveu pacificamente com a população ucranófona, de língua ucraniana. Eu cresci na Ucrânia, sendo de uma família russófona. E eu posso garantir a vocês que eu não conheço nenhuma pessoa russófona que em algum momento da sua vida foi discriminada por ser russófona. Na verdade, a Ucrânia foi, até 2014, um país bilíngue, não formalmente. Formalmente o ucraniano é o idioma oficial do Estado-Nação Ucrânia, fundado em 1991. Mas, na prática, o russo era falado em todo o território ucraniano. Então, se eu for para o oeste da Ucrânia, que é majoritariamente ucranófono, e falar com alguém em russo, as pessoas não vão me discriminar. Vão me responder em ucraniano e a conversa segue, porque a gente se entende. Os ucranianos conseguem entender os russos, os russos conseguem entender os ucranianos.

Esse genocídio, de fato, nunca existiu. O que existiu, de fato, é uma reação a essa ofensiva histórica russa, a essa ideia desse mundo russo, propagada pelo regime putinista, principalmente nessas regiões separatistas. Então, a partir de 2014, o governo ucraniano estava tentando reduzir a importância do russo no espaço público. Foram feitas algumas leis que restringiam o uso do russo. Mas, primeiro, isso nunca pode ser comparado a nenhum tipo de genocídio, que é um termo bastante definido, a gente não pode imaginar que isso seja um genocídio. E, segundo, essa ucranização da sociedade é um direito do povo ucraniano como um povo recentemente emancipado do jugo russo. E a Rússia, o Império Russo e, depois, a União Soviética, sempre promoveu a russificação das suas colônias, não russas. A russificação foi uma

das políticas coloniais do Império e da União Soviética, que faziam parte desse domínio colonial.

Então, é óbvio que a gente tem que reconhecer o direito pela autodeterminação da Ucrânia, que passa pela questão linguística. É difícil fazer essa crítica. Houve alguns momentos de tensão entre, principalmente, a extrema-direita ucraniana e os grupos radicais da extrema-direita nacionalista russa, que atuaram nas regiões de Donbass. Todo mundo lembra daquele caso em Odesa, onde foi incendiado um prédio e muitas pessoas morreram. De fato, foi uma situação extremamente lamentável. E foi um confronto entre grupos muito radicalizados, entre milícias fortemente armadas, ou pessoas radicalizadas por esses discursos nacionalistas, que existem tanto na Ucrânia (como a gente viu naquela *live*, com colegas da Ucrânia e da Rússia) quanto também na Rússia. E na Rússia há tanto a extrema-direita e as milícias da extrema-direita quanto a extrema-esquerda; a gente não pode esquecer dos nacional-bolcheviques, que é um movimento extremamente popular na Rússia. Eles são muito violentos. Eles atuam principalmente nas periferias urbanas, contra as populações migrantes não eslavas, principalmente contra os migrantes da Ásia Central, que tem fenótipo asiático, que tem fenótipo diferente do tipo fenótipo eslavo.

Dessa forma, nós não podemos esquecer, não podemos subestimar a atuação desses grupos extremistas, da extrema-direita e da extrema-esquerda nacionalistas, ultranacionalistas, dos dois lados da fronteira, tanto na Rússia quanto na Ucrânia. E também no resto da Europa, já cansamos de falar sobre isso. Vamos olhar a França, onde o partido de Marine Le Pen tem enormes quantidades de eleitores no parlamento. Mas na Ucrânia não tem. Na Ucrânia, a coalizão de todos os grupos da extrema-direita não conseguiu se eleger nas últimas eleições para o Parlamento. Então é difícil a gente também dizer que isso pode ser o pretexto legítimo para uma agressão militar.

Então, essa ideia da desnazificação é aquela típica retórica da propaganda putinista para legitimar essa guerra internamente para a população russa, que só tem informação por meio de canais de informação monopolizados pelo Estado. Internamente os russos reproduzem essa retórica. Para nós aqui de fora é difícil explicar.

Agora, sobre a autodeterminação do povo ucraniano e a declaração de Putin de que a Ucrânia foi uma invenção leninista no ano entre 1917 e 1918, eu acho isso muito curioso. Putin adora fazer essas releituras da história russa e soviética. E aqui realmente ele forçou a barra, dizendo que a Ucrânia foi invenção de Lênin. A Ucrânia deve a sua independência, ou a sua emancipação, enquanto Estado-Nação a Lênin. Ele não está dizendo toda a verdade. Na realidade, a Ucrânia tem lutado pela sua independência durante muitos anos, durante séculos. A Ucrânia, o povo ucraniano, tem uma autoconsciência de que eles fazem parte de um povo, que é uma Nação, desde pelo menos a atuação do Taras Shevtchenko, que é o grande escritor e poeta ucraniano, que começou a escrever seus poemas em ucraniano, embora a Ucrânia fizesse parte do Império Russo naquele momento.

Existe esse movimento de longa data, mas, de fato, independente a Ucrânia se tornou fazendo parte da União Soviética, como uma das primeiras quatro repúblicas que faziam parte da URSS em 1922. Embora seja uma semiautonomia – porque a Ucrânia se formou como uma República Socialista Soviética, que fazia parte da União Soviética e, quase nas mesmas fronteiras, no mesmo território, que o Império Russo.

Aqui precisamos reler esses escritos de Lênin, para entender a sua posição. Naquele artigo que eu usei, para escrever aquele texto, Lênin fala justamente da necessidade de revermos aquelas práticas coloniais que a União Soviética estava herdando do Império Russo. Lênin não estava aceitando a incorporação da Ucrânia à força a essa união, mas principalmente naquele momento

ele estava conversando sobre a Geórgia, embora possamos aplicar isso para a Ucrânia também.

Lênin está vendo que não é automático, se a gente aceitar automaticamente que a Ucrânia se submete ao poder central de Moscou a gente só está replicando as relações de poder que herdamos do Império. E na verdade o movimento socialista é um movimento anti-imperialista.

Então aquela crítica que Lênin está fazendo ao Stalin é justamente a crítica de ter dado pouca liberdade para essas nações se autodeterminarem como nações. Elas deveriam entrar voluntariamente, verdadeiramente voluntariamente para essa União Socialista dos Estados das Repúblicas Socialistas. Então, Lênin de fato sempre protegeu, sempre defendeu a autodeterminação da Ucrânia e sua independência, sua emancipação nacional. Mas não foi ele quem criou, nem a nação, nem o território ucraniano, porque a Ucrânia fazia parte da União Soviética. A Ucrânia, de fato, como um Estado-Nação independente só foi possível em 1991, depois de se emancipar de fato da União Soviética. E saber disso é importante para entender as relações entre a Ucrânia e a Rússia hoje. Esse movimento de dessovietização, esse termo que apareceu também no discurso do Putin, ele falou “Vocês querem dessovietização, a gente vai mostrar pra vocês o que é dessovietização”. O jeito KGB de falar com as pessoas, ameaçando, sempre ameaçando.

Essa dessovietização é presente em todas as repúblicas soviéticas que não a Rússia, porque é uma reação àquelas relações de dominação que Moscou exercia sob os seus territórios, sob os territórios das repúblicas, que em tese eram autônomas, mas na prática não eram. Na prática seguiam as ordens de Moscou. É uma reação que a gente tem que criticar também como esquerda, a gente precisa fazer as nossas críticas de esquerda para a União Soviética. A União Soviética não é uma experiência nem homogênea e nem sem erros. A gente, inclusive, tem vários colegas da

Rússia que publicaram recentemente, um colega cientista político publicou um livro muito bom sobre a crítica de esquerda, dos dissidentes de esquerda dentro da União Soviética, então a crítica da União Soviética de esquerda. A gente precisa retomar mais essas críticas, que eu não tenho visto muito no Ocidente, mas por outro lado a gente também precisa entender que essa dessovietização tentou jogar o bebe fora com a água. Tá jogando tudo fora. Não significa que a gente tem que jogar tudo fora. E aqui a esquerda, nesses países, nessas repúblicas soviéticas, falharam muito em trazer de volta à discussão aquilo em que a experiência soviética foi importante para essas repúblicas também.

Mas veja, eu acho que é uma ferida não curada, que remonta a essa crítica de Lênin. Lênin disse: A gente nunca vai construir solidariedade e a internacional, a verdadeira internacional entre os proletários, entre os trabalhadores, antes de abolir as relações de poder entre as nações. A questão nacional, ela vai atrapalhar a solidariedade. Ela vai atrapalhar a internacionalidade da luta proletária. E é isso que aconteceu, é isso que está acontecendo. Como é difícil a gente falar agora com as pessoas dos dois lados do conflito sobre uma solidariedade. Que tipo de solidariedade vocês querem, quando os russos estão matando as minhas crianças? Como a gente pode falar sobre solidariedade se essa ferida não foi curada? Se a gente não se atentou a construir primeiro, a dar verdadeira emancipação para as nações historicamente oprimidas pelo imperialismo russo?

M – Os analistas apontam que essa invasão responde a uma necessidade de coesão interna na Rússia. O governo Putin já está no poder há mais de duas décadas, ele é muito questionado. Vimos recentemente o número de prisões em massa de ativistas na Rússia. Está havendo um movimento pelo qual não se esperava, ainda que no ano passado já havíamos acompanhado o crescimento da esquerda russa, o

movimento social russo do Lobanov, a partir do qual já poderíamos ter alguns indícios. De todo modo, o movimento pacifista já está realmente muito grande. Gostaria que você falasse um pouco sobre a situação interna na Rússia. Como está o nível de popularidade do Putin? E seu questionamento? Ele tem essa coesão que diz ter? Os jornalistas têm falado que o principal motivo pela invasão da Ucrânia está dentro da Rússia, numa busca do Putin por coesão interna. Você pode falar sobre isso?

SR – Sim, muitos russos têm dito, antes mesmo da guerra começar, que esse movimento, essa ameaça, era uma maneira do regime de Putin jogar poeira para disfarçar a grande repressão interna contra todo tipo de oposição. Principalmente contra o Navalny, né, que é uma pessoa, acho que de maior destaque hoje na oposição. É um político liberal, ele está fazendo essa oposição, não é uma oposição de esquerda, é uma oposição da direita moderada, liberal. Ele tem tido uma postura de grande coragem, que tem atraído pra ele a atenção das populações mais jovens. Ele foi envenenado, ele foi retirado do território russo, ele voltou. Ninguém acreditou que ele iria voltar nessas condições, mas ele voltou, foi preso, e está sendo julgado agora. Seu julgamento está acontecendo justamente nessas últimas semanas. Muitos analistas russos estão falando que toda essa operação, antes da guerra começar, foi feita para disfarçar essas repressões dentro do país. O que pode ser verdade mas, por outro lado, eu vejo que muitos desses analistas hoje também reconhecem que isso não é uma explicação suficiente. Porque ninguém acreditava que a guerra ia começar. Essa ameaça, essa concentração do exército nas fronteiras, essa escalada foi importante e de fato poderia ser uma estratégia para disfarçar essa tensão interna e para aumentar o nível da popularidade. Mas essa explicação também não se fundamenta tanto quando a gente olha já de hoje para trás. Putin de fato invadiu a Ucrânia, e não só anexou Donbasss. Que seria,

vamos dizer, um cenário mais plausível para explicar a questão que ele estava disfarçando a questão interna. Porque assim como na anexação da Criméia, a anexação de Donbass talvez seria uma ação popular. Poderia, de fato, aumentar a popularidade do governo. Mas não foi isso que aconteceu, por isso a perplexidade dos analistas. Putin está invadindo a Ucrânia inteira, Putin não está apenas anexando aquelas regiões que manifestaram vontade de serem províncias independentes e depois anexadas à Rússia. Ele está destruindo o país inteiro. Está querendo depor o governo democraticamente eleito. Então aqui, também, essa explicação interna, esse elemento da política interna, me parece insuficiente para explicar.

Então o que eu vejo nas análises dos colegas da Rússia, é que todo mundo subestimou a concentração extrema do poder nas mãos do Putin, dentro do próprio governo. Aquela reunião do Conselho de Segurança mostra um pouco disso, a perplexidade do alto escalão do governo diante da tomada de decisões pouco previsíveis. Então isso mostra até que ponto o poder está concentrado de fato nas mãos de pouquíssimas pessoas. E esse componente messiânico ideológico é muito pouco pragmático, muito pouco passível à compreensão racional. Então, muitos analistas estão falando: não é que o Putin esteja maluco. Eu vejo muitos líderes ocidentais dizendo: “ele enlouqueceu de vez, ele é maluco”. Uma pessoa louca é uma pessoa irracional. A gente não pode acreditar que é pura irracionalidade esse comportamento do Putin. E eu concordo aqui com meus colegas russos, que dizem que existe aqui um componente ideológico messiânico que a gente subestimou. Que Putin não é tão pragmático quanto a gente pensou. Que Putin, na verdade, é quase um terrorista. Aquele terrorista que sacrifica sua própria vida pela ideia. Que está pronto para se explodir no meio da multidão defendendo a sua ideia. Eu acho que agora essas explicações, e eu vejo assim, de mea culpa dos colegas russos, dizendo que ninguém nunca acreditou

que esse componente pode ser tão relevante no que o Putin está fazendo.

M – Queria agregar uma pergunta, Svetlana. Você nos deu uma resposta muito interessante sobre os motivos, as causas. Porque, se nós estamos atuando em um cenário onde existe uma confusão deliberada, ou seja, causas falsas, como Putin diz, é importante a gente tentar entender os motivos reais, ou pelo menos porque está acontecendo essa matança, esse massacre. Além da necessidade de compor uma coesão interna, não só na Rússia, mas também nas repúblicas próximas, tivemos um processo de greves e mobilizações em Belarus, e também na metade do ano passado, na virada desse ano, muito forte no Cazaquistão. E eu acredito que o imperialismo tenha um projeto global. Queria que você falasse um pouco disso, de um ponto de vista do que é um imperialismo, ou seja, tem uma necessidade de se expandir para disputar o mercado mundial, e também a consolidação como potência militar, e também o projeto ideológico, a gente tem discutido muito que tem a ver com essa visão eurasiana do Alexander Dugin. Se isso é um projeto que Putin tem ou não.

SR – Sim, eu acho que essa é a ideia. A ideia messiânica da qual estou falando. Eu não acho que esse imperialismo de Putin seja ilimitado. Provavelmente, nesse primeiro momento, ele esteja pensando em reconquistar a Ucrânia, ocupar a Ucrânia. Inclusive, acredito que não a Ucrânia toda. Ele está querendo mesmo é essa parte oriental, mais ou menos na divisão do rio Dnieper, que divide a Ucrânia no lado russófono e o lado mais falante em ucraniano, um pouquinho mais pro Ocidente, dessa linha divisória que tem, que o rio Dnieper faz. Essa é minha previsão. Eu acredito que esse seja o objetivo central de Putin. Depor o governo. O governo provavelmente migraria, o governo ucraniano migra-

ria para Lviv, e ficaria naquela cidade, e a Ucrânia seria reduzida àqueles territórios e algumas províncias do oeste. E o Putin então colocaria seu governo em Kiev, formaria ali em toda essa parte Oriental da Ucrânia um território parecido com o que é hoje a Criméia, com o que hoje é a Abecásia, com o que hoje é a Ossétia do Sul. Ou anexaria, enfim, de uma forma explícita, aqueles territórios. E pensaria, no futuro, no médio prazo, em conquistar outras repúblicas, ex-repúblicas soviéticas também. Tanto que os países bálticos estão extremamente preocupados, porque esse projeto ideológico de Putin é fundamentado nessa ideia do mundo russo. O mundo russo, essa grande diáspora russófona, que se formou depois do fim da União Soviética. Formou-se sem sair do lugar, se tornaram emigrados sem ter saído do lugar, porque as fronteiras dos países mudaram, então todos aqueles russos que viviam na Estônia, na Letônia, em Cazaquistão, na Armênia, na Geórgia, na Ucrânia, em Belarus, todos ficaram estrangeiros em relação à Rússia. Então ele tem esse projeto dele... Nem sempre essas populações se pensam como russas. Eles são russófonos, mas muitos deles se pensam como letões, como ucranianos, e não em termos de cidadania de fato russa. Então isso é importante. Mas para a ideologia putinista, essa defesa do mundo russo, da ofensiva ocidental, é importante, é um dos elementos básicos da sua expansão imperialista. Então provavelmente ele pensaria também em anexar ou plantar a desordem naqueles territórios também.

Mas, hoje, o que acontece é que a Belarus já é uma grande aliada do regime putinista e a Ucrânia é o cerne dessa identidade eslava. São os três povos que formam os eslavos do norte. Os belarus, os bielorrussos, os ucranianos e os russos. Então esse é um primeiro passo, talvez na cabeça dele foi o passo mais fácil. Porque muitos dizem que Putin de fato acreditava que os ucranianos russófonos iam gostar, iam apoiar a invasão russa, essa reunificação com o povo russo. Não foi isso que aconteceu, na verdade

foi o contrário, a reação foi contrária. E eu conheço pessoalmente dezenas de ucranianos, que a vida inteira falaram russo, vivendo na Ucrânia, e a partir da quinta-feira, dia 24, eles pararam de falar russo e empregar russo na vida cotidiana e passaram a empregar o ucraniano. De uma forma voluntária, deliberadamente. Isso eu posso afirmar para vocês, com toda certeza, de que existe sim uma reação da população russófona em se distanciar do russo, do idioma russo, da cultura russa. E se identificar cada vez mais como ucranianos. E conheço também inúmeras pessoas que fizeram isso em 2014, a partir do momento da anexação da Crimeia e do conflito no Donbass. Então, a partir da quinta-feira do dia 24 de fevereiro, mais pessoas ainda. Colegas russos dizem que Putin subestimou, superestimou esse apoio que teria na Ucrânia. Eu não sei até que ponto a gente consegue imaginar o que o Putin pensou. Mas esse componente eslavo é importante, de fato, para o imperialismo.

Mas voltando ao início da minha fala, não acho que esse expansionismo seja ilimitado. Eu acho que ele quer recuperar aqueles territórios e fazer da Rússia, de fato, uma nova União Soviética. Uma nova união das ex-repúblicas soviéticas, aquelas que compram essa ideia do pan-eslavismo. E aí sim, o Dugin tem uma importância enorme.

Eu presenciei essa escalada do duginismo na Rússia quando eu ainda estava na faculdade, ou seja, entre 2003 e 2008. Já na minha época, no comecinho do mandato do Putin, essa ideologia do pan-eslavismo já estava presente na Universidade. Mas isso era uma coisa idealista. Muitos colegas compartilhavam essas leituras: “que ideia interessante, de repente de fato a gente consegue construir uma alternativa, uma guia específica, eurasiânica, em contraposição à democracia liberal ocidental”. Esta vem se mostrando, ao longo dos anos 2000, quando se aproximou muito do projeto político de Putin, uma ideologia conservadora, uma ideologia contralibertária, uma ideologia imperialista, na

sua base. Uma ideologia ligada a esses valores ortodoxos, essa intransigência com outras religiões. Ou, vamos dizer, sempre essa relação subordinada, em que se “toleram” outras religiões, ou outras etnias, desde que sejam subordinadas ao grande irmão russo. Mas, sim, eu acho que a gente precisa prestar mais atenção nessa outra ideologia duginista. É aí que ela remonta também àquilo que eu falei pra vocês, do nacional-bolchevismo, do Dugin, do Limonov, o líder do movimento nacional-bolchevismo. Eram grandes amigos, colegas, depois brigaram, enfim. Mas vem tudo da mesma raiz.

M – Antes de concluir, queria pedir para você falar a respeito da presença ucraniana no Brasil. Acho que um setor da “esquerda” que acaba sendo stalinista ou putinista termina hostilizando uma comunidade que sempre foi muito querida pelo povo, pela intelectualidade brasileira. Uma das figuras mais importantes da nossa literatura, por exemplo, aqui do país, é uma ucraniana, Clarice Lispector. E eu queria que você também falasse um pouco sobre isso, sobre como a gente estreita os laços dos ucranianos com setores brasileiros, populares, democráticos, ou seja, para avançar a solidariedade entre os povos. E sei que ela tá fazendo isso em protestos, em atividades, e queremos dar passos em relação a isso.

SR – Legal, vamos falar sobre solidariedade. Sobre caminhos de solidariedade. A comunidade ucraniana no Brasil é muito grande, é uma das maiores nas Américas. Tem uma história longa, muito interessante. Houve vários fluxos migratórios dos ucranianos para cá. Principalmente dos ucranianos do oeste. Justamente aqueles que são falantes de ucraniano. É lá que era o núcleo dessa ideia emancipatória da nação ucraniana. Porque lá tem menos influência russa, embora tenha muita influência e muitos conflitos com a Polônia. A Ucrânia, também, a Ucrânia

do oeste, tem conflitos históricos com a Polônia, que também não podemos esquecer. Mas isso já foi digerido, mais bem digerido do que essa relação com a Rússia, historicamente aquela relação já está mais ou menos pacífica. Já foi repensada essa história com o polonês.

A comunidade ucraniana no Brasil é formada principalmente por pessoas que vêm daquelas regiões dos Cárpatos, que faziam parte da Galícia, da Bucovina, do norte da Bessarábia. Vários povos rutenos, que são povos que têm sua cultura própria, seu idioma. Que, no começo do século XX, eram dispersos entre as fronteiras, do Império Russo com o Império Austro-Húngaro e com o Reino da Polônia. É uma região que sofreu várias modificações nas fronteiras. Mas esse povo veio pra cá no final do século XIX, começo do século XX. Depois da Segunda Guerra Mundial, também houve um grande fluxo de imigrantes ucranianos, que saíram quando os alemães nazistas tomaram grande parte do território ucraniano. E não podemos esquecer também da comunidade judaica, porque a Clarice Lispector foi uma pessoa de uma família judaica, que veio para cá fugindo dos pogroms. Também tem toda essa questão da imigração judaica, dos territórios que hoje fazem parte da Ucrânia. Mas os judeus do Império Russo formaram uma comunidade à parte. E os ucranianos, então, do oeste da Ucrânia, formaram uma comunidade à parte, principalmente lá no Paraná. Prudentópolis é uma cidade super-ucraniana, inclusive na sua arquitetura, religião e tudo mais. E é uma comunidade importante, até que é muito bem pesquisada na academia. E eu sou pesquisadora sobre migrações russas. E enquanto as migrações russas e os refugiados russos são um grupo muito pouco pesquisado na academia, os ucranianos, por outro lado, são bem mais conhecidos pelo público brasileiro.

Eu acompanhei com preocupação o que tem acontecido nos últimos anos, esse desenvolvimento do uso da comunidade ucraniana pela extrema-direita brasileira, esse uso dos símbolos

ucranianos nas manifestações com forte presença da extrema-direita. A gente viu, todo mundo acompanhou ali o uso do símbolo da bandeira da Ucrânia, e de algumas bandeiras ucranianas que apareceram nas manifestações pró-Bolsonaro, manifestações bem ligadas às direitas radicalizadas brasileiras. Os próprios representantes da comunidade ucraniana, eu me lembro muito bem, se posicionaram publicamente contra esse uso dos símbolos nacionais ucranianos para defender ideias da extrema-direita. Mas, mesmo assim, aqui no Brasil essa imagem permaneceu, como se fossem ucranianos participando dessas manifestações. E aí a esquerda *mainstream*, hegemônica aqui no Brasil, tem usado muito isso para atacar, ou para justificar, a agressão russa na Ucrânia. Isso é lamentável e demonstra, infelizmente, o desconhecimento da academia e dos líderes da esquerda hegemônica no Brasil sobre a história da Ucrânia, o movimento pela liberdade nacional, e, enfim, esse uso indiscriminado dos símbolos.

Outra crítica que eu faço sempre à esquerda hegemônica é a falta de humildade de ouvir as próprias pessoas. Então a comunidade ucraniana se posicionou falando, repudiando o uso desses símbolos, e mesmo assim a comunidade foi ignorada, assim como ela continua sendo ignorada hoje. As pessoas saindo na rua, as pessoas mostrando solidariedade, ucranianos com russos, e a esquerda hegemônica continua achando, continua passando pano para o Putin. Não existe esse diálogo, a esquerda não quer ouvir as próprias pessoas que estão querendo dizer algo.

Bom, também tenho que dizer, aí vocês vão escolher se vocês vão colocar isso ou não, eu também tenho a minha crítica à própria comunidade ucraniana, que sim, tem apoiado bastante o governo, o projeto do governo Bolsonaro. Mas aí eu também posso fazer essa mesma crítica também para a comunidade russa. Principalmente dos emigrados antigos, das velhas gerações. Porque muitas dessas pessoas fugiram do comunismo, fugiram do bolchevismo, os seus avôs e pais fugiram da revolução bolchevi-

que, da guerra civil, depois da União Soviética na Segunda Guerra Mundial. Isso é uma ideia muito presente nessas gerações, e que passa de geração em geração, entre os velhos emigrados: o comunismo é uma ameaça, o comunismo é aquilo que colocou os seus descendentes, seus ancestrais, para o exílio. Portanto, qualquer coisa que esteja ligada minimamente à ideia de esquerda é repudiada pela comunidade. É uma reação. Isso é muito forte. Não só na comunidade dos ucranianos, na comunidade dos russos é a mesma coisa. E na comunidade jovem também. Nas nossas passeatas, nas nossas manifestações, o repúdio, o medo da esquerda é maior que o medo da direita. Então a gente tem que ir com muito cuidado. Porque a gente precisa entender as raízes históricas desse repúdio, desse medo que os faz ver a esquerda como uma ameaça. Então sim, a comunidade ucraniana tem mostrado muito apoio ao projeto do Bolsonaro, e eu acho que hoje também está revendo sua posição. Inclusive eu acho que o Bolsonaro está cometendo um grande equívoco político, porque ele está perdendo o apoio de uma grande comunidade ucraniana, ele aí defendendo, passando pano para o Putin também. Ele obviamente está perdendo esse eleitorado. E também a comunidade ucraniana vai repensando suas alianças aqui internamente. Mas aqui é a minha crítica interna, mas eu acho que é importante a gente lembrar disso também.

Agora falando sobre solidariedade, eu acho que essa é a nossa palavra-chave agora. Primeiro, combater qualquer vontade, qualquer impulso militarizado e bélico para resolver o conflito. Porque eu vejo muitas pessoas solidárias que querem pegar nas armas e ir para a Ucrânia lutar contra a invasão russa. E eu falo assim: veja, o nosso movimento é pacifista. O nosso movimento é antiguerra. Em nenhum momento ele pode ser militarizado e bélico, nem que seja para ajudar o povo que está sendo atacado. Eu não acho que esse seja o caminho. O nosso caminho aqui é construir a paz por meio da solidariedade, não pegar em armas

e ir defender a Ucrânia. Eu acho que é um caminho que nasce errado. Porque a gente tem que torcer pela Ucrânia, para que ela possa defender a sua integridade, mas não é exatamente a nossa guerra militar. É nossa guerra ideológica, nossa guerra de ideias. Mas não significa que a gente vai pegar fuzil e matar os soldados russos na Ucrânia. Não acho que esse seja o caminho. Acho que a gente precisa reforçar muito esse pacifismo do nosso movimento. Essa é minha posição.

Outra questão que eu acho importante da gente prestar muita atenção agora é como desenvolver, como cultivar a solidariedade entre o povo trabalhador num contexto de guerra, num contexto de um conflito armado, num contexto em que o nacionalismo xenófobo, o nacionalismo chauvinista, está sendo fortalecido pela ofensiva de Putin na própria Ucrânia. Eu já falei isso várias vezes e vou repetir: a nossa luta é contra imperialismo de qualquer espécie, contra a expansão da OTAN, contra o imperialismo estadunidense no Brasil, na América Latina, contra o imperialismo russo nos seus territórios vizinhos, nas ex-repúblicas soviéticas, mas também contra o nacionalismo xenófobo e chauvinista, que está sendo desenvolvido, instigado, como uma reação à agressão russa. A Ucrânia sempre foi um país bilíngue e inclusivo. Os judeus, os armênios, os georgianos, os russos, os bielorrussos, e um monte de outras etnias viviam em paz na Ucrânia. Até Putin começar as agressões. Em Crimeia, no Donbasss. E aí sim está motivando, está desenvolvendo esse nacionalismo exclusivo. Então a gente precisa conversar com os nossos camaradas da própria Ucrânia, para que eles não caiam nessa provocação de um ressentimento étnico. Esse não é o caminho. O caminho é lutar para reconstituir aquela nação inclusiva que a Ucrânia sempre foi. A Ucrânia da minha infância, onde eu nunca ouvi nenhum tipo de palavra pejorativa por eu ser georgiana. Com sobrenome georgiano, por ser falante de russo. Quando eu fui pra Moscou, aí sim eu senti várias palavras, frases e comportamentos que de-

monstravam que eu não era de lá. Mas nunca na Ucrânia. Nessa comparação, eu acho que a Ucrânia estava no caminho certo de construir uma nação inclusiva. Um nacionalismo cívico, um nacionalismo que inclui todas as pessoas.

E aqui eu quero lembrar daquele episódio, que tá todo mundo divulgando, de discriminação contra as pessoas não brancas que estão tentando fugir da guerra na Ucrânia. É uma situação muito triste e real. Eu acredito que isso seja verdade. Mas o nosso papel agora não é falar “ah, veja bem, que hipocrisia, então o Ocidente está aceitando ucranianos e não está aceitando os sírios, não está aceitando africanos, veja bem, os ucranianos são bem-vindos, entram nos trens e as pessoas não brancas não entram”. É hipocrisia, não é de agora. A gente sabe, isso é hipocrisia da democracia liberal de longa duração, de longa data. Mas eu acho que não é esse o foco nosso nesse momento. O nosso foco é falar para os africanos, é falar para os sírios, e para todas as pessoas que estão sendo discriminadas historicamente de que a nossa luta agora, a partir desse exemplo reestruturar e repensar a própria política de acolhida humanitária, da política de refúgio, das democracias liberais ocidentais, para que elas sejam de fato inclusivas. Esse é o momento pra gente propor ações e não falar “ah, que hipocrisia”, só constatar o fato. Todo mundo sabe que é hipócrita, é hipócrita já há muitos séculos. Então agora é o momento de falar: olha, o Ocidente está acolhendo ucranianos de uma forma muito sincera. Existe desenvolvimento popular, existe uma comoção popular, e uma solidariedade ativa das pessoas na Europa para acolher os ucranianos. Essa mesma solidariedade, essa mesma acolhida, pode muito bem ser direcionada para os refugiados sírios, para os refugiados africanos. É por isso que a gente precisa agora batalhar. Falar “qual é a diferença entre uma mãe síria e uma mãe ucraniana?”. Nenhuma das duas merece mais ou menos a acolhida, a solidariedade. Então a gente precisa mostrar que essas duas situações são iguais. E aí sim a gente vai ajudar a superar

essa hipocrisia, e não apenas apontando “Ah, que hipocrisia, que hipocrisia”. Ela não vai sumir, porque é assim que a democracia ocidental liberal funciona. A política migratória, a política de refúgio no Ocidente é intrinsecamente ligada às ideias das nacionalidades exclusivas. Então é ali que a gente precisa bater, e não ficar ressentido que os ucranianos são mais bem aceitos que os sírios. Quem trabalha com refúgio já sabe disso. Já faz muito tempo que a gente tá falando sobre racismo, sobre eurocentrismo, na política de refúgio europeia. Agora a gente precisa pegar essa solidariedade e transformar numa solidariedade verdadeiramente universal. O que mais, gente?

M – Como você está vendo o desenvolvimento do conflito? É possível de fato a Rússia culpar a Ucrânia por ter resistência?

SR – Muito difícil. Acho que a gente agora para de fazer qualquer previsão, porque a palavra que mais bem define a guerra é imprevisibilidade. Agora é impossível prever qualquer passo do governo de Putin. Eu acho que nós temos um cenário pessimista em que a guerra vai durar muitos anos, a Ucrânia vai se tornar uma Síria. O Ocidente vai mandar ajuda técnica, militar, para a Ucrânia, mas eu tenho certeza de que o Ocidente e a OTAN não vão assumir explicitamente o lado nesse conflito. A Ucrânia vai tentar resistir, de uma forma interna, por conta própria, com essas ajudas não explícitas, por parte do Ocidente. Mas aí isso é um cenário pessimista, porque a Ucrânia vai ser totalmente destruída. Veja o que está acontecendo na Síria. A Síria há tantos anos já está em conflito e a situação é extremamente precária, as pessoas estão começando a voltar agora, aos poucos, mas os sírios estão pelo mundo. E isso vai ser terrível para a Ucrânia. Outro cenário, também nada melhor, é Putin conquistando a Ucrânia de fato, depondo o governo, e aí conseguindo seu plano. O outro cenário, no qual eu quero muito acreditar, é que tenha

algum tipo de reação interna, na própria Rússia. Eu acho que a única coisa que a gente pode apostar hoje é que, talvez, não o povo (porque o povo tem muito pouca margem de manobra, muito pouca expressão ou poder de decisão, de influência no governo), mas as elites políticas, e principalmente a cúpula militar, vão no seu futuro, porque é um futuro muito incerto, porque a Rússia vai se isolando cada vez mais com essas sanções brutais, nunca antes vistas, com essa dimensão, do Ocidente. E a Rússia depende muito de várias coisas do Ocidente, a economia russa é muito atrelada à economia europeia. E nem tudo a China pode substituir, nem todos os produtos que vem da Europa, da União Europeia, podem ser substituídos pelos produtos chineses.

Então, eu quero acreditar que as elites russas, que estão agora sofrendo sanções no Ocidente (todo dia sai alguma notícia de uma mansão de algum oligarca, ou alguma pessoa ligada ao governo de Putin sendo desapropriada no Ocidente) podem não querer viver atrás de uma outra cortina de ferro. Então assim, pragmaticamente as elites vão pensando que não é esse o futuro no qual eles gostariam de se ver. E a mesma coisa com uma cúpula militar, que está provavelmente vendo que esse comportamento pouco racional, pouco pragmático de Putin já está tomando dimensões muito grandes, já está saindo do controle. Eu quero acreditar que esse fim do conflito venha da própria Rússia, venha da própria Rússia. Mas veja bem: eu acredito que o fim do conflito só é possível com o fim do governo de Putin. Talvez substituição por outro regime autoritário, mas sem a figura do Putin. Eu dificilmente consigo imaginar que o conflito acabe com Putin ainda no poder. Disso não sei. A gente tem aqui todas as possibilidades abertas.

Não à invasão de Putin na Ucrânia! Apoio à resistência ucraniana! Solidariedade com a oposição russa à guerra!¹

Declaração do Bureau Executivo da Quarta Internacional

1º de março de 2022

I.

Antes do amanhecer de 24 de fevereiro de 2022, o exército russo iniciou sua invasão da Ucrânia, bombardeando o interior do país e cruzando as fronteiras norte, leste e sul do país na direção da capital, Kiev. Essa agressão já resultou em muitas mortes, tanto civis quanto militares. O exército ucraniano e a população ucraniana estão se opondo, várias cidades estão resistindo ao agressor. Centenas de milhares de ucranianos foram para o exílio, mas a resistência continua. O povo ucraniano resiste, com e sem armas.

O reconhecimento do Kremlin, três dias antes, da “independência” das chamadas “repúblicas populares” de Donetsk e Lugansk, e a entrada oficial do exército russo em seu território, foi apenas um prelúdio para a invasão que visava a submissão total do país vizinho.

É uma invasão militar do território de uma antiga nação oprimida por um regime capitalista oligárquico, autocrático e imperialista, cujo objetivo é a reconstituição do império russo.

II.

Putin não fez segredo de seu grande nacionalismo russo e desde 2014 tem tomado medidas concretas para atacar a soberania da Ucrânia. Sua narrativa chauvinista e pseudo-histórica, que

¹ Reprodução da versão publicada em: <https://movimentorevista.com.br/2022/03/nao-a-invasao-de-putin-na-ucrania-apoio-a-resistencia-ucraniana-solidariedade-com-a-oposicao-russa-a-guerra/>.

culpa a Revolução de Outubro de 1917 pela constituição de “três povos eslavos distintos: Rússia, Ucrânia e Belarus, ao invés da grande nação russa”, não é uma invenção recente.

A invasão da Ucrânia segue uma política chauvinista e imperialista grão-russa que se desenvolveu em diferentes contextos e fases desde a desintegração da URSS: desde o uso de uma “guerra energética” (jogando com preços e oleodutos alternativos), até a instrumentalização de conflitos de minorias nacionais como na Moldávia (com a formação da “República da Transnístria” com o apoio do exército russo em 1990-91) e na Geórgia (com a formação da “República da Abcásia” em 1992), e mais tarde a guerra com a Geórgia pelo controle da Ossétia do Sul (2008); mas também guerras de opressão direta como a guerra de ocupação da Chechênia (1994-1996 e 1999-2009). Em todos os casos, trata-se de preservar os interesses do Kremlin ou de confiscar território. Mas em geral, as décadas de Putin corresponderam à (re)construção de um estado forte (controlando seus oligarcas), modernizando seu aparelho militar, estabelecendo uma união econômica eurasiática, com suas dimensões militares. Uma nova fase começou em 2014 com a crise ucraniana e a queda de Yanukovich (descrita como um “golpe fascista” sob o guarda-chuva da OTAN), seguida pela anexação da Crimeia e o estabelecimento de “repúblicas” separatistas nas Donbass ucranianas, controladas por mercenários pró-russos. O apoio militar a Lukashenko em Belarus contra a revolta popular em 2020 e a intervenção militar (através da Organização do Tratado de Segurança Coletiva – CSTO – sob a hegemonia russa) para “normalizar” o Cazaquistão em janeiro deste ano fez Putin se sentir mais forte no contexto da derrota dos EUA no Afeganistão e das divisões abertas dentro dos membros da OTAN sobre questões energéticas (gasodutos).

A Ucrânia é um país independente que manteve um regime de democracia formal. A Rússia tem um sistema parlamen-

tar autoritário e repressivo com membros de extrema-direita na Duma. Na Ucrânia, forças de extrema-direita e fascistas estiveram muito visivelmente presentes durante os protestos de Maidan em 2014. A invasão russa corre o risco de fortalecer as forças de extrema-direita existentes tanto na Rússia como na Ucrânia. Figuras líderes das forças de extrema-direita e neofascistas internacionais apoiam abertamente Putin.

A invasão da Ucrânia tem claramente como objetivo impor um regime fantoche, subserviente ao Kremlin e Vladimir Putin.

III.

A propaganda de Putin tentou justificar a agressão dizendo que a expansão da OTAN para o leste colocaria em perigo a existência da Rússia. A OTAN (à qual nos opomos desde sua fundação) é uma ferramenta do imperialismo americano e de seus aliados, inicialmente construída contra a União Soviética e a China comunista. Logicamente, deveria ter sido dissolvido com a dissolução do Pacto de Varsóvia em julho de 1991, mas as sucessivas administrações americanas não apenas o mantiveram, mas continuaram a expandi-la. Rejeitamos a lógica competitiva das potências capitalistas que leva ao acúmulo de armas cada vez mais poderosas. Isto é o que motiva a oposição à OTAN de uma grande parte da população mundial... e não é com isso que Putin está preocupado. Entretanto, em alguns países que haviam sido colonizados pelo czarismo ou subjugados pela URSS, a adesão à OTAN foi apoiada por suas populações, na esperança de que ela protegesse sua independência. Nós, por outro lado, defendemos a erradicação das desigualdades e o desenvolvimento social, ambiental e democrático necessário como meio para defender a paz.

A luta contra a extensão da OTAN para o Oriente envolve hoje a defesa intransigente dos direitos nacionais e democráticos dos povos ameaçados pelo imperialismo russo.

Exigimos a dissolução da OTAN, mas esta não é a questão le-

vantada pela tentativa de anexação da Ucrânia pelo imperialismo russo, que nega a própria existência desta nação (Putin afirma que é uma pura invenção de Lênin e dos bolcheviques). O imperialismo americano só se beneficia da precipitação do novo czar do Kremlin.

Apoiamos o direito à autodeterminação do povo ucraniano e a proteção dos direitos das minorias nacionais do país. Nem a Rússia nem a OTAN defenderão esses direitos. Exigimos o desmantelamento de todas as bases militares fora de seus países de origem, a liquidação da OTAN, liderada pelos EUA, e da CSTO, liderada pela Rússia. A ameaça do uso de armas nucleares deve ser firmemente rejeitada em todos os níveis.

Numa época em que a urgência absoluta em nível global deveria ser a luta contra a aceleração da mudança climática, o desenvolvimento de aventuras militares e sistemas de armas cada vez mais sofisticados pelos imperialistas mostra a necessidade de os povos se livrarem de seus líderes irresponsáveis e mudarem o motor da sociedade: contra a competição generalizada impulsionada pelo capitalismo, imponhamos a lógica da solidariedade e da paz.

IV.

Enquanto em 1968, quando a Tchecoslováquia foi invadida, corajosos oponentes russos da invasão eram contados pelos dedos de uma mão, no mesmo dia em que a Ucrânia foi invadida, milhares de pessoas tomaram as ruas de cerca de 50 cidades russas, desafiando as autoridades a protestar contra o ataque de Vladimir Putin à Ucrânia. “Não à guerra!” cantavam os mais jovens manifestantes à tarde e no início da noite nas ruas e praças centrais de Moscou, São Petersburgo, Novosibirsk, Yekaterinburg, Krasnodar e Murmansk.

Em 2014, houve um amplo apoio à anexação da Crimeia entre a população russa, hoje há contestação mesmo dentro do estabe-

lecimento que poderia levar à queda de Putin.

Cento e setenta jornalistas e especialistas em política externa russos escreveram uma carta aberta condenando a operação militar russa na Ucrânia. “A guerra nunca foi e nunca será um método de resolução de conflitos e não tem nenhuma justificativa”, escreveram eles.

Desde o primeiro dia dos protestos, o regime fez mais de 1.800 prisões e a polícia maltratou os manifestantes presos. Também ordenou a restrição de acesso às redes sociais, acusadas de “violação dos direitos humanos e das liberdades fundamentais, bem como dos direitos e liberdades dos cidadãos russos”.

Apesar da repressão, um movimento antiguerra continua a se desenvolver na Rússia. Merece a solidariedade do movimento operário mundial.

V.

Diante da guerra na Ucrânia, é responsabilidade de todos os ativistas do movimento trabalhista, dos movimentos sociais e do movimento antiguerra apoiar a resistência da oprimida nação ucraniana. Para acabar com esta guerra, o regime de Putin deve ser sancionado e a Ucrânia deve ser apoiada em sua resistência à agressão.

- Retirada imediata das forças armadas russas de todo o território ucraniano, incluindo as áreas ocupadas desde 2014.
- Solidariedade e apoio à resistência armada e desarmada do povo ucraniano. Entrega de armas a pedido do povo ucraniano para combater a invasão russa de seu território. Isso é solidariedade básica com as vítimas da agressão de um adversário muito mais poderoso.
- Apoio a todas as formas de auto-organização para apoio mútuo e resistência da população ucraniana.

- Apoio às sanções contra a Rússia, como solicitado pela resistência ucraniana, o que limita a capacidade de Putin de continuar a invasão em curso e sua política de belicismo em geral. Rejeição de quaisquer sanções que atinjam o povo russo com mais força do que o governo e seus oligarcas.
- Abrir as fronteiras e acolher as populações que têm que fugir da guerra, fornecendo a ajuda prática necessária a curto e longo prazo, especialmente porque a grande maioria são mulheres e crianças.
- Cancelamento da dívida ucraniana, ajuda humanitária direta a organizações civis, sindicais e populares na Ucrânia.

Solidariedade internacionalista

Afirmamos nossa total solidariedade com aqueles que estão se mobilizando contra a guerra na Rússia e com aqueles que estão lutando para defender a independência da Ucrânia.

Os interesses dos povos, seu direito à paz e à segurança não são defendidos pelo imperialismo americano e pela OTAN, nem pelo imperialismo russo e chinês. Estes acontecimentos muito graves nos lembram mais do que nunca a necessidade de construir uma mobilização internacionalista para dar aos povos uma voz diferente da dos Estados e em solidariedade ao povo ucraniano contra todas as políticas que os atacam e os oprimem. Os governos não iniciarão esta marcha pela paz. Devemos organizá-lo nós mesmos.

- Não à repressão do movimento antiguerra na Rússia. Devemos construir uma solidariedade ativa e visível com este movimento. Apelamos aos soldados russos para que se recusem a participar da invasão e organizem solidariedade com eles, pedindo seu asilo político, se necessário.
- Apoiar as forças progressistas que lutam pela democracia

e justiça social na Ucrânia. Estabelecer todos os vínculos possíveis para desenvolver um diálogo com eles no caminho para uma paz justa.

- Pela solidariedade internacional com nosso próprio campo social! Construamos laços entre os trabalhadores e os movimentos populares que lutam pela democracia e justiça social na Rússia, na Ucrânia e em outros países da região, bem como a nível internacional.
- Somente a classe operária internacional, lutando junto com todos os povos oprimidos e explorados, pela paz e contra o imperialismo, o capitalismo e a guerra, pode criar um mundo melhor.

Feministas russas organizam redes de resistência contra a guerra¹

Resistência Feminista contra a Guerra

28 de fevereiro de 2022

As feministas russas organizaram redes de resistência contra a guerra em redes de células autônomas e auto-organizadas. Dada a contínua repressão contra ativistas que se opõem ao ataque à Ucrânia, elas afirmam ter escolhido esta forma de coordenação por razões de segurança. Até o momento, elas contam com cerca de cinquenta grupos.

Seu canal de comunicação, que também serve para informar o mundo exterior, é um página eletrônica conectada ao grupo de Telegram Resistência Feminista contra a Guerra. Sua primeira publicação é de 25 de fevereiro e consiste em um manifesto, no qual condenam a intervenção militar na Ucrânia e pedem às feministas que se manifestem contra a guerra.

Lê-se:

“Em 24 de fevereiro às 5h30 da manhã, o presidente russo Vladimir Putin anunciou o início de uma ‘operação especial’ no território da Ucrânia para ‘desnazificar’ e ‘desmilitarizar’ este Estado soberano.

Há vários meses as tropas russas vinham se deslocando em direção à fronteira ucraniana. Durante todo esse tempo, o governo russo negou qualquer possibilidade de um ataque militar. Agora vemos que era tudo uma mentira.

A Rússia declarou guerra ao país vizinho, privando-o do direito à autodeterminação e a uma vida pacífica e livre. Não é a primeira vez: sabemos que a guerra em Donbass iniciada pelo governo da Federação Russa está em curso há 8 anos, sendo uma

¹ Fonte: andra.eus.

consequência da anexação ilegal da Crimeia.

Acreditamos que o presidente Putin nunca se importou com a vida do povo de Lugansk e Donetsk, e o reconhecimento desses territórios como repúblicas independentes após 8 anos foi necessário para criar um pretexto para invadir a Ucrânia sob o slogan da libertação.

Como cidadãs e feministas russas, condenamos esta guerra. O feminismo como força política não apoia guerras, especialmente a ocupação militar. O movimento feminista na Rússia luta pelos direitos dos grupos oprimidos e pelo desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária, onde não há lugar para a violência e os conflitos armados.

A guerra é violência, pobreza, deslocamento forçado, vidas destruídas, insegurança e sem futuro. A guerra é totalmente incompatível com os valores e princípios do movimento feminista. A guerra exacerba a desigualdade de gênero e reverte os ganhos em direitos humanos obtidos nas últimas décadas.

A guerra não só envolve violência física, mas também violência sexual: como a história nos mostra, o risco de ser estuprada aumenta dramaticamente durante a guerra para qualquer mulher. Por estas e muitas outras razões, as feministas russas veem uma grande necessidade de tomar uma posição sobre esta guerra que foi iniciada pelo governo de nosso país.

Esta guerra, como demonstrou a última aparição de Putin, foi organizada com o objetivo de promover os chamados ‘valores tradicionais’, que a Rússia, como ‘país missionário’, sente-se obrigada a trazer ao mundo, usando a violência contra aqueles que não concordam.

Estes ‘valores tradicionais’, é claro, sustentam o sistema patriarcal existente: mantêm a desigualdade de gênero e a exploração das mulheres, condenam à represálias todas as pessoas cuja identidade e pensamento não se conformam com a visão estreita do regime patriarcal. A ocupação do país vizinho não pode ser

justificada com esta falácia de ‘governar e libertar’. Portanto, as feministas de toda a Rússia têm que resistir a esta guerra.

O movimento feminista russo é hoje uma das forças políticas mais ativas na Rússia. O governo de Putin não nos considera uma ameaça há muito tempo, e é por isso que até agora o movimento não tem sido afetado por represálias estatais tanto quanto outros grupos políticos.

Hoje, mais de 45 grupos feministas operam em todo o país: de Kaliningrad e Vladivostok a Rostov-on-Don e Ulan-Ude.

Apelamos às feministas russas, assim como às feministas de todo o mundo, para que se unam à Resistência Antimilitarista Feminista para lutar juntas contra a guerra desencadeada por Vladimir Putin e seu governo.

Somos muitas e juntas podemos fazê-lo: durante os últimos 10 anos o movimento feminista alcançou força midiática e cultural, é hora de transformá-la em força política. Nós somos a oposição à guerra, ao patriarcado, ao autoritarismo e ao militarismo, nós somos o futuro, a vitória será nossa!

Petição às feministas

Apelamos a todas as feministas:

- Demonstrar e iniciar campanhas contra a guerra na Ucrânia e o regime de Putin. Sinta-se livre para usar o símbolo do movimento Feminista de Resistência Antimilitarista em seus materiais e publicações, bem como os hashtags #FeministAntiWarResistance e #FeministsAgainstWar.
- Distribuir informações sobre a guerra na Ucrânia e sobre a agressão de Putin. É muito importante que o mundo inteiro apoie a Ucrânia neste momento e se recuse a ajudar o regime de Putin.
- Compartilhe este manifesto. É necessário mostrar que as feministas são contra esta guerra e qualquer tipo de guerra. Também é essencial mostrar que ainda há ativis-

tas russos dispostos a se unir em oposição ao regime de Putin. Neste momento estamos em perigo de perseguição por parte do Estado e precisamos de seu apoio.

Brasil

Lula e a reanimação da Nova República

Roberto Robaina¹

Luiz Inácio Lula da Silva está a ponto de se converter na principal liderança política de sustentação da Nova República reanimada, depois de nove anos em que ela esteve na UTI. A história de Lula é conhecida. Foi o principal líder da classe operária e do movimento popular entre 1979 e 1989. Depois disso, teve um peso no Estado nacional que foi além de sua representação de classe original. Até 1986, o PT foi fundado, conquistou sindicatos, elegeu seus primeiros vereadores, deputados e a primeira prefeitura de uma capital, Fortaleza em 1985. Três anos depois, ganharia as prefeituras de outras capitais, como Porto Alegre e São Paulo.

Nesta época, o MDB (então PMDB) era o principal articulador da governabilidade burguesa. Até o debacle do Plano Cruzado, depois das eleições de 1986, quando o partido dirigido por Ulysses Guimarães, conhecido como “o senhor Diretas”, conquistou 22 governos estaduais, seus líderes nacionais eram respeitados por ampla parcela das massas populares. Franco Montoro, Mário Covas, Pedro Simon, Severo Gomes. Em cada estado, havia políticos com peso na sociedade e com capacidade de condução do aparelho estatal. Em 1987, Ulysses seria o presidente da Assembleia Nacional Constituinte.

Em 1985, quando Tancredo Neves morreu, o país viveu um verdadeiro luto nacional, mesmo que Tancredo não fosse um líder popular. Ele representava a força da Nova República, o novo regime surgido do conserto burguês para administrar o país depois da derrota da ditadura militar. Tal conserto incorporou as principais reivindicações das cúpulas militares (notadamente a ideia de anistia e de não punição ao que foi feito durante seu

¹ Vereador de Porto Alegre (PSOL-RS) e dirigente do Movimento Esquerda Socialista (MES).

regime) de tal forma que o poder passasse a ser exercido pelos partidos e por um regime de eleições periódicas, com liberdade de imprensa, de organização, garantindo uma transição sem “revanchismos”.

A chamada “Constituição Cidadã” de 1988 apenas consagrara o que havia sido arrancado anos antes por lutas operárias, camponesas, populares e democráticas e que a burguesia brasileira aceitara e negociara entre si numa nova partilha da divisão interna de poder. De todas as mudanças, sem dúvida a mais significativa foi a eleição direta e universal para presidente da República, pela qual milhões foram às ruas em 1984 e que ocorreria cinco anos depois.

Numa eleição direta e universal, a capacidade de controle burguês do processo existe, é forte, dominante, mas não é total. A margem do imprevisível aumenta muito. Por isso, o acordo da Nova República começa com seu adiamento. Mas as eleições vieram. E quando elas ocorrem, a Nova República ainda despertava esperanças, mas já não era como em 1985. O PMDB já sofrera o desgaste dos seus governos burgueses. E no Brasil, em sua primeira eleição presidencial direta, a surpresa ocorreu. A campanha “Lula Presidente” converteu-se num movimento de massas. Lembra a campanha das Diretas com seus grandes comícios, mas era superior em conteúdo. O conteúdo de classe era forte, as bandeiras sociais eram por aumento salarial, por emprego, habitação e reforma agrária, e o conteúdo anti-imperialista se expressava na consigna do não pagamento da dívida e do Fora FMI. Eram bandeiras que ecoavam de multidões. Naquele ano, Lula passara a ser não apenas o principal líder do movimento operário, mas uma liderança nacional.

A burguesia ficou assustada, até porque um dos pilares da Nova República, seu acordo básico, foi o respeito absoluto à propriedade privada capitalista, incluindo o latifúndio, além dos pactos com o imperialismo norte-americano.

Jovem com princípios de senilidade

A história é conhecida. Lula perdeu no segundo turno em 1989. Fernando Collor ganhou. Um político burguês marginal, que não era parte do plano original dessa mesma burguesia, acabou assumindo a Presidência da República, uma instituição fundamental de um regime que completava cinco anos com sinais de senilidade. Nessas eleições, candidatos tradicionais da burguesia fracassaram, como o até então poderoso senhor Ulysses, que teve menos de 5%. Não é objeto deste artigo debater o que poderia ter sido, ainda que seja útil desenvolver a lógica modal de uma situação contrafactual.

O fato é que Collor venceu e dois anos depois foi derrubado da presidência. O primeiro presidente eleito pelo voto direto, opção da burguesia, mostrara-se um despreparado para gerência dos negócios comuns dessa mesma burguesia. A combinação de mobilizações estudantis e gestão desastrosa do governo (obviamente mais desastrosa para a classe trabalhadora) levou a classe dominante a optar pelo impeachment. Foi um solavanco no regime, mas, ao fim e ao cabo, uma experiência indolor.

As cartas se reacomodaram rapidamente já com a ajuda fundamental de Lula, que defendeu a posse de Itamar, não a bandeira de novas eleições. Itamar, vice de Collor com mais capacidade de diálogo do que o corrupto político de Alagoas, compôs seu governo de ampla unidade nacional. O PT não entrou porque não quis. Calculava ganhar as eleições de 1994 e preferiu ficar distante do governo, ainda que tenha legitimado sua posse. Alguns petistas de então, como a deputada Luiz Erundina, hoje no PSOL, aceitaram virar ministros. A estabilidade política do regime da Nova República estava sendo garantida pelo Congresso Nacional, com as associações de sempre, a mídia corporativa em primeiro lugar e a garantia, em última instância, das atentas Forças Armadas. A ordem estava reinando. Um regime de exploração sem contrarrevolução e com ilusões movimentando a política.

A Nova República fortalecida

A classe trabalhadora depositava em Lula suas expectativas. Mas, na eleição seguinte, foi FHC quem venceu. E no primeiro turno. Nas eleições seguintes, uma vez mais FHC ganha no primeiro turno. Foram oito anos em que Lula ficou em baixa. As esperanças do “Lula Lá!” tinham esvanecido para milhões, embora seguisse como o principal nome da classe trabalhadora. Mas o PT passava a ter mais peso nas ações parlamentares do que nas ruas. O MST era o movimento que mantinha algum vínculo com o ascenso dos anos 1980. Por sua vez, o avanço do neoliberalismo no Brasil reduzira a força objetiva da classe trabalhadora.

Neste período, o PSDB foi o eixo indiscutível de sustentação da Nova República, com a figura de FHC tendo grande destaque e fortalecendo de modo qualitativo a instituição presidencial. Finalmente a Nova República encontrara seu presidente, enquanto Lula se postulava para ocupar a vaga, agora mais vacilante. A própria oposição de Lula dava ares democráticos a um regime cujo controle burguês era completo e a exploração da classe trabalhadora adquiria um ritmo crescente, embora numa intensidade bem inferior à vivida atualmente. O regime que já não despertava muitas esperanças estava ainda relativamente estável na esteira das contrarreformas dos anos 90. Até que veio a crise. Estourou em 1999 o efeito tequila (crise econômica mexicana de 1994), retardado em quatro anos. O segundo mandato seria o fim do PSDB, a reta final como partido capaz de sustentar a Nova República. De lá para cá, o PSDB não ganhou mais nenhuma eleição presidencial. Manteve sua funcionalidade para o regime burguês com o controle político do Estado de SP, o que logicamente não é pouca coisa, e como liderança da oposição aos governos do PT, cuja vez de assumir a instituição presidencial e o lugar mais importante na sustentação do regime originado em 1985 finalmente chegara.

O pacto de 2002

Lula demonstrou ser um mestre nesta tarefa. A carta ao povo brasileiro é o símbolo deste período, um documento para atender os interesses dos banqueiros em nome do povo brasileiro. Sabe-se que, para vencer, ele primeiro curvou completamente o PT. As oposições no seu interior tornaram-se peças de propaganda para convertidos e defensores ardorosos de Lula em público. Durante dois mandatos, a estabilidade reinou no capitalismo brasileiro. Apenas o PSOL fez oposição. Como não tinha força para ameaçar a ordem, foi deixado de lado. No terceiro mandato, quando Lula sai de cena, a situação se complica. A crise do capitalismo de 2007/2008 fazia sentir seus efeitos. Mas a burguesia brasileira estava embriagada com as obras da Copa. E o PT também. Uns pelo dinheiro, outros pelo prestígio, a maioria por ambos.

O fato é que estourou junho de 2013. É preciso um debate especial sobre essa rebelião. Mas é incontestável que foi o mais forte e contundente movimento de massas da história recente. Mais contundente que as Diretas Já, a radicalização foi sua marca. E a radicalização era o oposto ao pregado pelo pacto da Nova República. Nesse ano, o regime surgido em 1985 teve seu funcionamento interrompido.

A Nova República quebrada e na UTI

Dali em diante, ficou evidente que as ruas passariam a ter mais peso na política. A relação de forças entre as classes e os setores de classes, seus partidos e organizações em luta entra num período de fluidez, em que alterações significativas podem ocorrer em dias, às vezes em horas, influenciadas por ações políticas que ganham um peso especial, que não têm em períodos normais. Isso vale, sobretudo, para a política revolucionária e outras forças que queiram emergir. Naquela crise, a abertura de um processo constituinte era o mínimo necessário para garantir um canal democrático para as energias despertas. Mas existiu a uni-

dade nacional para combater as Jornadas de Junho. Elas foram combatidas com vários mecanismos, entre os quais as agora chamadas *fake news*, mas, sobretudo, com tanques, cavalaria e bombas. Ver quem estava em cada lado daquelas jornadas e examinar as razões de cada um são lições elementares de política. A Nova República entrou na UTI.

As eleições de 2014 ocorreram normalmente, e os candidatos com chances de vitória faziam de conta que Junho não ocorrera. Lula estava preservado. Saíra do mandato presidencial com alta popularidade. Já Dilma ganhou por pouco. E logo em seguida, em março, forças burguesas foram às ruas. E levaram massas. O ajuste fiscal de Dilma e Levy corroía a base social do governo. A capacidade de mobilização petista já havia sido enfraquecida desde o primeiro mandato de Lula. As esperanças eram nulas. O que aparecia como novo era justamente a necessidade de encerrar o ciclo do PT na instituição presidencial e na articulação mais importante de sustentação de um regime na UTI. Mas, se chamando de novo, era a política burguesa reacionária que dominava. O recado ao PT era claro. O partido não fora capaz de evitar a rebelião. Sua utilidade para a classe dominante havia sido posta em questão. Muitos setores da burguesia preferiam não ir tão longe. Mas o descontentamento de setores médios e a força das ruas, animada pela extrema direita que aí nascia com força (além do que sempre esteve presente nos porões e esgotos das instituições burguesas, Forças Armadas principalmente), acabaram se impondo. As operações judiciais que surgiram em 2014 e foram congeladas na eleição pela mídia ganharam os holofotes com o mesmo objetivo, isto é, tirar Dilma do poder e afastar Lula da política via prisão para permitir uma nova transição, agora sem o PT. O pacto havia sido rompido pela burguesia.

Enquanto isso, a Nova República permanecia na UTI e a caotização seguia avançando na superestrutura política. O plano resultou em Bolsonaro. Desta vez, não era apenas um desprepara-

do. Bolsonaro assumiu querendo tirar os aparelhos que mantêm a Nova República. Seu plano foi estabelecer um novo regime, combinando repressão estatal e neoliberalismo.

A tentativa de desligar os aparelhos

No início, a maioria da burguesia aceitou a aposta, até pela ausência de alternativa. Mas uma parte apostou por acreditar que era o melhor caminho para aumentar suas taxas de lucro e um lugar melhor para o Brasil na divisão internacional do trabalho. Aos descontentes, o relho. Mas as coisas não foram tão simples. Um setor da burguesia, notadamente o setor ligado à cultura e com vínculos nacionais, defendeu o velho regime. Bolsonaro veio com muita sede ao pote, e a divisão se aprofundou. A pandemia em seguida mostrou sua irracionalidade, marca da extrema-direita, cujo sintoma aparece de uma forma ou outra. Apareceu pela negação da pandemia, da ciência e da vacina. Vivemos a experiência de um trauma social. Uma experiência para a qual o povo não estava preparado. A ruptura de todas as classes com o governo ganhou força, tornou-se irreversível, e a busca por alternativas ganhou corpo. De todas, apenas Lula se apresentou como capaz de garantir a vitória eleitoral contra Bolsonaro. Levando em conta que depois de um trauma o horizonte de expectativas se reduz muito, o nome de Lula chega a produzir esperança. Hoje sua posição na disputa presidencial está tão consolidada que até setores ligados ao governo estão se insinuando.

O jornalista Vinicius Torres Freires, sempre bem informado, diz: “No PSD, no MDB, no Republicanos (Igreja Universal), no PSC há adeptos da debandada pró-Lula. Tanto que esses partidos podem ser incapazes de ‘fechar questão’ em favor de tal ou qual candidatura. É esse o caso mesmo do PP, dos regentes do governo Bolsonaro, Ciro Nogueira, ministro da Casa Civil, e Arthur Lira, presidente da Câmara. No PP, a conversa é liberar ‘acordos regionais’ (aderir a Lula ou ficar ‘neutro’ até saber em qual barco

pular)".

A eleição ainda não está ganha, é verdade. Mas o favoritismo de Lula está animando os mercados, e não só eles, mas também a classe dominante que desde sempre coordena o Estado e que não seria estúpida a ponto de negar a liderança de Lula, o nome mais forte do Estado brasileiro nos últimos 50 anos. A escolha de Alckmin como vice está dada e foi um gesto público de Lula para mostrar como quer governar. Em outro artigo, defini que a escolha de Alckmin era a Carta ao Povo Brasileiro publicada por Lula em 2002,² quando ele foi forçado a escrever o compromisso com o capital para ser aceito no condomínio de poder. Mas era uma definição limitada. Desta vez, não houve constrangimento. Lula se sente em casa. Foi chamado para salvar a Nova República. Nunca esse pedido lhe havia sido feito. Saiu da prisão para essa função. Agora, a garantia é o próprio Lula.

Quando Dilma caiu, é verdade que não havia base popular para defendê-la. É verdade que as bases petistas estavam se evaporando depois de anos no exercício do poder burguês e depois de Junho de 2013. Como se não bastasse, Dilma começou a aplicar um ajuste fiscal que nem no PT teve apoio. E a burguesia ainda queria mais. Acontece que Dilma, como disse Lula, é de pouco diálogo. Lula é um mestre na arte da conversa. A burguesia que está se unindo ao seu nome não quer passar por novas experiências como a do impeachment. Lula tem isso bem amarrado. Não é apenas porque ele é bom de conversa, como se diz – a tal ponto que até uma parte da esquerda que se reivindica revolucionária se encanta com ele e acredita que possa lhe propor um programa anticapitalista quando ele deixa claro, todos os dias, que seu programa é salvar e, quem sabe desenvolver, o capitalismo brasileiro. Lula tem a segurança de um líder que foi chamado por setores fundamentais do Estado capitalista para garantir ordem na casa. Há entre eles um acordo sólido porque o próprio Lula encarna

2 Disponível em: <<https://movimentorevista.com.br/2021/12/com-alcmin-a-carta-ao-povo-brasileiro-esta-assinada/>>.

um pensamento que responde a política que estes setores defendem. Há domínio da integração.

A Nova República reanimada

As contradições entre Lula e Alckmin são realmente muito menores do que pensam setores políticos que acreditam que Lula é um líder que dialoga com alguma abertura com o pensamento anticapitalista. O projeto Lula é de unidade nacional sem a extrema-direita bolsonarista para reconstruir o regime político quebrado e cada vez mais disfuncional até mesmo para setores fundamentais da burguesia brasileira.

Faltam, ainda, meses para a eleição, mas o favoritismo de Lula lhe garante um lugar no segundo turno. O mais provável é que seja contra Bolsonaro. Apoiar Lula é uma obrigação moral e política básica porque será um voto a favor de um regime democrático versus um projeto contrarrevolucionário.

Não nos é indiferente como a burguesia domina. Mas as eleições são uma chance para um debate de programa. É normal que, depois de um trauma, o horizonte se estreite e apenas a solução seja a questão que mobilize. Mas a discussão sobre o programa prepara para o futuro. Limitar os horizontes socialistas à reanimação da Nova República é a aceitar um programa burguês como saída da crise nacional. Uma candidatura própria do PSOL no primeiro turno permitiria fazer agitação propagandista, explicar pacientemente que é preciso enfrentar os interesses dos grandes capitalistas, questionar, em última instância, a cláusula fundamental do pacto da Nova República, a defesa da propriedade privada capitalista. Não é o caso de entrar aqui na discussão de programa, mas apenas apontar que o PSOL não deveria abdicar de fazê-lo. É claro que se o PSOL fizesse isso e não deixasse claro o voto em Lula no segundo turno, estaria sendo aventureiro, numa situação em que aventuras apenas servem para fortalecer a extrema-direita. É preciso medir a relação de forças. Nessa me-

dição, é evidente que não há riscos de Lula não estar no segundo turno. Neste quadro, em vez de forças de esquerda ficarem “exigindo” de Lula tal ou qual decisão, tratando até de desgastá-las, vale mais é se unirem para apresentar sua política pela positiva numa candidatura que possa externar suas ideias.

Assim, no dia seguinte, poderemos estar melhor preparados para começar a construir uma alternativa ao regime da Nova República, não permitindo que apenas o fascismo fique se postulando como uma nova possibilidade.

PROFESSORES DO ENSINO OFICIAL
DO ESTADO DE SÃO PAULO
www.apeesp.org.br

FORA
mamãefalei!
MACHISTAS NÃO PASSARÃO

MULHERES
CONTRA A
GUERRA

FORA
mamãefalei!
MACHISTAS NÃO PASSARÃO

FORA
BOLSONARO!

FORA
mamãefalei!
MACHISTAS NÃO PASSARÃO

VACINA,
COMIDA
E TRABALHO

Mulheres
Contra
Bolsonaro
ELE NÃO!

AtivQz



LATA
LIXO
MACHISTAS